

INSTITUTO  
FEDERAL  
FLUMINENSE

**CURSO SUPERIOR  
DE LICENCIATURA  
EM TEATRO**  
*campus* **CAMPOS CENTRO**

Campos dos Goytacazes

2015

# **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM TEATRO**

**Campos dos Goytacazes/RJ  
2015**

**REITOR**

Prof. Me. Luiz Augusto Caldas Pereira

**PRÓ-REITOR DE ENSINO**

Prof. Me. Carlos Márcio Viana Lima

**DIRETOR DO CAMPUS CAMPOS-CENTRO**

Prof. Dr. Jefferson Manhães de Azevedo

**DIRETORA DE ENSINO SUPERIOR DOS CURSOS DE LICENCIATURAS**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marlúcia Cereja de Alencar

**COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO  
SUPERIOR DE LICENCIATURA EM TEATRO**

Prof<sup>a</sup> Especialista Kátia Macabu de Sousa Soares

Prof. Me. Adriano Ferraiuoli

Prof<sup>a</sup> Me. Nicaulis Costa Conserva

Prof<sup>a</sup> Especialista Mônica Cristina Mesquita de Souza

Prof. Especialista Victor Matos de Oliveira

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marlúcia Cereja de Alencar

Pedagoga Me. Conceição de Maria Campinho Rabello Corte Real

## APRESENTAÇÃO

Na perspectiva da construção e consolidação de *quefazeres* que concretizem o princípio da inclusão social e do desenvolvimento local e regional sustentável com foco no desenvolvimento humano, o presente documento apresenta o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Licenciatura em Teatro.

O objetivo deste documento é o de implantar um Curso de Graduação para a formação de licenciados na área de teatro do Instituto Federal Fluminense - IF Fluminense -, contribuindo na produção do conhecimento e desenvolvimento do fazer artístico, da sensibilidade estética e cultural. Nesse sentido, baseia-se nos princípios de liberdade, nos ideais de solidariedade humana e busca o preparo para o exercício da cidadania e a atuação profissional no mundo do trabalho.

A finalidade é a viabilização da formação de professores de teatro num território de abrangência onde esta formação não é oferecida, o que equivale ao município de Campos dos Goytacazes, a todo o interior Fluminense e às regiões limítrofes dos estados vizinhos: Minas Gerais e Espírito Santo.

Afirma-se, neste documento, que tal formação deve ser pautada por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade, atuando na formação do profissional e do cidadão. Acrescenta, também, que o licenciado deverá criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando o conhecimento das áreas a serem ensinadas, das temáticas sociais transversais à matriz curricular escolar, bem como das respectivas didáticas.

Caberá como elo transformador o incentivo ao licenciando-pesquisador de participar, a partir do terceiro período letivo, de pesquisas coadunadas com as linhas de pesquisa do Curso e, para isso, será devidamente orientado por um professor do Curso. Esta práxis far-se-á de modo sistemático a partir da participação do licenciando em no mínimo seis laboratórios de experimentação cênica, oferecidos a partir deste período até o final do curso.

A partir do quarto período do Curso o LEAT (Laboratório de Ensino e Aprendizado de Teatro) – IF Fluminense terá, como uma de suas atividades, a promoção de cursos de

extensão. A extensão torna-se também um exercício incentivado como uma forma de prática profissional, em que os professores e alunos do curso atuarão em cursos a serem implantados nas escolas públicas de educação básica do município.

O Curso de Licenciatura em Teatro, na modalidade presencial, visa à formação de professores em oito períodos letivos, com uma organização curricular em que se articulam três dimensões: dos saberes específicos, dos saberes instrumentais e dos saberes da prática profissional, tendo como referência as finalidades, o perfil do egresso e os objetivos descritos neste documento. O detalhamento da organização didático-pedagógica do Curso; sua relevância e justificativa para sua criação; a contextualização do Instituto Federal Fluminense e do *campus* Campos-Centro; a infraestrutura do *campus*; os programas existentes de apoio aos discentes e servidores; a avaliação do Curso; o corpo docente são elementos que constam do presente documento.

Este PPC foi construído por meio de debates, reuniões, sugestões e propostas de especialistas da própria Instituição, bem como do professor doutor Micael Cortês Gomes da Universidade Federal do Acre – UFAC. Teve como referência as experiências apontadas em Projetos Pedagógicos de Cursos de outros cursos de Licenciatura em Teatro do Brasil, como da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de São João del-Rei, Universidade Federal do Acre, Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Estado do Rio – UNIRIO, Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal de Tocantins, Instituto Federal de Tocantins, Universidade Federal de Alagoas entre outras.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das Mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro .....	7
Figura 2 - Mapa da Abrangência Regional do IF Fluminense .....	8
Figura 3 - Oportunidades de Verticalização de Estudos.....	10
Figura 4 - Mapa do Município de Campos dos Goytacazes.....	12
Figura 5 - Manifestação cultural: lenda do Ururau da Lapa .....	13
Figura 6 - Localização do IF Fluminense <i>campus</i> Campos Centro.....	15
Figura 7 - Teatro Municipal Trianon.....	25
Figura 8 - Grupo Nós do Teatro encenando Pirandello? Nunca Mais! (2014).....	26
Figura 9 - Croqui dos ambientes de aprendizagem do conjunto de prédios que abriga o campus Campos-Centro do IF Fluminense .....	29

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
1.1. Contextualização do Instituto Federal Fluminense .....	6
1.2. Contextualização do Instituto Federal Fluminense <i>campus</i> Campos-Centro .....	11
1.3. Justificativa e relevância do Curso .....	19
1.4. Infraestrutura do <i>campus</i> .....	29
1.5. Programas de Apoio aos Discentes, Docentes e Técnicos Administrativos em Educação.....	32
1.5.1 Programas de Apoio aos Discentes .....	32
1.5.2 Programas de apoio ao desenvolvimento acadêmico-profissional e à formação continuada dos servidores do IF Fluminense .....	34
1.5.3 Programa de apoio à Produção Acadêmica para servidores e alunos pesquisadores .....	34
1.5.4 Programa de Formação Doutoral Docente/CAPES .....	35
1.5.5 Programa Tecnologia-Comunicação-Educação (PTCE) .....	35
1.5.6 Centro de Referência em Tecnologia, Informação e Comunicação na Educação ..	35
2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO	37
2.1 Identificação do Curso.....	37
2.1.1 Formas de acesso ao Curso.....	37
2.1.2 Regime de Matrícula .....	38
2.1.3 Núcleo Docente Estruturante (NDE) .....	39
2.1.4 Colegiado do Curso.....	39
2.1.5 Convênios e/ou Ações que promovam integração com as escolas da Educação Básica das redes públicas e privadas .....	40
2.2 Aspectos legais que fundamentam a criação do Curso.....	40
2.3 Concepções e finalidades do Curso.....	47
2.4 OBJETIVOS .....	49
2.4.1 Objetivo Geral .....	49
2.4.2 Objetivos específicos .....	50
2.5 Perfil do egresso .....	51
2.6 Organização Curricular .....	53
2.6.1. Conteúdos/ementas/referências .....	64

2.6.2. Prática Profissional .....	145
2.6.3. Avaliação da aprendizagem .....	147
2.6.4. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) .....	147
3. CORPO DOCENTE.....	150
4. Avaliação do Curso .....	155
6. ANEXOS .....	156

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização do Instituto Federal Fluminense

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF Fluminense) tem sua origem há mais de um século, quando da criação da Escola de Aprendizes e Artífices de Campos, em 23 de setembro de 1909, por meio do Decreto N° 7.566 assinado por Nilo Peçanha, então Presidente da República. Surge com o propósito de educar e proporcionar oportunidades de trabalho para os jovens das classes menos favorecidas.

Ao longo de sua história, o IF Fluminense passou por alterações não só no que se refere à sua denominação, como também, gradualmente, foram redimensionados sua filosofia, seus objetivos, seu perfil e sua própria organização e escopo de atuação institucional. Desta forma, transformou-se em 1942 de Escola de Aprendizes e Artífices de Campos em Escola Industrial de Campos com a Lei Orgânica do Ensino Industrial. Surge atrelada às políticas de desenvolvimento, com interesse voltado para o crescimento e consolidação da indústria, passando a ser equiparada às escolas de Ensino Secundário e Médio, o que possibilitava o prosseguimento de estudos no que diz respeito à formação profissional em nível secundário, embora só permitisse ingresso ao nível superior em carreiras correlatas.

A Escola Industrial de Campos passa a viver momentos de grandes incertezas a partir do Decreto-Lei N.º 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, que normatiza as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Tais incertezas estão ensejadas pelo texto do Capítulo III, art. 8 que institui a Escola Técnica de Niterói com sede na Capital do Estado do Rio de Janeiro e no art. 9, § 2.º, que estabelece a transferência da Escola Industrial de Campos para a administração estadual ou sua extinção, à medida que entra em funcionamento a Escola Técnica de Niterói.

No Diário Oficial da União de 04 de dezembro de 1944 publica-se o Decreto-Lei N.º 7.121, que transfere a Escola Técnica de Niterói para a Cidade de Campos e a incorpora a esta a Escola Industrial de Campos.

Em 1959, transformou-se de Escola Técnica Industrial de Campos em Escola Técnica Federal de Campos com a promulgação da Lei N.º 3.552 de 16 de fevereiro de 1959, que dispõe sobre a nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de Ensino Industrial do Ministério de Educação e Cultura e dá outras providências, conferindo às

Escolas Industriais, segundo o art.16, “personalidade jurídica própria e autonomia didática, administrativa, técnica e financeira”. Já em 18 de dezembro de 1999 transforma-se de Escola Técnica Federal de Campos em Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos o que resulta em um crescimento de possibilidades para a Instituição no sentido de atuar com maior autonomia e nos mais diferentes níveis de formação. Por último, permanecendo até os dias de hoje, transforma-se de Centro Federal de Educação Tecnológica de Campos em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF Fluminense) por meio da Lei N.º 11.892 de 29 de dezembro de 2008, publicada no D.O.U. de 30 de dezembro de 2008 que também institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.

O IF Fluminense constitui um dos trinta e oito Institutos decorrentes de uma política pública de expansão da Rede Federal de Educação Profissional e é integrado por *campus* distribuídos em mesorregiões. Cada mesorregião constitui subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Criada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e é utilizada para fins estatísticos e, como tal não constitui uma entidade política ou administrativa. A figura 1 retrata as Mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 1 - Mapa das Mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro

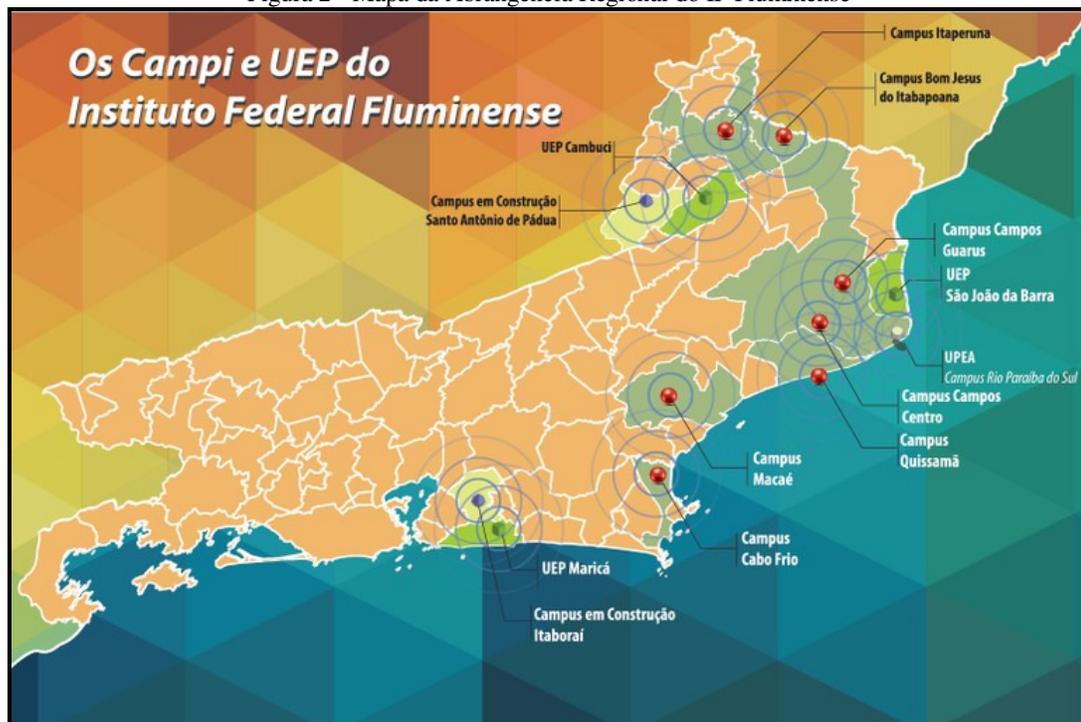


Fonte: <<http://www.arraialdocabo.com.br/como-chegar-em-arraial-do-cabo/mesorregioes-do-rio-de-janeiro.htm>>

Os *campi* do IF Fluminense estão localizados em mesorregiões do Estado do Rio de

Janeiro. São eles: (i) na mesorregião do Norte Fluminense, os *campi* Campos-Centro, Campos-Guarus, Macaé, Quissamã, *campus* Avançado São João da Barra, a Unidade de Pesquisa e Extensão Agroambiental de Rio Paraíba do Sul e, ainda, o Centro de Referência em Tecnologias, Informação e Comunicação na Educação e a Reitoria (ii) na mesorregião do Noroeste Fluminense, os *campus* Santo Antônio de Pádua, Bom Jesus do Itabapoana, *campus* Avançado Cambuci, e o *campus* Itaperuna – que também conta com dois polos de Educação a Distância: um na própria cidade e outro localizado em Miracema; (iii) na mesorregião das Baixadas, o *campus* Cabo Frio (Região dos Lagos); (iv) na mesorregião metropolitana do Rio de Janeiro, em fase de implantação, os *campi* Itaboraí e Maricá. Na figura 2, retrata-se a localização dos *campi* do IF Fluminense por Mesorregiões.

Figura 2 - Mapa da Abrangência Regional do IF Fluminense



Fonte: <<http://portal.iff.edu.br/campus>>

A distribuição dos *campi* do IF Fluminense em diversas mesorregiões do Estado do Rio de Janeiro traz em seu bojo outra dimensão ao trabalho institucional ao expandir seu campo de abrangência. Transforma a estrutura do IF Fluminense, o que possibilita sua contribuição no desenvolvimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais no âmbito de sua atuação institucional no Estado, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural. A expectativa é que tal

contribuição acarrete alterações significativas na realidade das mesorregiões do Norte e Noroeste Fluminense; das Baixadas Litorâneas e, a partir da implantação do *campus* Itaboraí e do *campus* Maricá, também possam colaborar para o desenvolvimento da mesorregião metropolitana do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, os *campi* vislumbram investimentos educacionais que priorizem o desenvolvimento e a produção dessas regiões, diante das exigências do mundo de trabalho e valorização das comunidades em que está inserido.

O IF Fluminense, conforme especificado em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), tem como missão: (i) formar e qualificar profissionais no âmbito da educação tecnológica, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, para os diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional, (ii) realizar pesquisa aplicada e promover o desenvolvimento científico e tecnológico de novos processos, produtos e serviços, em estreita articulação com os setores produtivos e a sociedade em geral, especialmente de abrangência local e regional, oferecendo mecanismos para a educação continuada e criando soluções técnicas e tecnológicas para o desenvolvimento sustentável com inclusão social, (iii) integrar de forma sistêmica os diversos *campi* pautada em uma estrutura multicampi e pluricurricular, sem contudo abdicar-se do princípio de uma única e singular instituição.

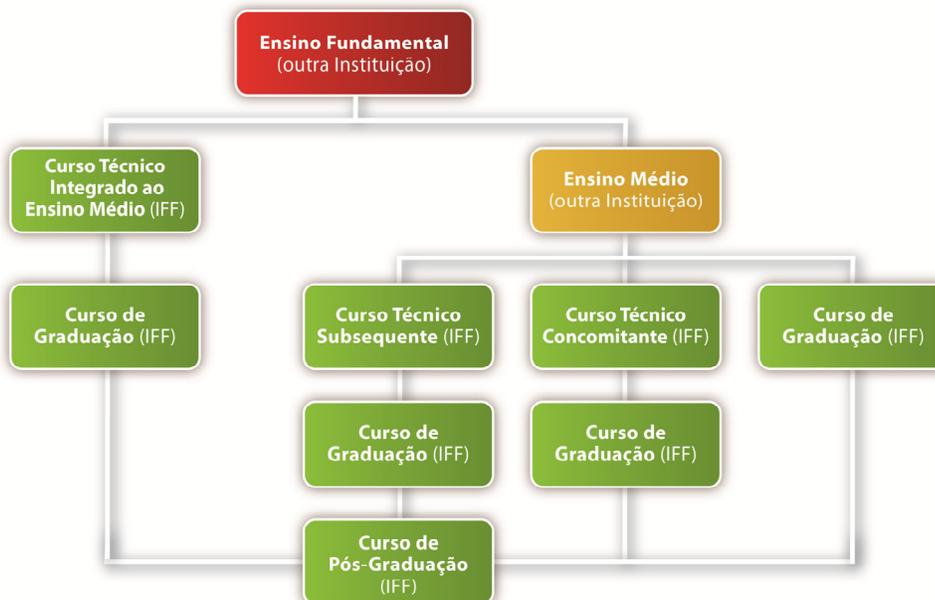
No PDI do IF Fluminense, estão também retratados os princípios que norteiam suas práticas acadêmicas quais sejam: (i) compreensão de que educar é um ato político e que nenhuma ação pode estar caracterizada pela neutralidade; (ii) integração com a comunidade, contribuindo para inclusão social, com o desenvolvimento local e regional; (iii) reconhecimento de que a educação, historicamente, tem sido um meio do qual o poder se apropria para sustentar o processo de dominação, mas que pode, contraditoriamente, concorrer de forma significativa para a transformação social; (iv) entendimento da necessidade de superação do caráter compartimentado e dicotômico existente no processo educativo que separa homem/cidadão, teoria/prática, ciência/tecnologia e saber/fazer; (v) adoção do trabalho como princípio educativo norteando as ações acadêmicas; (vi) percepção de que é imprescindível um trabalho educativo em que haja a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, respeitando o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas e a busca da superação das contradições existentes; (vii) conscientização de que a pesquisa é hoje, cada vez mais, inerente ao processo de construção do conhecimento e que seus resultados devem

retornar à sociedade contribuindo para sua transformação; (viii) reconhecimento do saber tácito do aluno e da contribuição que suas experiências podem trazer para o processo de construção e de produção do conhecimento; (ix) constatação de que as novas tecnologias da informação constituem ferramentas de democratização do conhecimento; (x) preocupação com a valorização do profissional da educação; (xi) atuação dos profissionais nos diversos cursos, de diferentes níveis educacionais, possibilitando uma integração entre as propostas pedagógicas de cursos; (xii) participação em Projetos Internacionais que integrem o planejamento educacional da instituição contribuindo para o enriquecimento social, econômico e cultural; (xiii) busca do estabelecimento de parcerias públicas que fomentem as atividades de ensino-pesquisa-extensão.

Na agenda de prioridades do IF Fluminense, pode-se identificar seus principais fundamentos, quais sejam: (i) o ensino nos diversos níveis e modalidades, em especial, da educação profissional e tecnológica, considerando a realidade local e regional; (ii) a implementação de pesquisa e extensão articuladas ao desenvolvimento e à sustentabilidade da região de sua abrangência; (iii) o fortalecimento das relações internacionais; (iv) o compromisso com a verticalização do ensino; (v) o compartilhamento dos recursos materiais e de infraestrutura; (vi) a democratização do acesso e da permanência para a promoção da inclusão social; (vii) a valorização da força de trabalho docente e técnico-administrativa.

O IF Fluminense oportuniza, por meio de percursos formativos diversos, a convivência com a diversidade sociocultural e a pluralidade no campo das ideias e concepções pedagógicas que norteiam os seus diferentes currículos. As possibilidades apresentadas pelo IF Fluminense permitem a construção de itinerários formativos (Figura 3) diferenciados de acordo com a elevação de escolaridade alcançada.

Figura 3 - Oportunidades de Verticalização de Estudos



Fonte: Adaptação do Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2014

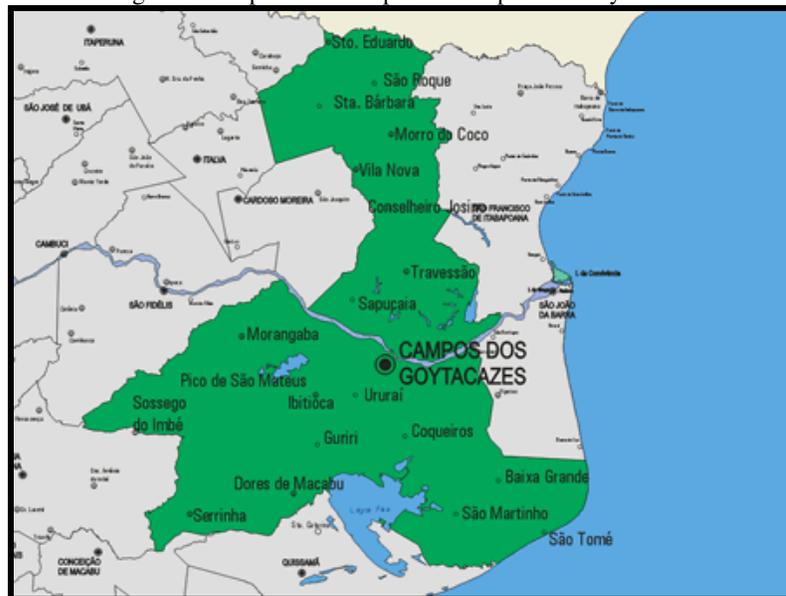
Neste contexto, o IF Fluminense possibilita a verticalização da Educação Básica à Educação Profissional e à Educação Superior, otimizando a sua infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão.

A Estrutura Organizacional do IF Fluminense é constituída por uma Reitoria assim composta: (i) Reitor; (ii) Pró-Reitor de Administração; (iii) Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional (iv) Pró-Reitora de Ensino; (v) Pró-Reitora de Extensão e Cultura e (vi) Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação.

## 1.2 Contextualização do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos-Centro

A partir do ato legal da criação do IF Fluminense em 2008, a então sede do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia torna-se um *campus* do IF Fluminense e passa a ser denominado IF Fluminense *campus* Campos-Centro. Neste cenário surge, então, um novo começo para a história dessa centenária instituição de educação profissional técnica e tecnológica, localizada no estado do Rio de Janeiro, no município de Campos dos Goytacazes (Figura 4).

Figura 4 - Mapa do Município de Campos dos Goytacazes



Fonte: [http://www.agenciario.com/municipios/dados-gerais\\_geograficos.asp?codMunic=75](http://www.agenciario.com/municipios/dados-gerais_geograficos.asp?codMunic=75)

O município de Campos dos Goytacazes possui a mais vasta área do Estado do Rio de Janeiro, cujos campos dos índios Goytacazes faziam parte da capitania de Pero de Góis da Silveira, conforme consta na Carta de Doação de 28 de agosto de 1536. Está situado no norte do Estado do Rio de Janeiro. Nele está sediado o *campus* Campos-Centro, que possui uma localização geográfica que facilita principalmente o atendimento a alunos oriundos de cidades que se encontram em um raio de aproximadamente 200 km, pertencentes a várias Regiões tais como: Região Norte, Noroeste, Serrana e Lagos Fluminense, Região Sul do Espírito Santo e parte da Região Sudeste de Minas Gerais.

Sua tradição cultural remonta há mais de 400 anos e funciona, junto com o município de Macaé, como um polo difusor do povoamento, tanto da própria região em que está inserido, como da região do Noroeste Fluminense. Isso se deve a sua relevância cultural, heranças deixadas pelos grupos étnicos formadores da população dessa região, o que comprova a importância histórica e cultural do município e o legado deixado por mais de quatro séculos de existência.

O Patrimônio Cultural de Campos dos Goytacazes permite que esta cidade seja considerada um museu a céu aberto e a segunda do Brasil em arquitetura eclética, com a particularidade de ter um conjunto compacto de seus prédios, além de outros estilos como o neoclássico e o *art-nouveau*. Também se destaca por sua arquitetura religiosa, rica em

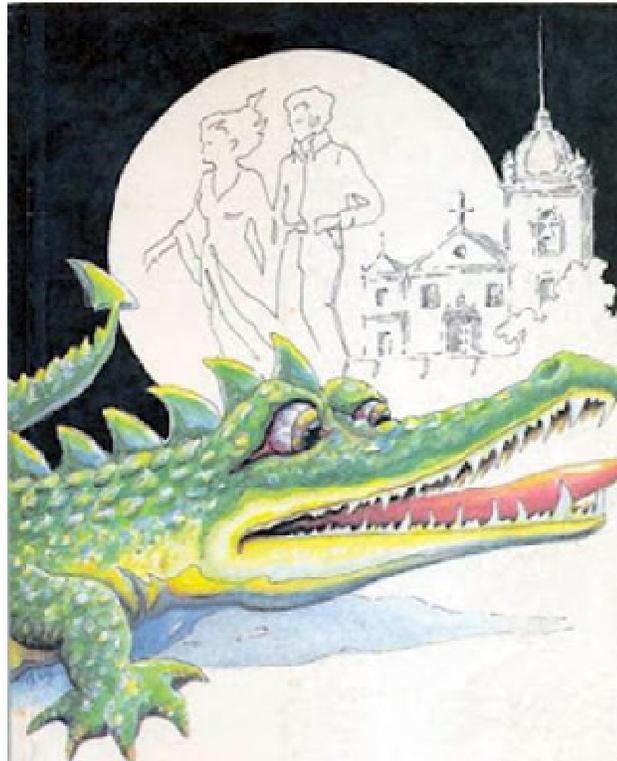
exemplares que vão do Barroco ao Moderno e por seus Solares, originários do Ciclo Áureo do Açúcar. Este conjunto determina a magnitude da arquitetura campista, de importância histórica na cidade e no país<sup>1</sup>.

Apresenta, também, uma riqueza na Cultura Popular, legado de uma região marcada pela aristocracia rural durante muito tempo. Destacam-se as seguintes manifestações: danças típicas, como Jongo e Mana-Chica do Caboio; a lenda do Ururau da Lapa (Figura 5) e o Boi Pintadinho, que a cultura transformou em Boi-de-Samba no carnaval campista, única manifestação deste tipo de Boi que se tem informação no Brasil. Os Eventos Culturais que merecem destaque são a Cavalhada de Santo Amaro, representação da luta entre mouros e cristãos trazida pelos padres beneditinos para a Baixada campista há três séculos e realizada tradicionalmente na Festa, em louvor ao Padroeiro da Baixada Campista, o Santo Amaro e que é realizada há mais de 327 anos. Outra festa religiosa de destaque é a do Santíssimo Salvador, que reverencia o padroeiro da cidade. Ela consiste de programação sacra e profana, com Festival de doces, grandes shows populares, concertos de música erudita, festival de dança, atividades esportivas, etc<sup>2</sup>. Também apresenta uma gastronomia com a confecção de doces típicos e tradicionais: o chuvisco, doce feito basicamente de gemas de ovos e açúcar, herança da colonização portuguesa, e a goiabada, doce feito com goiabas, fruto comum no município. Mais recentemente estão sendo promovidos festivais gastronômicos e de petiscos, na Praia do Farol de São Tomé, assim como o Festival Doces Palavras, que reúne os fazeres culturais da cidade (poesia, música, teatro, doces e artesanato) na tradicional Praça do Liceu. Outra peculiaridade cultural do município se apresenta no vocabulário, especialmente dos moradores da Baixada Campista, que traz elementos encontrados em cidades que receberam um grande número de escravos, caso de Campos dos Goytacazes. No entanto, sua tradição indígena praticamente foi dizimada da memória e das manifestações culturais, assim como os índios Goytacazes que moravam nesta região.

Figura 5 - Manifestação cultural: lenda do Ururau da Lapa

<sup>1</sup> Disponível em: < [http://www.coseac.uff.br/cidades/campos\\_antiga.htm#pontos](http://www.coseac.uff.br/cidades/campos_antiga.htm#pontos) > Acesso em: 07 jan. 2015

<sup>2</sup> Disponível em: < [http://www.coseac.uff.br/cidades/campos\\_antiga.htm#pontos](http://www.coseac.uff.br/cidades/campos_antiga.htm#pontos) > Acesso em: 07 jan. 2015



Fonte: [http://camposturismo.com.br/informacao/1073\\_folclore-lendas](http://camposturismo.com.br/informacao/1073_folclore-lendas)

Economicamente, o município se destaca a partir da implantação da ferrovia, em 1837, devido a maior circulação de mercadorias e de pessoas, transformando o município em centro ferroviário da região. A grande riqueza de Campos do séc. XIX pode ser creditada à expansão da produção açucareira, inicialmente apoiada em engenhos a vapor e substituídos, posteriormente, por usinas de açúcar. A pecuária teve papel importante na economia da região, assim como o café, responsável pela prosperidade dos distritos de Cardoso Moreira e Italva, atualmente transformados em municípios. A descoberta de petróleo e gás natural na plataforma continental da Bacia de Campos, em 1974, propiciou o aumento significativo da receita municipal a partir de então, por meio dos recursos provenientes dos *royalties* - compensação financeira paga aos municípios produtores pelo impacto ambiental causado pela extração desta riqueza mineral.

A importância política do município é revelada, por exemplo, por ter sido palco de importantes acontecimentos como: a vinda, por quatro vezes, do imperador D. Pedro II às terras campistas; ter sido primeira cidade da América Latina a ser dotada de luz elétrica e por ter oferecido um campista para exercer o mais alto cargo da Nação, a Presidência da República, o Dr. Nilo Peçanha, bem como cinco governantes do Estado do Rio de Janeiro.

Terra do abolicionista José do Patrocínio, do escritor José Cândido de Carvalho e das mulheres heroínas, Nina Arueira e Benta Pereira.

O IF Fluminense *campus* Campos-Centro (Figura 6) está localizado na área central do município de Campos dos Goytacazes/RJ.

Figura 6 - Localização do IF Fluminense *campus* Campos Centro



Fonte: Núcleo de Imagens do IF Fluminense – *campus* Campos-Centro  
Fotógrafo: Diomarcelo Pessanha

Atualmente o *campus* Campos-Centro conta com um quantitativo em torno de 5000 (cinco mil) alunos, sendo aproximadamente 2000 (dois mil) alunos do Ensino Superior, conforme dados fornecidos pelo Registro Acadêmico e 593 (quinhentos e noventa e três) servidores, de acordo com as informações da Assessoria de Gestão de Pessoas do referido *campus*.

O IF Fluminense *campus* Campos Centro está estruturado da seguinte forma:

- **Diretor Geral**
  - \* Chefia de Gabinete
  - \* Coordenação da EJA e Programas Formativos de Inclusão Social
  - \* Coordenação de Arte e Cultura
  - \* Coordenação de Comunicação
- **Diretoria de Infraestrutura**
- **Diretoria de Apoio e Manutenção**

- \* Coordenação de Apoio e Manutenção
- **Diretoria de Gestão Financeira Orçamentária**
- **Diretoria de Extensão**
  - \* Coordenação da Agência de Oportunidades
- **Diretoria de Tecnologia da Informação e Comunicação**
  - \* Coordenação de Administração de Redes
- **Diretoria de Apoio às Atividades Administrativas e Acadêmicas**
  - \* Coordenação de Produção Gráfica
  - \* Coordenação de Eventos e Multimídia
  - \* Coordenação de Transporte e Logística
  - \* Coordenação de Turno da Manhã
  - \* Coordenação de Turno da Tarde
  - \* Coordenação de Turno da Noite
- **Diretoria de Assuntos Estudantis**
  - \* Coordenação do Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais
  - \* Coordenação de Apoio ao Estudante
  - \* Coordenação da Biblioteca
  - \* Coordenação de Saúde, Nutrição e Qualidade de Vida
- **Diretoria de Ensino Médio**
  - \* Coordenação Adjunta da Diretoria de Ensino Médio
  - \* Coordenação da Área de Ciências Humanas
  - \* Coordenação da Área de Linguagens e Códigos
  - \* Coordenação da Área de Ciências da Natureza e Matemática
  - \* Coordenação de Educação Física
- **Diretoria de Ensino Técnico da Área de Indústria**
  - \* Coordenação do Registro Acadêmico - Ensino Básico
  - \* Coordenação do Curso Técnico de Mecânica
  - \* Coordenação do Curso Técnico de Automação Industrial
  - \* Coordenação do Curso Técnico de Telecomunicações
  - \* Coordenação do Curso Técnico de Eletrotécnica
- **Diretoria de Ensino Técnico**
  - \* Coordenação do Curso Técnico de Estradas

- \* Coordenação do Curso Técnico de Edificações
- \* Coordenação do Curso Técnico de Química
- \* Coordenação do Curso Técnico de Segurança do Trabalho
- \* Coordenação do Curso Técnico de Informática Industrial
- **Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas**
  - \* Coordenação Adjunta da Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas
  - \* Coordenação de Registro de Diplomas
  - \* Coordenação Acadêmica do Curso Superior de Ciências da Natureza - Licenciaturas em Biologia, em Física e em Química -
    - Coordenações Adjuntas do Curso Superior de Ciências da Natureza - Licenciaturas em Biologia, em Física e em Química –
  - \* Coordenação Acadêmica de Curso de Licenciatura em Geografia
    - Coordenação Adjunta do Curso de Licenciatura em Geografia
  - \* Coordenação Acadêmica de Curso de Licenciatura em Letras
    - Coordenação Adjunta do Curso de Licenciatura em Letras
  - \* Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática
    - Coordenação Adjunta do Curso de Licenciatura em Matemática
- **Diretoria de Ensino Superior de Tecnologia e Bacharelados**
  - \* Coordenação de Registro Acadêmico - Ensino Superior
  - \* Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico
  - \* Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Sistemas Elétricos
  - \* Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Manutenção Industrial
  - \* Coordenação dos Cursos Superiores da Área de Informática
  - \* Coordenação do Curso de Bacharelado em Engenharia de Controle e Automação
  - \* Coordenação do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo
- **Diretoria de Pesquisa e Pós-graduação**
  - \* Coordenação de Pós-graduação
  - \* Coordenação de Pesquisa e Inovação Tecnológica

Atua em diferentes níveis e modalidades de ensino atendendo ao princípio da verticalização: Ensino Médio Integrado; Técnicos Concomitantes e Subsequentes; Ensino Superior (Graduação Tecnológica; Licenciatura; Bacharelado e Pós-Graduação *lato e stricto*

*sensu*); Educação de Jovens e Adultos (EJA); Programa Nacional de Integração da Educação Básica com a Educação Profissional na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA); Educação a Distância (EAD).

Com o compromisso de acolher os arranjos produtivos da mesorregião e da macrorregião onde o *campus* Campos-Centro se encontra, os cursos são oferecidos pelos seguintes eixos tecnológicos: Controle e Processos Industriais; Informação e Comunicação; Infraestrutura; Ambiente, Saúde e Segurança; Produção Cultural e Design; Turismo, Hospitalidade e Lazer; Ciências Humanas e Sociais.

Atendendo à demanda local e regional, em consonância com a política governamental de provimento à formação de professores para a melhoria da Educação Básica no país, esse *campus* contempla os Cursos de nível superior de: (i) Ciências da Natureza (Licenciaturas em Física, em Química e em Biologia); (ii) Licenciatura em Geografia; (iii) Licenciatura em Letras (Português-Literaturas); (iv) Licenciatura em Matemática.

Importante destacar que as propostas dos Cursos de Formação de Professores estão alicerçadas nos princípios basilares da missão dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e em dispositivos legais, desde aqueles que fundamentam o direito e o processo de formação de maneira ampla até aqueles que definem e organizam ações em particular. Tomam como referencial: (a) o entendimento de que o estudo da Ciência deve refletir sua natureza dinâmica, articulada, histórica e acima de tudo não-neutra; (b) as exigências do mundo de hoje decorrentes dos avanços das Ciências e das Tecnologias; (c) os aspectos legais; (d) os Parâmetros Curriculares, numa perspectiva de construir referenciais nacionais comuns sem, contudo, deixar de reconhecer a necessidade de se respeitar às diversidades regionais, políticas e culturais existentes; (e) a dimensão da transversalidade possível dos saberes que envolvem as áreas de conhecimento, em especial de cada Curso de Licenciatura, marca do ideário pedagógico contemporâneo.

No ano de 2015, implantam-se quatro cursos superiores: em 2015.1, Bacharelados em Engenharia Elétrica e em Engenharia da Computação; em 2015.2, Licenciaturas em Teatro e em Educação Física.

A atuação deste *campus* se estende por meio dos diversos programas do Governo Federal, dentre eles: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), Certificação Profissional e Formação Inicial e Continuada (CERTIFIC) e Mulheres Mil.

### 1.3 Justificativa e relevância do Curso

Historicamente, o ensino da Arte no Brasil passou por vários períodos, desde a colonização, que iam desde uma abordagem tecnicista à inexistência de um ensino formal de arte nas escolas, ou tendo como foco apenas algumas linguagens artísticas. Contudo, estudos apontam que o ensino da arte é importante não apenas como conhecimento específico, mas também porque favorece a cognição nas várias áreas de conhecimento.

Afirma Barbosa<sup>3</sup> (1997), que há uma onda “sentimentaloidé” em torno do ensino da arte, como se esta tornasse os alunos mais sensíveis, sem se definir bem o que seria esse aluno com maior sensibilidade. Ela acrescenta que, relevante na Arte-educação, é o fato de que a arte desenvolve a cognição, a capacidade de aprender, como foi demonstrado em pesquisa realizada em 1977 nos Estados Unidos com os dez melhores alunos, por um período de dez anos. Detectou-se, na pesquisa, que eles tinham um traço comum: todos tinham cursado pelo menos dois cursos de arte em suas trajetórias pela escola. Evidenciou-se, portanto, a relevância da Arte enquanto área de conhecimento específica e o valor da oferta de formação nesta área.

Destacando a importância da arte na cultura de um povo e identidade de um país, a Constituição Federal de 1988 ressalta, entre os princípios básicos do ensino: aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber. (BRASIL, 1988). E a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/96 – LDBEN Nº 9.394/96 aponta para a valorização da área no contexto educacional, colocando o ensino da arte como um dos princípios da educação nacional. Em seu art. 26, § 2.º, há a afirmação de que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (BRASIL, 1996), sendo vista, portanto, como uma atividade educativa, que necessita de formação específica para atuação do profissional docente. A LDBEN também orienta que a disciplina Arte deve atender a suas orientações e dar ênfase aos conteúdos da cultura brasileira, linguagens artísticas e patrimônio cultural, incluindo, entre outros temas, a história indígena, afro-brasileira e africana.

Assim, a Arte constitui hoje uma disciplina obrigatória no currículo escolar.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/97/artigo233134-1.asp>> Acesso em: 25 mar. 2015

Destacando-se que, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais específicos da área - PCN-Artes, o ensino da arte perpassa pelo ensino das linguagens específicas, ou seja, Artes Visuais, Dança, Teatro, Música para a Educação Básica e Audiovisuais somente para o Ensino Médio (BRASIL, 2000). Após tais definições e diante das especificidades de formação de cada área, o Ministério da Educação (MEC) determinou que a formação em cada linguagem específica da área de artes seria trabalhada separadamente.

Essa decisão pretende fortalecer e valorizar o ensino na área. No entanto, nem todas as escolas oferecem esse ensino aos seus alunos por falta de docentes com formação específica. A carência de uma quantidade expressiva de docentes com formação para cada uma das linguagens gera uma enorme defasagem na formação dos alunos da Educação Básica. As estatísticas apresentadas no Anexo 1<sup>4</sup> demonstram o Quadro de Docentes de Artes da Educação Básica por Formação – 2013. Nelas são apontadas que há, no Brasil, 535.964 professores de Artes com formação em bacharelado ou licenciatura interdisciplinar em Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas, Música e Dança) para desempenharem atividade docente no ensino regular e que, deste total, 145.162 estão atuando na Região Sudeste, sendo que 22.316 atuam no Estado do Rio de Janeiro. Constata-se que isso significa dizer que no país apenas 6,0% tem formação em Artes; na referida região, 13,5% e no Estado, 15,5%.

Ao se observar a questão específica da formação em Artes Cênicas, o quadro é bastante alarmante, visto que no Brasil são 505 docentes formados; na Região Sudeste, 232 e no Estado do Rio, 137. O que significa, em termos percentuais, ao equivalente a 0,1%, 0,2% e 0,6%, respectivamente, o que evidentemente não contemplaria a demanda por um professor em cada escola de cada município, como pretende o Projeto de Lei N° 7.032/2010, em discussão na Câmara Federal. Este quadro se apresenta ainda pouco favorável na região Sudeste e no Estado do Rio de Janeiro, mas ele efetivamente não evidencia a grave situação vivenciada no Norte Fluminense, *lôcus* onde se implanta o Curso de Licenciatura em Teatro, visto que a realidade do Estado pode ser um pouco “mascarada” diante da ausência de dados específicos desta Região do estado do Rio de Janeiro, já que apenas se encontram na capital os cursos de formação, tanto em nível de bacharelado quanto de licenciatura em Teatro.

Tanto isto é fato que, em reunião com a classe artística realizada em julho de 2012,

---

<sup>4</sup> Planilha elaborada pelo Programa Federal “Todos pela Educação”. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica. Relatório de Gestão. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

pelo Conselho Municipal de Cultura de Campos dos Goytacazes, foram apresentadas, dentre outras, as seguintes propostas: (1) Formação continuada e profissionalização dos artistas cênicos do município; (2) Criação de escolas regulares de artes cênicas, cursos profissionalizantes e estímulo à ampliação de cursos livres, por meio de parcerias com as instituições superiores para formação de atores, tanto no nível profissionalizante quanto na graduação e pós-graduação; (3) Realização e/ou estímulo junto a outras instituições públicas e privadas para implantar cursos de formação para os servidores municipais que atuam na área cultural; (4) Definição de competências atinentes à secretaria de cultura, que deve promover projetos culturais de instrução e formação para a prática do exercício das artes cênicas.

Diante deste contexto, e verificando a necessidade de fortalecimento do ensino de arte como base para a valorização da cultura de um povo, aprova-se o Plano Nacional de Cultura – PNC, Lei nº 12.343/2010, art. 2 e incisos, do qual se destaca um dos princípios básicos, o direito de todos à arte e à cultura e, dentre seus objetivos, salientam-se: (I) reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnica e regional brasileira; (III) valorizar e difundir as criações artísticas e os bens culturais; (V) universalizar o acesso à arte e à cultura; (VI) estimular a presença da arte e da cultura no ambiente educacional; (VII) estimular o pensamento crítico e reflexivo em torno dos valores simbólicos; (X) reconhecer os saberes, conhecimentos e expressões tradicionais e os direitos de seus detentores; (XII) profissionalizar e especializar os agentes e gestores culturais.

Cinquenta e três metas foram estipuladas para sua realização plena, como a que indica que 100% das escolas públicas de educação básica do país devem ofertar a disciplina Arte no currículo escolar (meta 12) e que pelo menos 100 mil delas desenvolvam permanentemente atividades de arte e cultura.

No que concerne à formação na área de conhecimento Arte, as metas do PNC estabelecem formação continuada de 20 mil professores de Arte de escolas públicas, com a criação de mais de 1,3 milhão de empregos formais no setor cultural (meta 13). Para atender este patamar, especialmente proposto para a rede pública de ensino (municipal e estadual), uma mão de obra especializada e devidamente certificada e diplomada é fato sequente, como o aumento de 150% de cursos técnicos, habilitados pelo Ministério da Educação no campo da arte e cultura; de **200% de vagas de graduação e pós-graduação nas áreas de conhecimento relacionadas às linguagens artísticas** (meta 16); de 100% no total de pessoas qualificadas anualmente em cursos, oficinas fóruns e seminários com conteúdos de gestão

cultural, linguagens artísticas, patrimônio cultural, triplicando as vagas de graduação e pós-graduação nas áreas de arte e cultura.

Segundo o PNC/2010, o mercado de trabalho brasileiro tem aberto cada vez mais espaço para especialistas em linguagens artísticas, patrimônio cultural e cultura. Para responder a essa demanda, é preciso que esses profissionais se qualifiquem e que sejam abertas vagas para formação de profissionais em nível de graduação (bacharelado e licenciatura) e de pós-graduação, em todas as regiões do Brasil. O país precisa, também, aumentar a quantidade de pesquisas na área da cultura e, para isso, é preciso ter um número expressivo de pesquisadores e de bolsas. Além dos cursos classificados pelo Ministério da Educação (MEC) nas áreas de arte e cultura, será necessário criar outros que atendam melhor a esta demanda.

O Plano Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro PEC/RJ - Lei Estadual nº 7.035 de 07 de julho de 2015 aponta, como um dos instrumentos de gestão do Sistema Estadual de Cultura, o Programa de Formação e Qualificação Cultural – PFQ, compreendendo a cultura como expressão simbólica, cidadã e econômica e contemplando a diversidade cultural e regional do Estado (Art.13 da PEC/RJ).

[...] o conceito de cultura começa a ser efetivado como veículo condutor de assimilação e de apropriação das políticas públicas [...] a apropriação recentíssima deste conceito começa a provocar os municípios e os diversos atores do cenário cultural no estado [do Rio de Janeiro], nesta sequência de apropriação e mudanças, onde a unanimidade da necessidade de formação para melhor atuação no setor é ponto comum entre todos, tanto no poder público, quanto na esfera privada, nas organizações não governamentais, e ainda, no movimento livre. (CAMPOS, 2014 p. 03)

A referida Lei Estadual expõe uma proposta de política setorial para o teatro. Logo na primeira diretriz, objetiva apoiar a educação e a formação para o teatro desde a iniciação até a formação profissional, visando à excelência artística. Para a efetivação dessa diretriz, aponta a estratégia de apoio à realização de cursos de formação e de complementação curricular em teatro para professores.

A questão da formação dos profissionais, tanto na área de gestão quanto nas linguagens e práticas artísticas, afirma Calabre (2006), é uma constante em praticamente todos os eixos temáticos que foram discutidos na I Conferência Nacional de Cultura – I CNC. Logo, não seria a ausência de política de formação uma questão setorizada no teatro, mas em

toda e qualquer linguagem, com maior ou menor intensidade, bem como não é uma questão restrita ao município de Campos dos Goytacazes, mas algo que permeia todos os municípios do país, em menor ou maior dimensão. Tanto isto é fato que Rubim (2007) destaca que a formação, em vários níveis e com diferentes objetivos, desde os gestores, produtores, técnicos operacionais até os artistas apareceu em diversas diretrizes prioritárias que foram aprovadas pelos Estados nas conferências estaduais ocorridas antes da I CNC, e que fora ela a segunda proposta mais votada por todos os Delegados, quando da realização da plenária final desta conferência ocorrida em dezembro de 2005.

Ressalta Campos (2014, p.11) que na 3.<sup>a</sup> Conferência Nacional de Cultura- CNC, realizada em novembro de 2013, a instalação e desenvolvimento do Programa Nacional de Formação em Cultura, com garantias de recursos específicos da União, dos estados e municípios, foi um dos principais destaques, ressaltando como prioridade:

Investir na educação continuada formal, no âmbito do ensino técnico e superior (tecnológico, bacharelado e **licenciatura**) - *grifo nosso*, públicos, incluindo a criação de cursos nas Instituições de Ensino Superior e **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**, - *grifo nosso*, em linguagens artísticas, criativas e saberes culturais, e educação não formal, contemplando as áreas artísticas, criativas e culturais em amplos aspectos, abrangendo as manifestações locais, contemporâneas e de povos indígenas, povos e comunidades tradicionais (Conforme decreto presidencial n.º. 6.040, 07/02/2007), de forma descentralizada e com acessibilidade comunicacional, intelectual e de mobilidade, [...]. (CAMPOS, 2014, p.11)

A criação do Curso de Licenciatura em Teatro no IF Fluminense *campus* Campos-Centro se insere, portanto, neste espírito dos instrumentos legais citados, por visar a atender à demanda de profissionais da área nos níveis local e regional em consonância com as políticas governamentais de provimento à formação de professores para a melhoria da Educação Básica no estado e no país, conforme dispositivos legais do Plano Nacional de Educação, Plano Nacional de Cultura e Plano Estadual de Cultura.

Além das questões apontadas, deseja-se destacar o estudo realizado por Alvarenga (1993) sobre o legado do teatro no município de Campos dos Goytacazes, *locus* da implantação do curso de Licenciatura em Teatro. O autor, embasado em dados, depoimentos e entrevistas, narra a história do teatro local nas décadas de 60,70 e 80 do século XX no município. O escritor Osório Peixoto ressalta, no prefácio, [...] a existência de vários grupos teatrais nos anos 60 [...] a criação da ARTA – Associação dos Artistas de Teatro de Campos,

em abril de 1965, a construção do Teatro de Bolso em 1968 [...] o declínio do Teatro campista em virtude das condições políticas brasileiras. (PEIXOTO *apud* ALVARENGA, 1993, p. 12).

Na década de 70, o autor relata a realização do Festival Estudantil de Teatro, a criação do Teatro Escola de Cultura Dramática e, ao mesmo tempo, as perdas do Teatro Trianon, que fora demolido, e do Teatro de Bolso, que deixa de ser gerenciado pela ARTA, entra em declínio e é doado à municipalidade. Contudo, ele destaca que na década de 80 houve revitalização do amadorismo campista; reativação da ARTA e realização de diversos festivais universitários. O mais importante, no entanto, é o realce dado pelo autor ao fato de ter havido durante a ditadura militar um campo de resistência pelo teatro em Campos, verdadeira “tribuna onde a cultura brasileira consegue disseminar ideias, conservar a liberdade de se exprimir e manter uma trincheira contra a censura e a violência ditatorial.” (PEIXOTO *apud* ALVARENGA, 1993, p. 12)

A situação atual de equipamentos culturais no município destinados à realização de encenações teatrais apresenta um alto potencial técnico e conta com quatro teatros de pequeno, médio e grande porte. Eles são: Teatro de Bolso Procópio Ferreira, situado no centro da cidade, com capacidade para 150 pessoas; Teatro Múcio da Paixão do SESC Rio, também no centro da cidade, com capacidade para cerca de 80 espectadores; Teatro do SESI Campos, situado na área central de Guarus com capacidade semelhante ao do Teatro de Bolso e, o maior deles, o Teatro Municipal Trianon, situado no centro da cidade, com uma arquitetura arrojada e contemporânea, com 800 lugares e com palco nas dimensões adequadas para receber espetáculos teatrais de médio a grande porte.

Destaca-se a história do Teatro Municipal Trianon, por se confundir com a história de luta pela cultura no município. O antigo prédio fora demolido em 1975 para abrigar um Banco. O prédio era de um proprietário particular e nele foram realizadas montagens de grandes espetáculos, orquestras e shows de expressivos artistas nacionais, assim como exibição de filmes no período compreendido entre a década de 20 e meado da de 70 do século passado. Sua reconstrução em outro local foi morosa, cheia de denúncia de desvios de verba, mas também de inúmeros eventos que mobilizaram artistas locais e nacionais, bem como a própria população que desejava vê-lo reerguido. A pedra fundamental foi erigida em 1991, mas sua inauguração somente ocorreu em 1998<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> TCC intitulado Teatro Trianon: Cortinas abertas ou fechadas para educação e cultura. Centro Universitário Fluminense – *campus* II- Filosofia de Campos – Curso de Artes Visuais, 2014/2. Campos dos Goytacazes/RJ

Figura 7 - Teatro Municipal Trianon



Fonte: <https://plus.google.com/115477309727803774780/about?gl=br&hl=pt>

Relevante observar a existência de inúmeros grupos teatrais no município nas últimas quatro décadas do século XX, que se extinguíram principalmente por falta de políticas públicas de apoio, inclusive no que concerne à formação e qualificação profissional de atores e técnicos na área teatral dentro do município. Mesmo assim, surgiram outras companhias nos últimos anos, como o Grupo da Cia. de Arte Persona; Teatro Livre; Oráculo, Nós do Teatro, entre outros.

O grupo de teatro do *campus* Campos-Centro do IF Fluminense - Nós do Teatro - foi criado em 1995 e é hoje um dos mais antigos da cidade em atividade ininterrupta. Sua base foi o trabalho interdisciplinar entre Literatura e Teatro que a professora Kátia Macabu desenvolve deste então trabalhando textos de vários autores e dramaturgos. O projeto cresceu, passando a valorizar o teatro como área de conhecimento específica e gerando a Oficina de Linguagem Teatral, em 2010, oferecida para os alunos do Ensino Médio da instituição, visando a uma base de formação na área teatral.

Com várias peças no currículo, o Grupo Nós do Teatro, além de trabalhar técnicas voltadas à desinibição, improvisação e interpretação teatral, desenvolve nos participantes a consciência crítica e cidadã, a expressão corporal, a relação interpessoal e o trabalho coletivo. Ao longo desses vinte anos de atuação, já foram produzidas e encenadas cerca de quarenta montagens curtas e longas, algumas delas com premiação em diversos festivais e eventos institucionais e externos, e apresentações realizadas em várias cidades do estado do Rio de

Janeiro, em Florianópolis e no Recife.

Destaca-se que tal prática teatral gerou também o Festival Nacional de Esquetes, realizado bienalmente já por três edições, constando de oficinas e apresentações de cenas curtas e vem ao encontro dos objetivos institucionais traçados nos últimos anos, especialmente a partir da criação do Instituto Federal Fluminense, ensejando, no momento presente, no estabelecimento do Curso de Licenciatura em Teatro.

Figura 8 - Grupo Nós do Teatro encenado Pirandello? Nunca Mais! (2014)



Fonte: Núcleo de Imagens do IF Fluminense – *campus* Campos-Centro  
Fotógrafo Diomarcelo Pessanha

Diante destes potenciais artísticos e estruturais, Campos dos Goytacazes carece de uma política clara de fomento em termos de formação na área de Artes e, particularmente, de Teatro. A desvalorização cultural observada na falta de políticas públicas continuadas, aliada à migração de pessoas das mais diversas partes do país para o município e ao emprego da cultura midiática de massas acabou por gerar uma grande perda das manifestações populares que mantinham os vínculos com suas raízes e tradições. A ausência de identidade sociocultural por parte de uma parcela da população, especialmente a mais jovem do município, tem consequências que, muitas vezes, não pode ser observada empiricamente, mas que por meio de estudos e de pesquisas adequadamente dirigidos poderão identificar, sobretudo olhando-se para a sua face mais explícita, a violência entre os jovens.

O cenário que hoje se observa é o da busca dos jovens do município por formação na

área teatral fora de sua cidade. Estes jovens vão fixar moradia na capital do Estado do Rio de Janeiro para conseguirem sua formação na área teatral e, na maioria dos casos, não mais retornam ao município, fazendo com que a questão da carência de professores formados na área de teatro permaneça. Há, contudo, o que é mais grave: alguns tantos jovens que abandonam o sonho de se tornarem profissionais da área de teatro diante da ausência de oferta desta formação no município. Advém desse quadro o fato de a cidade possuir poucos profissionais com conhecimentos sólidos, capacitados para criar meios e modos de desenvolver as relações artísticas necessárias ao crescimento, à profissionalização e à diversificação no mundo de trabalho, inclusive no campo da pesquisa.

A opção por um curso de graduação se justifica pelo fato de que a educação superior desempenha um papel relevante na dinâmica da economia nacional, pois gera conhecimentos que, aplicados, resultam em inovações tecnológicas, na oferta de profissionais qualificados para atuarem no mundo do trabalho e na promoção de ascensão social. Segundo a LDBEN, em seu artigo 43, a educação superior tem por finalidade, dentre outras: (II) formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua.

Considerando esses desafios, o Programa Temático Educação Superior - Graduação, Pós- Graduação, Ensino, Pesquisa e Extensão, em consonância com a proposta do novo Plano Nacional de Educação - PNE 2011-2020 tem por eixos norteadores a expansão da oferta de vagas na educação superior, a garantia de qualidade na educação, a promoção da inclusão social e o desenvolvimento econômico.

Dentre as principais metas do referido Plano, destacam-se a ampliação da participação proporcional dos grupos historicamente excluídos (como negros e índios) na educação superior; a elevação do número de *campi* da Rede Federal de Educação Superior para 321 e do número de Universidades para 63; das taxas de matrículas; do número de mestres e doutores titulados e em exercício no corpo docente das universidades; e o aprimoramento dos instrumentos de avaliação da qualidade do ensino, seja na graduação, seja na pós-graduação. Por fim, deve-se ressaltar que as metas e estratégias de ampliação da oferta e democratização do acesso e permanência do estudante, propostas no PNE e no PPA, dependem dos esforços conjuntos da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios.

A implantação do curso de Licenciatura em Teatro no IF Fluminense leva, pois, em

consideração o contexto local e regional, estudos e estatísticas sobre a demanda de formação de professor na área de Arte, as alterações de paradigmas da área na contemporaneidade e as demandas da legislação que regulamentam a formação de professores articulada às diretrizes da área de Teatro. Importante ressaltar que neste raio de maior abrangência no entorno do IF Fluminense – que abrange todo o interior do estado do Rio de Janeiro e regiões de estados adjacentes, não é oferecida nenhuma outra Licenciatura em Teatro por uma instituição pública. A Licenciatura em Teatro surge, então, para cumprir esse papel de resgate da estima e oportunizar a formação de profissionais graduados e capacitados para a demanda local e regional.

Considerando as demandas crescentes de formação profissional e a difusão de conhecimentos científicos e tecnológicos em consonância com os arranjos sociais, culturais e produtivos locais e regionais, destaca-se o Curso de Licenciatura em Teatro como promotor de acesso aos estudantes que buscam conhecimento científico para serem profissionais da arte e da cultura.

Considerando que há quinze anos o *campus* oferece aos alunos da Educação Básica o componente curricular obrigatório para o Ensino Médio, em forma de oficinas de Artes, dentre elas a de Linguagem Teatral, para que o estudante possa desenvolver sua sensibilidade artística e descobrir novas formas de comunicação e de conhecimento por meio da Arte.

Considerando que por duas décadas o Grupo Nós do Teatro vem capacitando jovens para ingressarem em outras instituições de formação na área de teatro e realizando, com êxito, diversos eventos formativos para a comunidade em geral, dentre eles, três edições do Festival Nacional de Esquetes do IF Fluminense – FESQUIFF - 2009/2012/2014 -, nos quais se pode observar, durante a realização das oficinas teatrais ocorridas em paralelo com as apresentações das cenas curtas, a demanda a ser capacitada nesta área, não somente no município, mas em toda a região do seu entorno.

Entende-se que cabe ao IF Fluminense, instituição preocupada com o desenvolvimento econômico, social e cultural do estado do Rio de Janeiro e ao *campus* Campos-Centro, atento às necessidades do município de Campos dos Goytacazes e da região de seu entorno, ocupar este espaço, sendo o lugar, por excelência, da reflexão, do debate, da investigação, da crítica e do aporte às mudanças sociais.

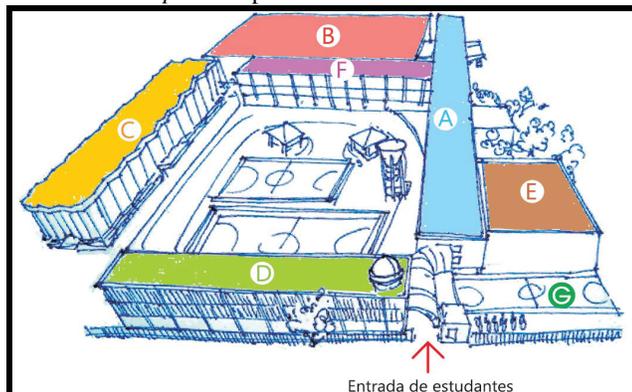
O curso de Licenciatura em Teatro passa a ser, de certa forma, uma ação integradora das atividades culturais e artísticas já desenvolvidas no *campus*. Ele traz para o interior do IF

Fluminense a responsabilidade de formar licenciados na área de Teatro, aptos a difundirem os valores de cidadania que resgatam a identidade, reconstruindo a autoestima, através do desenvolvimento de habilidades inerentes a um fazer teatral comprometido com a tradição e a contemporaneidade, o clássico e o experimental, o empírico e o científico, na construção de uma sociedade pautada em valores enraizados no saber artístico. Ele vem, portanto, preencher uma demanda de formação geradora de identidade e autonomia, resgatando potenciais e vocações sócio-artísticas regionais.

#### 1.4 Infraestruturas do *campus*

Em relação à estrutura física, o IF Fluminense *campus* Campos-Centro está dividido em sete blocos denominados: A; B; C; D; E; F e G. Este último está em fase final de construção, a ser entregue ao final do ano de 2015, assim como o Centro de Artes, localizado no bloco C. Cada um dos Blocos, além de salas de aulas climatizadas e equipadas com televisores para serem utilizados acoplados aos computadores, abrigam laboratórios informatizados atendendo à demanda e à especificidade de cada Curso. A figura 9 apresenta o croqui dos ambientes de aprendizagem do prédio que abriga o *campus*.

Figura 9 - Croqui dos ambientes de aprendizagem do conjunto de prédios que abriga o *campus* Campos-Centro do IF Fluminense



Fonte: <[http://portal.iff.edu.br/campus/campos-centro/apresentacao/calendarioacademicomanual\\_Ensino\\_Medio\\_final%202012.pdf](http://portal.iff.edu.br/campus/campos-centro/apresentacao/calendarioacademicomanual_Ensino_Medio_final%202012.pdf)>

**Bloco A**, composto por andar térreo, 1.º e 2.º pavimentos. No térreo ficam instalados refeitório; cantina; micródomo I (espaço equipado com computadores e impressora à disposição dos estudantes); espaços administrativos da Diretoria de Assuntos Estudantis, com a Coordenação de Apoio aos estudantes e o Núcleo de Apoio aos Portadores de Necessidades Educacionais Especiais (NAPNEE); o Pilotis; o Serviço Médico; o Espaço Cultural Raul

David Linhares; o setor de fotocópias; a administração das Diretorias de Ensino Médio, Técnico e Tecnológico; o setor de Registro Acadêmico (secretaria acadêmica); o Espaço de Convivência do Servidor e seu refeitório; a Sala de reunião “Oswaldo Martins”; a Diretoria de Tecnologia da Informação e Comunicação; o Gabinete do Diretor Geral; o setor de Protocolo; o Auditório “Miguel Ramalho” e a Coordenação de Arte e Cultura. No 1.º Andar, localizam-se: o Miniauditório “Reginaldo Rangel”; a Coordenação de Eventos e Multimídia; a Coordenação de Turnos; a Diretoria de Apoio às Atividades Acadêmicas; o Núcleo de Apoio às Atividades do Programa de Tecnologia-Comunicação-Educação (PTCE), a Diretoria Financeira e Orçamentária e salas de aula. No 2.º Andar, estão instalados: Diretoria das Licenciaturas; Núcleo de Apoio à Prática Profissional das Licenciaturas; Coordenação Acadêmica dos Cursos de Licenciatura em Geografia e Laboratórios; Coordenação do Curso Superior de Ciências da Natureza com as Licenciaturas em Biologia, em Física e em Química e respectivos Laboratórios; Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Matemática; Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras: Português-Literaturas; a Coordenação de Linguagens e Códigos (COLINCO); Coordenações e Laboratórios dos Cursos Técnico de Química e do Curso Técnico em Segurança do Trabalho e salas de aula.

**Bloco B**, composto por térreo e 1.º pavimento. No térreo, abriga o setor de Produção Gráfica; posto da Agência Central do Banco do Brasil; Micródomo II; setor de Serviço Odontológico; o espaço de reflexão espiritual – Capelania; sala de guarda de instrumentos e coordenação da Banda de Fanfarras “Norberto Ângelo Silva”; os Centros Acadêmicos; o Grêmio Estudantil “Nilo Peçanha”; salas das Coordenações e Laboratórios dos Cursos Técnicos de Mecânica, Estradas, Edificações, Eletrotécnica; assim como as coordenações dos Cursos Superiores de Tecnologia; setores de Marcenaria e Manutenção; Diretoria de Infraestrutura; Núcleo de Apoio aos Programas e Ações de Sustentabilidade; Ateliê de cerâmica e salas de aula. No 1.º andar, se encontram as salas da Coordenação da EJA - Educação de Jovens e Adultos e das Coordenações e Laboratórios do Curso Técnico de Automação Industrial, do Curso Técnico e Superior de Tecnologia em Telecomunicações e de Engenharia de Controle e Automação e da coordenação do Bacharelado de Arquitetura e Urbanismo, bem como as salas de aula destes cursos. Está, também, instalado o Espaço “Mário Ghizzi”, composto por salas das oficinas e ateliês de pintura e desenho artístico, assim como a coordenação da Curadoria Educativa, todos vinculados à Coordenação de Arte e Cultura e também está instalado o espaço de aula de costura do Programa Mulheres Mil.

**Bloco C**, constituído de um prédio e uma área externa coberta. No térreo, ficam a piscina e a quadra interna do Ginásio de Esportes; a Coordenação de Educação Física; Sala para práticas esportivas - musculação, pilates e artes marciais - bem como de dança. No seu entorno, estão instaladas duas Quadras Poliesportivas cobertas; Concha Acústica e Praça de ensaios da Banda de Fanfarra. Em fase final de construção, encontra-se o Centro de Artes, que acomodará, no térreo: a sala da Coordenação de Arte e Cultura; sala de reuniões dos professores, assim como o palco do anfiteatro – no subsolo; no 1.º e 2.º pavimentos serão instaladas as salas e laboratórios para as aulas de prática musical e prática teatral. Planta baixa do Centro de Artes no Anexo 3.

**Bloco D**, composto pelo pavimento térreo e mais três andares. No térreo, ficam instalados o Auditório “Maria Cristina Bastos” e as salas da Agência de Oportunidades e do PRONATEC. No 1.º pavimento, Laboratórios e Coordenação do Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico; Laboratório Experimental de Design Gráfico; Núcleo de Imagens da coordenação de Arte e Cultura; salas das oficinas de violão, prática musical, coral e teatro, além da sala do “Grupo Nós do Teatro”. No 2.º e 3.º andares estão as Salas de Aula; Coordenação de Turnos e o Clube de Astronomia.

**Bloco E**, composto por dois pavimentos: no 1.º Andar, estão: os Laboratórios e Coordenações dos Cursos de nível técnico e tecnológico da Área de Informática; no 2.º Andar, estão instaladas a Biblioteca e suas Salas de Estudos; o NEABI – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena e o Centro de Memórias “Nilo Peçanha”.

**Bloco F**, composto por dois pavimentos: o 1.º, com Micródrômo; Salas de Aula; Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação; Núcleos de Pesquisa; Sala de Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); Sala de Reuniões e o 2.º, com Salas de Aula e Laboratórios de Informática e Coordenação de Registro de Diplomas.

**Bloco G**, ainda em obras, mas abrigando no térreo a Diretoria de Extensão. Trata-se de um prédio com oito pavimentos e irá acolher diversas coordenações, salas de aula, laboratórios e pequenos auditórios.

O Curso de Licenciatura em Teatro contará, especificamente para o desenvolvimento de suas atividades, com a estrutura a ser inaugurada ainda em 2015, a saber: duas salas de aula e coordenação do Curso no 3.º andar do Bloco G; laboratórios didáticos e de informática, implantados com respectivas normas de funcionamento, utilização e segurança; duas salas e palco no Centro de Artes no bloco C; três salas no Bloco D; auditórios nos blocos A e D;

concha acústica situada no térreo, para oficinas circenses e outras; sala de dança e expressão corporal no Ginásio Esportivo e bloco C; salas para aulas de expressão vocal e caracterização e indumentária (figurino), no Bloco D.

## **1.5 Programas de Apoio aos Discentes, Docentes e Técnicos Administrativos em Educação**

### **1.5.1 Programas de Apoio aos Discentes**

O apoio ao discente acontece no *campus* em diversas áreas da Instituição. A Diretoria de Assuntos Estudantis tem, por objetivo principal, desenvolver e gerenciar programas e políticas institucionais de assistência e acompanhamento aos estudantes, incluindo-se aí: os programas de inclusão e democratização do ensino, desenvolvidos pelo Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNEE); o Projeto Educar para Ficar, que oferece apoio aos estudantes com dificuldades de aprendizagem; os programas de bolsas que objetivam, prioritariamente, a permanência, a diminuição da retenção e evasão – garantindo a igualdade de oportunidades e acesso a uma educação de qualidade –, assim como ampliar a formação acadêmica, através de bolsas de monitoria; apoio e desenvolvimento tecnológico; arte e cultura; atleta e outras.

Com objetivo de promover a saúde, existem os programas de medicina/saúde, odontologia e merenda escolar (alimentação natural e balanceada, oferecida nos três turnos), gerenciados, respectivamente por médicos, odontólogos e nutricionistas.

Os estudantes têm oportunidade de ampliar sua formação, no que se refere ao aspecto artístico e cultural, através da participação em projetos como: grupos teatrais; bandas; mostras de artes; organização de eventos socioculturais; festivais e outros, desenvolvidos pela Coordenação de Arte e Cultura.

O acompanhamento acadêmico é feito pelas Coordenações de Cursos, pelas Diretorias de Ensino e pelo Registro Acadêmico. Este último atende a solicitações e efetiva procedimentos de matrícula, trancamento e reabertura de matrícula, aproveitamento de disciplinas, emissão de documentos e outros.

O acompanhamento pedagógico é feito pela Diretoria de Ensino dos Cursos Superiores de Licenciaturas e Coordenações de Cursos, com equipes de profissionais

qualificados para este fim.

O *campus* Campos-Centro disponibiliza aos estudantes o acesso à Biblioteca Anton Dakitsch através dos terminais internos ou no portal do Instituto, na internet, para consulta ou empréstimo, de modo a contribuir com as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

A Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação é responsável por divulgar, orientar e promover a pesquisa e inovação tecnológica do *campus*. Contribui com ações desenvolvidas pelos estudantes e seus orientadores, com vistas ao desenvolvimento regional, bem como o avanço técnico-científico do país e a solução de problemas nas áreas de atuação da instituição. Além disso, propicia o desenvolvimento de habilidades investigativas e de construção do conhecimento por parte dos estudantes. Atualmente, o *campus* tem 59 projetos de pesquisa, com 77 alunos bolsistas e 24 alunos voluntários.

A Diretoria de Extensão promove o envolvimento e a cooperação dos estudantes em projetos de extensão. Atualmente há 50 bolsas de extensão para os alunos no *campus*.

A realização de visitas técnicas constitui-se como atividade didático-pedagógica que possibilita ao estudante o contato direto com a prática profissional. Para tanto, o *campus* assegura transporte, alimentação e hospedagem, sempre com a orientação e acompanhamento de um professor responsável.

Do ponto de vista político-social, existe no *campus* a prática de incentivo à criação e funcionamento do Centro Acadêmico (CA) dos cursos, órgão reconhecidamente legítimo enquanto representativo dos estudantes e espaço fértil para sua formação cidadã.

O Núcleo de Apoio à Prática Profissional, parte integrante da Diretoria das Licenciaturas, tem como objetivo orientar e encaminhar os discentes para o estágio que complementa a sua formação. Do ponto de vista governamental, o estudante é atendido por programas como Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID; Programa de Apoio a Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educador - LIFE e Programa de Educação Tutorial - PET.

O PIBID foi criado com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciaturas plena das instituições públicas de educação superior (federais, estaduais e municipais) e comunitárias, sem fins econômicos. Dentre os objetivos do programa, está a elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior, assim como a inserção dos licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração

entre educação superior e educação básica.

O Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores - LIFE - foi lançado no segundo semestre de 2012 para apoiar a criação e estruturação de ambientes plurais e interdisciplinares, com vistas a proporcionar aos estudantes dos cursos de licenciatura formação baseada na articulação entre conhecimentos, práticas e uso das novas linguagens e tecnologias educacionais. O objetivo é que os diferentes programas da Capes desenvolvam atividades envolvendo toda a comunidade acadêmica dos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior - IES -, que sediam o LIFE, e os alunos das escolas públicas de educação básica. Participam do programa 105 IES que sediam 254 laboratórios.

O PET constitui-se em um Programa de Educação Tutorial desenvolvida em grupos organizados a partir de cursos de graduação das IES do país, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

### **1.5.2 Programas de apoio ao desenvolvimento acadêmico-profissional e à formação continuada dos servidores do IF Fluminense**

Este programa é um instrumento de gestão que integra a Política Institucional, em que a formação do servidor assume relevância. Como tal, atinge todos os profissionais efetivos, de forma equânime, e se consolida a partir da conjugação de três fatores: as diretrizes traçadas pela administração pública, a importância estratégica da capacitação do servidor para a gestão e a aspiração do servidor no sentido de seu aperfeiçoamento.

Além disso, compreende as ações de aperfeiçoamento que promovem a elevação do nível de formação e titulação do servidor em efetivo exercício, considerando-se a educação formal, presencial ou à distância, numa relação direta no fortalecimento da Instituição em sua missão e seu compromisso social.

Dentre as ações deste programa destaca-se a concessão de:

- I- Horário Especial de Trabalho para Formação Continuada em serviço;
- II- Afastamento Integral;
- III- Bolsa Institucional.

### **1.5.3 Programa de apoio à Produção Acadêmica para servidores e alunos pesquisadores**

O objetivo deste programa é incentivar a produção acadêmica, por meio do

financiamento da participação em eventos científicos, tecnológicos e/ou de inovação, que proporcionem a vivência e troca de experiência com pesquisadores de outras instituições e a publicação em periódicos. É regulamentado pela Portaria Nº 916 de 19 de outubro de 2012.

#### **1.5.4 Programa de Formação Doutoral Docente/CAPES**

Visa promover, em nível de doutorado, a qualificação dos docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), com vistas a consolidar e criar grupos de pesquisa em áreas estratégicas e prioritárias, programas de pós-graduação já existentes, bem como fomentar a produção acadêmica. Oferece auxílio moradia ao bolsista que realiza o doutorado em instituição situada em município distinto da instituição de origem.

#### **1.5.5 Programa Tecnologia-Comunicação-Educação (PTCE)<sup>6</sup>**

Visa contribuir para a apropriação das tecnologias digitais, por parte dos professores e alunos. Para tanto, foram reestruturados ambientes de salas de aula, com a instalação de TV com 42 e 55 polegadas e liberação de rede de internet aberta para professores. São cedidos *notebooks* aos professores do *campus*, mediante assinatura de termo de responsabilidade. O Núcleo de Apoio do PTCE presta atendimento a demandas dos professores em relação ao uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

O PTCE desenvolve, ainda, ações como: suporte técnico e manutenção de recursos digitais; palestras, minicursos e seminários para professores; apoio a eventos realizados no campus, relacionados à Educação e à Informática Educativa; projeto Tablet na sala de aula, que tem por objetivo geral levantar dificuldades e potencialidades relacionadas ao uso pedagógico desses dispositivos, incorporando-os à prática pedagógica, assim como identificar metodologias adequadas para tal uso.

#### **1.5.6 Centro de Referência em Tecnologia, Informação e Comunicação na Educação**

Inaugurado em março de 2015, o Centro de Referência é irradiador e fomentador de processos, programas e projetos educacionais. Visa ampliar os diálogos necessários à Educação com vistas à produção, apropriação e inovação do conhecimento, bem como a

---

<sup>6</sup> <http://ptce-iff.blogspot.com.br/>

valorização da capacidade humana em todas as suas dimensões: trabalho, saúde, cultura e ambiente.

O Centro pretende estabelecer um ambiente colaborativo para discussão das tecnologias educacionais, iniciado por meio das redes sociais e complementado com a realização de *workshops* e seminários, além de estimular a cooperação entre instituições públicas de ensino e pesquisa para a realização de projetos em parceria voltados para as tecnologias educacionais. É composto por sete vertentes, a saber: desenvolvimento de tecnologias educacionais; escola de formação continuada dos trabalhadores da educação; centro de memória; educação a distância; programa de formação de leitores; Essentia Editora e Datacenter do IF Fluminense.

Particularmente, no que se refere aos cursos de Licenciatura, destaca-se a escola de formação continuada dos trabalhadores da educação que visa a ampliar espaços de formação, diálogo, construção, (re) elaboração de conhecimentos que conduzam práticas e sentidos nas ações profissionais e pessoais dos trabalhadores da educação. Seu compromisso é contribuir para a qualidade dos processos educativos que têm esses trabalhadores como principais sujeitos, por meio da oferta de cursos, visando à construção e à (re)elaboração de conhecimentos no que tange ao uso das tecnologias educacionais. As ações se destinam aos alunos, servidores docentes e técnicos administrativos em educação da Instituição e também professores da Rede de Ensino Estadual e Municipal.

## **2. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DO CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO**

### **2.1 Identificação do Curso**

O Curso proposto se apresenta na modalidade de Licenciatura presencial, da área de conhecimento Linguística, Letras e Arte. Destina-se aos concluintes do Ensino Médio (ou equivalente) e profissionais com graduação de nível superior em outras áreas. Oferece, inicialmente, 60 (sessenta) vagas. No primeiro vestibular serão destinadas 40 (quarenta) vagas. O turno de funcionamento será noturno para as turmas que ingressarem nos segundos semestres letivos e, diurno (tarde), para as que ingressarem nos primeiros semestres letivos.

O regime de funcionamento do Curso é semestral, organizado em oito períodos, com tempo de integralização mínimo de 4 anos (8 semestres letivos) e máximo de 6 anos (12 semestres letivos).

#### **2.1.1 Formas de acesso ao Curso**

As formas de acesso estão subordinadas à Regulamentação Didático-pedagógica dos cursos de Graduação do IF Fluminense, conforme os artigos abaixo:

Art.275. O ingresso aos cursos de Graduação far-se-á por:

I- Processo de Ingresso em consonância com os dispositivos legais em vigência em Edital que regulamenta as normas do concurso.

II- Processo de Ingresso por transferência externa, obedecendo às regras previstas em Edital;

III- Processo de Ingresso de portadores de Diploma, obedecendo às normas previstas em Edital.

Art. 276. Os processos de Ingresso têm suas normas, rotinas e procedimentos, fixados e publicados em Edital próprio, o qual rege todo o processo.

Após o ingresso da primeira turma no curso, o Núcleo Docente Estruturante – NDE – e o Colegiado do Curso, ao analisarem a implementação do PPC e considerando a necessidade

do atendimento aos objetivos do curso e ao perfil do egresso, poderão propor a inclusão do Teste de Habilidade Específica (THE), com cunho classificatório, nos concursos vestibulares subsequentes.

### 2.1.2 Regime de Matrícula

O Curso Superior de Licenciatura em Teatro está caracterizado por um modelo pedagógico flexível, distribuído ao longo de oito períodos. A Organização Curricular do Curso se caracteriza por um conjunto de saberes pedagógicos – correspondentes às áreas de conhecimento do campo da educação –, comuns a todas as licenciaturas, compondo a identidade do professor e a unidade entre os cursos, admitindo o regime flexibilizado de matrícula. Este regime possibilita o diálogo entre as licenciaturas e a construção do itinerário formativo pelo aluno, mediante a escolha de disciplinas que constarão de seu plano de estudos<sup>7</sup>, considerando os aspectos a seguir:

- i. a renovação de matrícula é feita pelos alunos regularmente matriculados a partir do seu segundo semestre letivo na Instituição e deverá ocorrer a partir da penúltima semana letiva do semestre em andamento;
- ii. na renovação, o aluno – com acompanhamento do professor orientador<sup>8</sup> - seleciona os componentes curriculares que poderão fazer parte do seu plano de estudos mediante o quadro de ofertas de disciplinas disponibilizadas pela Coordenação Acadêmica de Curso e Registro Acadêmico, respeitando os requisitos.
- iii. o aluno deve se matricular em no mínimo 60% da carga horária do seu período de referência. Este é o período em que o aluno é enquadrado, baseado no seu percentual de integralização. Define-se percentual de integralização do curso o valor numérico que dá a medida do quanto o aluno já concluiu (aprovação) do curso em relação aos componentes curriculares de sua matriz;
- iv. para os alunos ingressantes no primeiro período, não há elaboração do plano de estudos, ele estará necessariamente matriculado em todas as disciplinas do período;

---

<sup>7</sup>O plano de estudo é o conjunto de componentes curriculares que o aluno seleciona para o semestre letivo subsequente, representando o interesse em cumprir um determinado itinerário formativo.

<sup>8</sup> O professor orientador pertence ao Colegiado do Curso e é indicado por este Colegiado para realizar a orientação e o acompanhamento acadêmico de um grupo de alunos.

v. o preenchimento das vagas nas turmas<sup>9</sup> dos componentes curriculares de cada período letivo será efetuado atendendo esta ordem:

- a. alunos regularmente matriculados em seu período de referência;
- b. alunos finalistas, ou seja, aqueles que tiverem concluído pelo menos 90% (noventa por cento) da carga horária integralizada dos componentes curriculares do curso.
- c. alunos fora do período de referência da disciplina, priorizando-se aqueles com maior quantidade de disciplinas integralizadas;
- d. alunos de outros *campi* que solicitaram matrícula em determinada disciplina;
- e. alunos que desejam trocar de turma.

### 2.1.3 Núcleo Docente Estruturante (NDE)

Com base na Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, Art. 6.º, inciso I; Parecer N.º 4, de 17 de junho de 2004 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES -; Resolução N.º 1, de 17 de junho de 2010, foi publicada em 04 de junho de 2013 a Ordem de Serviço N.º 22 (Anexo 4) que regulamenta a constituição, as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos Centro.

Destaca-se, da regulamentação supracitada, os Artigos 1.º e 2.º com seus respectivos incisos, segundo os quais cabe ao NDE a concepção, a elaboração, execução e constante avaliação do Projeto Pedagógico do Curso e tem, em sua composição: o Coordenador e Coordenador Adjunto do Curso; no mínimo quatro professores pertencentes ao corpo docente do curso; no mínimo 60% de seus membros com titulação acadêmica em mestrado ou doutorado.

### 2.1.4 Colegiado do Curso

O Colegiado do Curso é órgão de coordenação e supervisão didático-científico-tecnológica, com função normativa e deliberativa, segundo a Ordem de Serviço N.º 10, de 01 de julho de 2014 (Anexo 8), que regulamenta a constituição, as atribuições e o

---

<sup>9</sup> Entende-se como turma nesse regime de matrícula, o grupo de alunos matriculados em determinada disciplina de um currículo, em dado horário e com determinado professor.

funcionamento do Colegiado dos Cursos do *campus* Campos Centro do Instituto Federal Fluminense. Neste caso específico, o Colegiado será constituído após a implantação do Curso, quando serão definidos: representatividade dos segmentos; periodicidade das reuniões; formas de registros e encaminhamento das decisões. Todos estes itens compoem o Projeto Pedagógico do Curso.

### **2.1.5 Convênios e/ou Ações que promovam integração com as escolas da Educação Básica das redes públicas e privadas**

Para que os licenciados possam vivenciar a prática docente durante a sua formação, o Núcleo de Apoio à Prática Profissional, vinculado à Diretoria das Licenciaturas, firma parcerias com a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e com Secretarias Municipais de Educação e instituições particulares do Norte e Noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Assim, são proporcionados ao licenciando a realização do Estágio Curricular Supervisionado, bem como ações de Extensão e Pesquisa junto às instituições parceiras para que tal prática, ainda durante a sua formação, venha a propiciar seu fazer pedagógico e artístico em espaços formais e não formais, bem como seu engajamento com as necessidades reais das comunidades.

O município de Campos dos Goytacazes possui escolas distribuídas por toda a sua área de abrangência: 36 municipais, que atendem ao segundo segmento do Ensino Fundamental da Educação Básica, e 53 estaduais, que oferecem o Ensino Médio. Na rede federal, o município dispõe do IF Fluminense que compreende os *campi* Campos-Centro e Campos-Guarus no atendimento ao ensino Técnico Integrado ao Médio. Tal oferta será o campo de apoio para a prática profissional dos licenciados em Teatro ao longo do curso, tanto no estágio curricular quanto na instalação do Laboratório de Ensino e Aprendizagem em Teatro – LEAT.

## **2.2 Aspectos legais que fundamentam a criação do Curso.**

O presente Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos-Centro, elaborado por uma Comissão instituída por meio de Ordem de Serviço N° 19 de 29 de agosto de 2014 (Anexo 5) para este fim, tem como

base a Constituição Federal do Brasil de 1988 que preconiza a educação como direito de todos e dever do Estado e da família e que esta será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Destacam-se as definições dos artigos:

[...] 206 (II) o ensino será ministrado com base nos princípios de liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber [...] 208 (V) o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa, e da criação artística, segundo a capacidade de cada um [...] 210, serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais. (BRASIL, 1988, p.34-35).

Além da Constituição Federal de 1988, este PPC está devidamente fundamentado na Lei 9394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, aprovada em dezembro de 1996 e suas alterações posteriores. Em consonância com a LDBEN, lei maior da educação brasileira, o presente PPC visa a estimular dialogicamente o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais.

Nesse sentido, o PPC baseia-se nos princípios de liberdade, nos ideais de solidariedade humana e busca o preparo para o exercício da cidadania e a atuação profissional no mundo do trabalho. Tentando, assim, suprir uma demanda não atendida e viabilizar a formação de professores de teatro, inclusive para os professores que já atuam na área, mas não possuem essa formação específica, não só no município de Campos dos Goytacazes, mas em toda a região Norte Fluminense e estados adjacentes, como o de Minas Gerais e Espírito Santo.

A LDBEN/96 no artigo 26, parágrafo 2.º, alterado pela Lei N.º 12.287 de 13/07/2010, preceitua que o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. E de acordo com o artigo 9.º, item IV, a União ficará incumbida de estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum.

Outra referência importante para este PPC são os Parâmetros Curriculares Nacionais-

PCN que, conceitualmente, relacionam a área de Arte com os demais campos do conhecimento e distinguem suas especificidades, ou seja, Teatro, Dança, Música, Artes Visuais. Isto representa um avanço na História do Ensino da Arte, já que se passou a identificar a área por “Arte”, com suas linguagens específicas (Teatro, Dança, Música, Artes Visuais) e não mais por Educação Artística. O Parecer CNE/CEB Nº 22/2005 do Conselho Nacional de Educação ratifica essa mudança conceitual e, desta forma, finda a noção de polivalência que até então havia na formação e na atuação do professor de Arte. A formação na área de Artes passa a ser específica para cada uma das respectivas linguagens e, portanto, demanda cursos de licenciaturas distintas. Tais documentos passam a reconhecer o ensino de Arte como área de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, com uma função relevante tanto quanto as demais áreas.

O presente PPC ainda é subsidiado pelo Parecer CNE/CES 67/2003, de 11/03/2003 que institui o Referencial para as Diretrizes Curriculares Nacionais - DCN - dos Cursos de Graduação e ainda pela Resolução N.º 4, de 08 de março de 2004 do CNE/CES relativa às Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Teatro que estabelece, entre outros itens, que o curso superior nessa área seja denominado Curso de Graduação em Teatro (e não mais em Artes Cênicas) e determina que as instituições de ensino superior definam com clareza os elementos que lastreiam a própria concepção do curso, o seu currículo pleno e sua operacionalização na composição dos seus projetos pedagógicos.

Art. 2.º- A organização do curso de que trata esta Resolução se expressa através do seu projeto pedagógico, abrangendo o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o estágio curricular supervisionado, as atividades complementares, o sistema de avaliação, a monografia, o projeto de iniciação científica ou o projeto de atividade, como trabalho de conclusão de curso – TCC, componente opcional da instituição, além do regime acadêmico de oferta e de outros aspectos que tornem consistente o referido projeto pedagógico. (RES. 04/2004)

Desse modo, o presente projeto pedagógico, também em sintonia com as DCN em questão, abrange o perfil do egresso; as formas de avaliação do ensino; os objetivos do curso nas suas relações contextuais; as cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso; as formas de realização da interdisciplinaridade; as competências e habilidades; os modos de integração entre teoria e a prática; os componentes curriculares; o

estágio curricular supervisionado; as atividades complementares e o Trabalho de Conclusão de Curso, entre outros.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Teatro (artigos 7.º, 8.º e 9.º) entende-se que tanto o Estágio Curricular Supervisionado quanto as Atividades Complementares e o TCC devem possuir regulamentação própria que, no caso específico, são as resoluções elaboradas e aprovadas pelo Colegiado de Curso. Neste PPC inserem-se os respectivos documentos já elaborados pela Diretoria de Ensino Superior dos Cursos de Licenciatura do *campus* Campos-Centro e aprovados como norteadores para a elaboração específica do Curso de Licenciatura em Teatro quando da instalação de seu NDE.

Segundo o Parecer CNE/CP 9/2001, no processo de elaboração das propostas de diretrizes curriculares para a graduação, a Licenciatura ganhou terminalidade e integralidade própria em relação ao Bacharelado, constituindo-se em um projeto específico. Isso exige a definição de currículos próprios da Licenciatura que não se confundam com o Bacharelado ou com a antiga formação de professores. (CNE/CP 9/2001, p. 6).

De acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP N.º 1, de 18 de fevereiro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica em nível superior - curso de licenciatura de graduação plena - o PPC em foco se pauta pelo (a): ensino visando à aprendizagem do aluno; acolhimento e trato da diversidade; exercício de atividades de enriquecimento cultural; aprimoramento em práticas investigativas; elaboração e execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares; uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores e o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe (cf. Art. 2º).

Na formação dos professores de Teatro que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica, importante salientar alguns princípios norteadores dessa preparação para o exercício profissional específico que considerem, sobretudo, a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada para o futuro, assim como a aprendizagem vista como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocadas em prática as capacidades pessoais.

Destaca-se, ainda, o artigo 6.º da resolução CNE/CP N.º 1/2002, pois se constituiu

uma base fundamental na construção deste projeto pedagógico por considerar:

(I) as competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática; (II) as competências referentes à compreensão do papel social da escola; (III) as competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, aos seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar; (IV) as competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico; (V) as competências referentes ao conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica; (VI) as competências referentes ao gerenciamento do próprio desenvolvimento profissional. (§ 1.º) O conjunto das competências enumeradas neste artigo não esgota tudo que uma escola de formação possa oferecer aos seus alunos, mas pontua demandas importantes oriundas da análise da atuação profissional e assenta-se na legislação vigente e nas diretrizes curriculares nacionais para a educação básica. (§ 2.º) As referidas competências deverão ser contextualizadas e complementadas pelas competências específicas próprias de cada etapa e modalidade da educação básica e de cada área de conhecimento a ser contemplada na formação. (Art. 6.º, CNE/CP n.º 1/2002)

A Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP N.º 2, de 19 de fevereiro de 2002, institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura de graduação plena de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Conforme a Resolução, a carga horária dos cursos de formação de professores será efetivada mediante integralização de, no mínimo, 2800 (duas mil e oitocentas) horas, nas quais a articulação teoria-prática garantida, nos termos dos seus projetos pedagógicos, as seguintes dimensões dos componentes comuns:

I - 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do curso; II - 400 (quatrocentas) horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso; III - 1800 (mil e oitocentas) horas de aulas para os conteúdos curriculares de natureza científico-cultural; IV - 200 (duzentas) horas para outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais.

Parágrafo único. Os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária do estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas.

Art. 2º A duração da carga horária prevista no Art. 1.º desta Resolução, obedecidos os 200 (duzentas) dias letivos/ano dispostos na LDB, será integralizada em, no mínimo, 3 (três) anos letivos. (CNE/CP n.º 2/2002)

Ainda conforme esta Resolução, a Prática como Componente Curricular estará presente desde o início do Curso de Licenciatura em Teatro e deverá se estender ao longo de

todo o seu processo. Em articulação com o Estágio Curricular Supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, a prática concorre conjuntamente para a formação da identidade do professor como educador, presente nas disciplinas de saberes específicos na formação do professor/a de Teatro.

Conforme o Regulamento de Prática Profissional das Licenciaturas, documento da Diretoria das Licenciaturas de 24 de julho de 2013 (Anexo 6), elaborado levando em consideração o Parecer CNE/CP N.º 28, aprovado em 02 de outubro de 2001; a Resolução CNE/CP N.º 1 de 18 de fevereiro de 2002; a Resolução CNE/CP N.º 2 de 19 de fevereiro de 2002 e a Lei N.º 11.788 de 25 de setembro de 2008, a Prática Profissional dos Cursos de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos-Centro é entendida como reflexão-ação-reflexão sobre a atividade profissional do magistério e constitui parte integrante e obrigatória do Currículo, perfazendo o total de 1.000 horas, a saber: (a) Prática como Componente Curricular (400 horas); (b) Estágio Curricular Supervisionado (400 horas); (c) Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (200 horas).

Outro ponto relevante do presente PPC é o que diz respeito à legislação que trata das relações étnico-raciais na educação (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008; Decreto 6.872/2009; Parecer CNE/CP 03/2004 e Resolução CNE/CP 01/2004). Entende-se como o argumento mais incisivo para inclusão da temática nos Cursos de Graduação em Teatro o Art. 1.º da Resolução CNE/CP N.º 1, de 17 de junho de 2004, que determina:

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores.

§ 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004. (Art. 1.º da Resolução CNE/CP n.º 1, 2004)

O reconhecimento efetivo da contribuição cultural dos africanos e também dos indígenas nos marcos regulamentares acima mencionados mostra-se como uma atividade indispensável. Mas o entendimento desta contribuição envolve uma abordagem cuidadosa no

intuito de superar o etnocentrismo e, sobretudo, de ampliar seu escopo para os demais grupos étnicos, minoritários ou não, presentes em nossa sociedade, tendo-se sempre a preocupação de tratar todos como sujeitos históricos igualmente importantes para a formação de nossa sociedade. Dessa maneira, talvez se possa, de fato, caminhar para uma percepção mais livre dos inúmeros preconceitos, discriminações e crenças infundadas que ainda grassam em muitas instâncias de nossa sociedade.

Outro aspecto legal relevante refere-se à inclusão da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - como disciplina curricular obrigatória para os Cursos de Licenciatura, e optativa para os de Bacharelado, na perspectiva de adequar-se ao Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei N.º 10.436 de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei N.º 10.098 de 19 de dezembro de 2000. Nesse sentido, de acordo com o decreto:

Art. 3.º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 18 - § 1.º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério. (Lei n.º 10.098/ 2000)

Essa inclusão evidentemente não é suficiente para conhecer a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS - na sua estrutura linguística como um todo e, muito menos, em suas especificidades enquanto língua de uma comunidade. No entanto, parece ser um primeiro passo para que saibamos que é uma língua com toda complexidade dos sistemas linguísticos que servem à comunicação, socialização e ao suporte do pensamento de grupos sociais de nossa população.

O Curso de Licenciatura em Teatro ora apresentado, por entender que a Educação só se torna efetiva quando promove mudança e transformação social, também considera importante destacar a Resolução N.º 1 de 30 de maio de 2012, que estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, cujos temas serão abordados no componente curricular Ética no Teatro. O curso de Licenciatura em Teatro fundamenta-se, dessa forma, nos princípios citados no Artigo 3.º da referida Resolução, a saber: (I)

dignidade humana; (II) igualdade de direitos; (III) reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; (IV) laicidade do Estado; (V) democracia na Educação; (VI) transversalidade, vivência e globalidade e (VII) sustentabilidade socioambiental.

Quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, Resolução N.º 2 de 15 de julho de 2012, o Curso apresentado neste PPC entende que a Educação Ambiental é uma dimensão da educação que prioriza a formação com responsabilidade cidadã na “reciprocidade das relações dos seres humanos entre si e com a natureza” (Art. 4.º, Resolução N.º 2/2012). É esta formação com responsabilidade cidadã que obriga o Curso de Licenciatura em Teatro também a atender, no seu desenho curricular, aos pressupostos básicos da PNAD - Política Nacional Antidrogas -, isto porque se considera que o referido Curso é um eficiente espaço de reflexão e prática de enfrentamento do problema do uso e abuso de drogas usadas sem supervisão médica e utilizadas inadequadamente por motivos alheios à saúde (Parecer CNE/CP 9/2003, de 30 de setembro de 2003). Dessa forma este PPC de Licenciatura em Teatro reitera o Art. 2.º da LDBEN/96 ao indicar que a Educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” e ao contemplar em seu currículo conceitos, habilidades, procedimentos e atividades referentes à prevenção do uso e abuso de drogas.

Cabe destacar, ainda, que conforme o inciso IV do art. 6.º da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, uma das finalidades da criação dos Institutos Federais é a de orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e do fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal. Apresenta o objetivo de ministrar, em nível de educação superior, cursos de licenciatura, bem como programas especiais de formação pedagógica, com vistas na formação de professores para a educação básica (...), (Art.7.º, VI, b, Lei 11.892/2008)

### **2.3 Concepções e finalidades do Curso**

O curso de Licenciatura em Teatro pretende formar profissionais para exercer a função de professor no âmbito do Teatro. Para o alcance desse objetivo, a concepção de conhecimentos contempla os saberes essenciais dos pilares da educação, quais sejam: o

**Saber**, conhecimento que envolve tanto o âmbito específico quanto o integrador, dos conteúdos de formação; o **Saber ser**, que orienta a construção do indivíduo a partir de princípios éticos e humanísticos (democracia, justiça, diálogo, sensibilidade, solidariedade, respeito à diversidade, comprometimento entre outros); o **Saber pensar**, com a proposta de realizar a construção do conhecimento a partir da contextualização, problematização, crítica, questionamento e reflexão permanente sobre a prática e, por último, o **Saber intervir**, dispondo um currículo construído a partir das vivências experimentadas nas quais se pensa transformando a própria prática, propondo soluções, atuando crítica e criativamente.

O Curso investe na formação de um profissional que seja capaz de detectar, propor e vencer desafios, interagindo no cenário das perspectivas de mudanças e inovações, pois tem como princípio o ensino na contemporaneidade e procura adequar-se às mudanças ocorridas na sociedade e que, portanto, devem ser acompanhadas pela escola, sobretudo na retomada de uma visão não compartimentada do saber.

Pretende-se formar docentes com domínio qualificado das práticas artísticas e pedagógicas para atuarem de modo humanístico, crítico-reflexivo e ético, considerando o seu papel de agente cultural, social e político, e de acordo com o que definem as Diretrizes Gerais Curriculares Nacionais para a formação docente, em que as competências profissionais são consideradas essenciais à atuação profissional do professor e devem, por isso, orientar as ações de formação. Afirma-se, para tal, que esta formação deve ser pautada por princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, diálogo e solidariedade, atuando na formação do profissional e do cidadão. Acrescenta, também, que o licenciando deverá criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando o conhecimento das áreas a serem ensinadas, das temáticas sociais transversais à matriz curricular escolar, bem como das respectivas didáticas.

O formato deste documento obedece aos itens propostos pela Regulamentação didático-pedagógica que, entre outros, regulamenta os parâmetros para a elaboração de Projetos Político-Pedagógicos de Cursos de Licenciatura do Instituto Federal Fluminense.

A partir da obrigatoriedade do ensino de Arte na Educação Básica do Brasil apresentado no artigo 26, Parágrafo 2.º da Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases - LDBEN/96; do reconhecimento da relevância desta formação nos Parâmetros Curriculares

Nacionais - PCN/98 e DCN 04/2004 e das metas de implantação do PNC/2010, a criação do Curso de Licenciatura em Teatro visa atender à demanda dos profissionais docentes e, ainda, fomentar a pesquisa em teatro e a prática cênica na região norte-fluminense.

Sabe-se que a inserção da Arte possibilita uma nova experiência humana e, conseqüentemente a modificação das relações sociais. Portanto, a criação do Curso de Licenciatura em Teatro se faz necessária não só às vivências escolares, como às da comunidade em geral.

O desenho curricular e as ementas demonstram que a maior preocupação é com o desenvolvimento do caráter teórico-prático do aluno, eixo norteador do desenvolvimento do ementário, priorizando a carga prática e laboratorial do universo cênico como essencial para a formação dos futuros professores. As formas de avaliação do ensino e da aprendizagem aparecem de forma qualitativa e quantitativa neste projeto, bem como o incentivo à iniciação a pesquisa artística, científica e tecnológica, complementando e/ou integrando a atividade de ensino.

É importante ressaltar que, para a consolidação de sua estrutura curricular, o curso conta com professores do quadro do IF Fluminense e que outros estão sendo solicitados para os próximos períodos letivos. Quanto à estrutura física de salas de aula e laboratórios, contar-se-á com Bloco G (em obras) para salas de aula e coordenação; o Centro de Artes (em obras) e primeiro piso do Bloco D para salas de aula e laboratórios.

Atendendo às prerrogativas do IF Fluminense, o *Campus* Campos-Centro cria a primeira Licenciatura em Teatro do interior do Estado do Rio de Janeiro, a fim de formar profissionais que contribuam para a competência profissional de seus estudantes consolidando a qualidade do ensino público brasileiro.

## 2.4 OBJETIVOS

### 2.4.1 Objetivo Geral

Formar professores para atuarem no ensino de teatro na Educação Básica (anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio) com qualificação para planejar, organizar e acompanhar atividades educacionais na área de teatro em espaços formais e não formais.



## 2.4.2 Objetivos específicos

- Fornecer subsídios conceituais, práticos e metodológicos que ampliem a atuação docente nas interfaces do teatro com as artes cênicas e as demais linguagens artísticas.
- Ampliar a experiência discente, incentivando a prática criativa e cultural em diferentes contextos sociais como agente gerador de conhecimento crítico do fazer artístico.
- Viabilizar a pesquisa científica em teatro visando à produção, elaboração e divulgação do conhecimento na área.
- Promover a articulação ensino-pesquisa-extensão, por meio do incentivo a projetos interdisciplinares no âmbito do curso em atendimento às demandas da comunidade interna e externa.
- Atender à demanda local e regional de professores no ensino de Teatro para formar profissionais atuantes no que diz respeito à pesquisa, à crítica, à produção e à gestão cultural.
- Estimular o desenvolvimento de consciência crítica em relação à compreensão da identidade cultural e do papel do professor de Teatro como agente transformador do conhecimento.
- Promover o desenvolvimento de competências para o ensino, a pesquisa e a extensão, levando em consideração a pluralidade cultural brasileira e seu diálogo com outras culturas.
- Oferecer ao aluno subsídios teórico-metodológicos no campo contextual da Cultura brasileira atentando para as suas manifestações espetaculares, sua diversidade, bem como para os elementos técnicos e criativos específicos do imaginário brasileiro e suas configurações.
- Promover a reflexão no ensino do Teatro, no intuito de identificar e analisar sua gênese, historicidade e desenvolvimento, a fim de objetivá-lo como componente curricular fundamental na educação básica.
- Proporcionar sólida formação aos egressos nas disciplinas específicas do Teatro articuladas à formação pedagógica, garantindo a aplicação dos conhecimentos

didático-metodológicos ao ensino de teatro na escola.

## 2.5 Perfil do egresso

Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura de abril de 2010, o perfil desejado é:

O Licenciado em Teatro é o professor que planeja, organiza e desenvolve atividades e materiais relativos ao Ensino da Arte Teatral. Sua atribuição central é a docência na Educação Básica, que requer sólidos conhecimentos sobre os fundamentos da Arte Teatral, sobre seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas; assim como sobre estratégias para transposição do conhecimento artístico em saber escolar. Além de trabalhar diretamente na sala de aula, o licenciado elabora e analisa materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas computacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros. Realiza, ainda, pesquisas em Ensino da Arte Teatral, coordena e supervisiona equipes de trabalho. Em suas atividades, prima pelo desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética, a construção de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico. (MEC- Secretaria de Educação Superior, p. 100).

Para que esta diretriz seja alcançada, o curso proposto neste PPC pretende promover uma sólida formação ética, teórica, artística, técnica e cultural que irá possibilitar a capacitação dos discentes, tanto para a atuação qualificada nos processos de educação (formais e não formais) quanto para a investigação de novas técnicas, metodologias de trabalho, linguagens e propostas estéticas.

O Teatro, como área de conhecimento, possui muitas faces que se articulam e se complementam, relacionadas a diversos outros campos do saber como a Psicologia, a Antropologia, a Comunicação, a Filosofia, entre outros. E, no caso da formação docente em Teatro, prescinde da articulação com outro campo de conhecimento, a Pedagogia. Neste contexto, pretende-se formar um profissional que, além do domínio dos conhecimentos específicos da área, seja capaz de promover a articulação dos múltiplos saberes necessários à demanda do seu exercício profissional, inclusive aqueles advindos de suas vivências anteriores e extraescolares, bem como do contexto social de seus discentes. Deste modo, este profissional torna-se apto não somente a trabalhar diretamente na sala de aula, priorizando o desenvolvimento do educando, incluindo sua formação ética e a construção de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, mas também com habilidade de elaborar e analisar

materiais didáticos, como livros, textos, vídeos, programas computacionais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros, e de realizar pesquisas em ensino da Arte Teatral, bem como coordenação e supervisão de equipes de trabalho.

Inclui-se no seu perfil a compreensão das questões que envolvem o ensino das áreas específicas do Teatro e o exercício das capacidades de avaliar criticamente sua própria atuação e de interagir, de forma cooperativa, com a comunidade profissional, acadêmica e artística, na elaboração de projetos e de investigações nesse campo do conhecimento.

Considerando o pensamento pedagógico na área de conhecimento Artes, faz-se importante destacar a formação de um profissional atento à promoção do conhecimento que articule o fazer artístico, a apreciação das obras de arte e a contextualização histórica e social das mesmas.

Destaca-se que o docente da área de Teatro deverá estar também comprometido com a Educação Especial, incorporando os princípios de uma pedagogia inclusiva, o que lhe exige a capacidade de estabelecer interfaces com profissionais de outras áreas e a compreensão dos limites e possibilidades de sua atuação como docente de Teatro nesse contexto multifacetado.

Assim como, o docente deverá estar preparado para uma educação voltada para a diversidade étnica da população brasileira, haja vista que ainda predomina uma educação eurocêntrica, em detrimento, por exemplo, de saberes étnico-culturais das populações negra e indígena, conforme preceituam as orientações das Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e Ensino da Cultura Afro-Brasileira e Africana. Na mesma direção, o fortalecimento da *práxis* de formação voltada para a criação de um pensamento crítico e reflexivo sobre os problemas de gestão ambiental nas práticas cotidianas do Curso, em que se destaquem: a) problemas emergenciais e concretos do uso dos recursos ambientais; b) instauração de novas formas de compreensão de sistemas de produção de conhecimento visando à emergência do desenvolvimento de políticas de Educação Ambiental.

Por fim, o licenciado deverá ser capaz de buscar uma contínua atualização profissional, realizando, inclusive, conexão de sua graduação com estudos de pós-graduação e pesquisa, para acrescer novas práticas à constituição de repertórios e saberes desta área do conhecimento, assim como renovar a produção de pesquisa, crítica e espetáculos teatrais, além de contribuir para a formação de plateias, contribuindo para a difusão de novas ideias no ensino do Teatro no estado e no país.

Pretende-se, ainda, que esse perfil de egresso esteja permeado pelo respeito às matrizes socioculturais do sujeito formado a sua realidade de origem, às diferenças (de etnia, gênero, crença, classe etc.) e pela dedicação a sua arte e ofício com ética.

Em resumo, o licenciado será um sujeito crítico com capacidade de: a) organizar conhecimentos teatrais, contextualizando-os esteticamente, histórica e socialmente; b) sistematizar práticas de formação e preparação para a pesquisa em torno das poéticas dramáticas, corporais, interpretativas, cenográficas e de encenação; c) produzir espetáculos teatrais; d) ensinar teatro em espaços formais e não formais e lecionar para alunos da educação básica.

## 2.6 Organização Curricular

A Estrutura Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro do Instituto Federal Fluminense de Educação Ciência e Tecnologia *campus* Campos-Centro está organizada em oito períodos de acordo com os objetivos do Curso, em atendimento ao perfil do egresso delineado neste documento, de forma a atender aos princípios da transversalidade, interdisciplinaridade e que fundamentam a formação docente.

Assim, estabeleceu-se uma estrutura curricular organizada em três dimensões, a saber: (a) dimensão dos saberes específicos - conhecimentos pertinentes à área de conhecimento a ser ministrada e conhecimentos da área pedagógica; (b) dimensão dos saberes instrumentais - conhecimentos que fundamentam o fazer do professor articulados aos fundamentos teóricos que dão suporte à ação do docente e (c) dimensão dos saberes da prática profissional - conhecimentos articulados com o exercício no campo de atuação do professor e que ampliam e enriquecem sua atuação.

Cada uma dessas dimensões agrupam componentes curriculares que contemplam os conteúdos da área de conhecimento de Teatro, a ser ministrada pelo egresso; conteúdos pedagógicos e conteúdos que instrumentalizam a ação do profissional em formação, necessários ao desenvolvimento das competências e habilidades dos profissionais egressos do referido Curso.

Entende-se que um Curso de Licenciatura, por ter como objeto a formação de professores, tem como especificidade do Curso os conteúdos da área de conhecimento em que irão se formar e os conteúdos pedagógicos compondo assim uma única dimensão da formação

docente, superando a fragmentação entre os conteúdos tidos como específicos e os conteúdos pedagógicos.

Na dimensão da prática profissional estão presentes os componentes curriculares: prática como componente curricular, Estágio Curricular Supervisionado e Atividades Acadêmicas científico-culturais, disciplinados pela Resolução CNE/CP 2/2002. Esta dimensão se organiza numa perspectiva de construção da identidade profissional a partir da ação-reflexão da atividade docente exercida no campo de atuação.

Na perspectiva de favorecer a formação de um professor de teatro, pautado nos saberes - finalidades, noções, conceitos - e no saber-fazer teatro - métodos, técnicas e procedimentos, que se apresentam neste PPC componentes curriculares centrados no artístico-estético-pedagógico, ou seja, na formação de um professor capaz de possibilitar tanto uma aula **sobre** teatro quanto uma aula **em** teatro.

Nessa perspectiva, foram incluídas na estrutura curricular as disciplinas Teatro-Educação I, II, III e IV e nelas se desenvolvem as abordagens metodológicas a partir dos Jogos de improvisação, isto é: Jogo dramático; Jogo teatral; Peça Didática de Brecht; Teatro do Oprimido; Drama; Texto e Jogo.

Salienta-se ainda que a Pedagogia do Teatro é entendida como campo do teatro-educação, uma vez que nele se realiza, conforme salientou Pupo (2008, p. 222), na reflexão sobre as finalidades, as condições, os métodos e os procedimentos relativos a processos de ensino/aprendizagem em teatro. Ou ainda, em um conjunto de sistemas, técnicas, poéticas e éticas que artistas e grupos engendraram para a formação, manutenção e desenvolvimento de diferentes estéticas teatrais. (ICLE, 2010, p. 01). Tal disciplina busca, nesse sentido, investigar possibilidades de melhoria no campo da educação, contribuições para a formação da pessoa em seus aspectos biopsicosocioculturais por meio do teatro, portanto, compreendendo também a realidade em que este indivíduo se encontra e os impasses para promover na escola um ato educativo que promova a humanização e emancipação dos mesmos e, assim, se instrumentalizem para poder transformar a realidade em que vivem.

Este currículo apresenta estas abordagens metodológicas a partir dos jogos de improvisação, e a Pedagogia do Teatro/Teatro-Educação tende a investigar a complexidade da sua prática pedagógica no que tange a condições do processo do fazer teatral mediante a problemática da espacialidade, técnicas, criação (artístico-estético-pedagógica) no intuito de

possibilitar a elaboração de um processo de criação cênica a partir da linguagem teatral - encenação, dramaturgia, atuação, cenografia, indumentária, sonoplastia, música, iluminação - como área de conhecimento.

A Organização Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro apresenta, nos primeiros períodos, componentes curriculares que oferecem uma visão do percurso histórico das Artes, particularizando fundamentos da Arte Teatral, bem como componentes curriculares que visam desenvolver competências que habilitem os licenciados para desenvolverem a prática docente no campo do teatro em espaços formais e não formais.

Nos períodos subsequentes estão elencados componentes curriculares que tratam dos aspectos teórico-metodológicos ligados à docência. Concomitantemente e até os últimos períodos do curso, a proposta curricular contempla atividades teórico-práticas que se desenvolvem em componentes curriculares denominados por Oficinas e Laboratórios de Ensino e Aprendizagem em Teatro (LEAT), espaços concretos para a interdisciplinaridade e os cruzamentos epistemológicos.

Entende-se por oficina de formação livre o espaço onde o fazer e o pensar estarão conjugados, no sentido da construção coletiva de saberes. A formação livre “se constitui pela possibilidade do estudante traçar seu próprio itinerário acadêmico-formativo. [...] Trata-se de potencializar espaços/tempos formativos a partir do interesse pessoal de cada estudante” (BRITO, 2008, p. 18). Deste modo, este formato de oferta de outros componentes curriculares está coerente com a construção do currículo proposto neste projeto. Enquanto o currículo define a identidade do Curso e dos egressos, este projeto de oficinas de formação livre define a possibilidade de construção de identidades.

As oficinas propostas no âmbito do Curso se propõem a integrar e ampliar os conhecimentos trabalhados, traduzidos na organização e execução de atividades voltadas para o ensino de teatro e para a produção de atividades artísticas, notadamente na área de atuação das artes cênicas, na Educação Básica.

Serão oferecidas a partir do segundo período para alunos que estejam cursando do segundo ao oitavo período, indistintamente. Este conjunto de componentes curriculares de formação curricular complementar será composto por um mínimo de sete oficinas, em que a instituição se compromete a oferecer no mínimo uma oficina por período. No entanto, é importante salientar que as atividades validadas nesta modalidade de formação livre, além de

contarem com carga-horária definida, deverão ter aproveitamento comprovado pelo instrutor e/ou professor responsável, sendo contabilizado em seu currículo ao final do curso.

Ressalta-se que, em se tratando de educação dialógica, os graduandos não farão a escolha de qual oficina cursar de forma arbitrária e solitária. Estas escolhas deverão ser tomadas a partir da discussão com o professor orientador e referendadas por ele, figura legitimada pela experiência na área e que acompanhará o processo de autoformação de cada um dos graduandos, a partir do segundo período.

Faz parte deste PPC a oferta, em forma de oficinas, dos seguintes componentes curriculares: Fundamentos do cômico e da linguagem do Palhaço (2.º período); Técnica Circense aplicada ao teatro (3.º período); Sonoplastia (4.º período); Dança Cênica (5.º período); Psicodrama (6.º período); Canto Coral (7.º período); Fotografia, Cinema e Audiovisual (8.º período). No entanto, poderão vir a serem oferecidas outras oficinas para os licenciados do Curso, de acordo com as possibilidades de carga horária do aluno, do professor e de instrutores convidados para este fim.

Os Laboratórios de Ensino e Aprendizagem em Teatro – LEAT – consistem em espaços onde serão desenvolvidas atividades teórico/práticas, que visam subsidiar a docência em teatro, propondo uma relação interdisciplinar entre os conhecimentos vivenciados no decorrer do curso, por meio da experimentação, do estímulo à criatividade e à inovação. Serão instalados até quatro laboratórios simultâneos, em diferentes unidades públicas de ensino sediadas no município, incluindo uma no próprio Instituto Federal Fluminense, *campus* Campos Centro. Eles contarão com uma coordenação geral, exercida por um professor do curso de Licenciatura em Teatro e por uma coordenação local, a cargo de um professor, preferencialmente de Artes, da unidade de ensino parceira onde estarão instalados os LEAT. Seu funcionamento dar-se-á com um grupo de seis a dez estudantes, acompanhados por um professor do Curso de licenciatura em Teatro.

O LEAT será campo de prática pedagógica para todos os alunos do curso e terá participação obrigatória do licenciado a partir do quarto período.

O espaço por excelência onde se dará esta relação dialógica será a escola pública, que irá acolher o licenciando no momento em que ele vivenciará sua prática docente. Estas escolas públicas, localizadas no município de Campos dos Goytacazes, que serão parceiras também nas atividades de estágio de nossos alunos serão os polos dos LEAT - Laboratório de Ensino e

Aprendizagem de Teatro - que dinamizarão ações de ensino, pesquisa e extensão dentro de cada unidade escolar.

Além das atividades mencionadas, o licenciando terá oportunidade de participar de atividades de pesquisa, de iniciação científica e de extensão, com vistas à produção, elaboração e divulgação do conhecimento na área do teatro, considerando-se as demandas da comunidade interna e externa, a pluralidade da cultura brasileira e seu diálogo entre si e com outras culturas.

Prática como componente curricular, denominada do 5.º ao 8.º período *Diálogos com escola campo*, está vinculada ao Estágio Curricular Supervisionado, uma vez que se caracteriza como espaço de atuação coletiva e integrada dos formadores e tem, como finalidade, a articulação das áreas de conhecimento trabalhadas, numa perspectiva interdisciplinar, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, utilizando-se de situações contextualizadas, resolução de situações-problemas pertinentes ao contexto profissional em que irão atuar.

Diálogos com escola campo e Estágio Curricular Supervisionado configuram, portanto, como co-requisitos, conforme a ordenação na matriz curricular.

Nos períodos finais, o aluno elaborará um projeto teórico-prático, voltado para o ensino de Teatro, sob a orientação de um professor, segundo as normas para produção de Trabalho de Conclusão de Curso deste Instituto. Segue a apresentação do desenho matricial do Curso.

MATRIZ CURRICULAR			
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO			
IF FLUMINENSE CAMPUS CAMPOS-CENTRO			
Dimensões da formação docente	Componentes temáticos /disciplinas	Carga horária (h/a)	Hora
Dimensão dos saberes específicos	Teatro-Educação I	60	50
	História do Teatro e do Espetáculo I	60	50
	Improvisação Teatral	20+ 40*	50
	Fundamentos Sócio-filosóficos da Educação	60	50
	Trabalho e Educação	40	34

1º período		Poéticas do Corpo I	40+ 20*	50
	Dimensão dos saberes instrumentais	Leitura e Produção Textual	40	34
		Arte-Educação	40	34
		Fundamentos da Arte	40	34
		Tecnologias Digitais na Educação	40	34
Dimensão dos saberes da prática profissional	Atividades Acadêmico-científico-culturais	-		
	<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>		<b>500</b>	<b>417</b>
<b>Dimensões da formação docente</b>		<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>
2º período	Dimensão dos saberes específicos	Teatro-Educação II	60	50
		História do Teatro e do Espetáculo II	60	50
		Atuação Teatral I	40+ 20*	50
		Poéticas do Corpo II	40+ 20*	50
		Psicologia da Educação	40	34
		Organização dos Sistemas Educacionais I	80	68
	Dimensão dos saberes instrumentais	Fundamentos da Musicalidade Teatral	20+ 20*	34
		Fundamentos do Cômico e da Linguagem do Palhaço (Oficina)	20+ 20*	34
		Plástica e teatro de Formas animadas	20+ 20*	34
	Dimensão dos saberes da prática profissional	Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
		<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>		<b>480</b>
<b>Dimensões da formação docente</b>		<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>

3º período	Dimensão dos saberes específicos	Teatro-Educação III	60	50
		Atuação Teatral II	40+ 20*	50
		Dramaturgia: análise do texto teatral	60	50
		História do Teatro Brasileiro I	40	34
		Teorias da Aprendizagem	60	50
		Organização dos Sistemas Educacionais II	80	68
	Poéticas da Voz	20+ 20*	34	
	Dimensão dos saberes instrumentais	Dança na Escola	40+ 20*	50
		Técnica Circense aplicada ao Teatro (Oficina)	20+ 20*	34
	Dimensão dos saberes da prática profissional	Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular		500	417	
<b>Dimensões da formação docente</b>		<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>
4º período	Dimensão dos saberes específicos	Teatro-Educação IV	60	50
		Atuação Teatral III	20+ 40*	50
		História do Teatro Brasileiro II	40	34
		Organização e Gestão da Educação Básica I	60	50
		Didática I	80	68
		Poéticas da Voz em Cena	20+ 20*	34
		Ética no Teatro	40	34
		Estética Teatral	40	34
	Dimensão dos saberes instrumentais	Sonoplastia (Oficina)	20+ 20*	34
	Dimensão dos saberes da prática profissional	Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro		40	34	

		<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>	<b>500</b>	<b>417</b>	
	<b>Dimensões da formação docente</b>	<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>	
<b>5º período</b>	<b>Dimensão dos saberes específicos</b>	Fundamentos da Cenografia	<b>60</b>	<b>50</b>	
		Fundamentos da Iluminação Teatral	<b>60</b>	<b>50</b>	
		Atuação Teatral IV	<b>60</b>	<b>50</b>	
		Organização e Gestão da Educação Básica II	<b>60</b>	<b>50</b>	
		Didática II	<b>80</b>	<b>68</b>	
	<b>Dimensão dos saberes instrumentais</b>	Dança Cênica (Oficina)	<b>40</b>	<b>34</b>	
		Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro I	<b>40</b>	<b>34</b>	
	<b>Dimensão dos saberes da prática profissional</b>	LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>	
		Diálogos com a Escola Campo I	<b>40*</b>	<b>34</b>	
		Estágio Curricular Supervisionado I	<b>---</b>	<b>100</b>	
		Atividades Acadêmico-científico-culturais	<b>-</b>		
			<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>	<b>480</b>	<b>400</b>
		<b>Dimensões da formação docente</b>	<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>
	<b>Dimensão dos saberes específicos</b>	Caracterização Cênica: indumentária e maquiagem	<b>40</b>	<b>34</b>	
		Tecnologias Aplicadas ao Ensino de Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>	
		Fundamentos da Direção Teatral	<b>40</b>	<b>34</b>	
	<b>Dimensão dos saberes</b>	Psicodrama (Oficina)	<b>40</b>	<b>34</b>	
		Estudos Culturais Étnico-raciais	<b>60</b>	<b>50</b>	

<b>6º período</b>	<b>instrumentais</b>	Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro II	<b>40</b>	<b>34</b>
	<b>Dimensão dos saberes da prática profissional</b>	LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>
		Diálogos com a Escola Campo II	<b>40*</b>	<b>34</b>
		Estágio Curricular Supervisionado	---	<b>100</b>
		Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
	<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>		<b>340</b>	<b>283</b>
<b>Dimensões da formação docente</b>		<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>	<b>Hora</b>
<b>7º período</b>	<b>Dimensão dos saberes específicos</b>	Encenação teatral	<b>40</b>	<b>34</b>
		Introdução à Semiologia: análise e crítica teatral	<b>40</b>	<b>34</b>
	<b>Dimensão dos saberes instrumentais</b>	Libras	<b>40</b>	<b>34</b>
		Canto Coral (Oficina)	<b>40</b>	<b>34</b>
		TCC I – Projeto de Pesquisa em Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>
		Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro III	<b>40</b>	<b>34</b>
	<b>Dimensão dos saberes da prática profissional</b>	LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>
		Diálogos com a Escola Campo III	<b>40*</b>	<b>34</b>
		Estágio Curricular Supervisionado III	---	<b>100</b>
		Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
	<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>		<b>320</b>	<b>267</b>
	<b>Dimensões da formação docente</b>		<b>Componentes temáticos /disciplinas</b>	<b>Carga horária (h/a)</b>
		Montagem Teatral	<b>60</b>	<b>50</b>

8º período	<b>Dimensão dos saberes específicos</b>	Produção e Gestão Cultural	<b>60</b>	<b>50</b>
	<b>Dimensão dos saberes instrumentais</b>	Fotografia, Cinema e Audiovisual (Oficina)	<b>40</b>	<b>34</b>
		TCC II	<b>40</b>	<b>34</b>
	<b>Dimensão dos saberes da prática profissional</b>	LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro	<b>40</b>	<b>34</b>
		Diálogos com a Escola Campo IV	<b>40*</b>	<b>34</b>
		Estágio Curricular Supervisionado IV	---	<b>100</b>
		Atividades Acadêmico-científico-culturais	-	
		<b>SUBTOTAL: Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>	<b>280</b>	<b>167</b>
<b>TOTAL</b>		<b>3400</b>	<b>2832</b>	

<b>Resumo do Total da Carga Horária</b>	<b>h/a</b>	<b>Hora</b>
<b>Dimensão dos saberes específicos e dos saberes instrumentais, excluindo prática como componente curricular</b>	<b>2920</b>	<b>2434</b>
<b>Dimensão dos saberes da Prática Profissional</b>		
Prática como componente curricular	480	<b>400</b>
Estágio supervisionado	480	400
Atividades acadêmico-científico-culturais	240	200
<b>Total</b>	<b>4120</b>	<b>3434</b>

### Observações:

- 1) As 400 horas de prática como componente curricular (Resolução CNE/CP-2/2002) estão distribuídas nas disciplinas assinaladas com asteriscos. Um asterisco equivale a 20h/a; dois asteriscos a 40h/a do total apresentado na disciplina.
- 2) As atividades acadêmico-científico-culturais serão cumpridas ao longo do curso.
- 3) A sequenciação das disciplinas não implica, necessariamente, pré-requisitação. Quando houver, as ementas apontarão.

4) O total de carga horária foi realizado com base na hora-aula de 50 minutos.

## 2.6.1 Conteúdos/ementas/referências

### Teatro-Educação I

Carga Horária: 60h/a – Período: 1.º

#### Ementa

Análise de perspectiva histórica a partir da literatura especializada na área do teatro-educação: trajetórias, saberes, finalidades e legislação. Estudos e investigação das abordagens metodológicas baseadas nos jogos de improvisação (aprendizado com o teatro): breve discussão. Estudos e investigação na formação do professor de teatro: concepções, trajetórias de vida, prática pedagógica e os desafios da prática docente. Perspectivas de processos e experimentações (artístico-estético-pedagógica) teatrais aplicadas nas práticas de ensino formais (Fundamental, Médio e EJA) e não formais (práticas educativas sociais).

#### Objetivos

- Analisar as perspectivas do ensino de teatro-educação no contexto brasileiro
- Identificar as principais abordagens metodológicas para o ensino do teatro
- Avaliar as contribuições dos estudos realizadas para a formação do professor de teatro no Brasil
- Ilustrar os processos e experimentações com o teatro nas práticas educativas

#### Referências

##### Referências Básicas

COURTNEY, R. **Jogo teatro e educação** - as bases intelectuais do teatro na educação. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DESGRANGES, F. A **pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.

JAPIASSU, RICARDO. **A linguagem teatral na escola**: pesquisa, docência e prática pedagógica. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

##### Referências Complementares

BEHRENS, M. A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Serviço Nacional de Teatro. **Teatro na educação: subsídios para o seu estudo**. Rio de Janeiro: DDD, 1976.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHACRA, S. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SCARPATO, M. **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: AERCAMP, 2013.

## História do Teatro e do Espetáculo I

Carga Horária: 60h/a - Período: 1.º

### Ementa

Origens do teatro, o teatro primitivo (ritualístico). O teatro das primeiras civilizações. Egito e Antigo Oriente. Grécia: a tragédia e comédia. Roma e Bizâncio. As civilizações islâmicas e indo-pacíficas, China, Japão. O teatro medieval: religioso, profano e as manifestações religiosas. Estudo das principais características do teatro renascentista, barroco, classicista, *Commedia del' Arte* até o Romantismo no século XIX com ênfase nos contextos histórico, ético e estético.

### Objetivos

- Promover a compreensão e o debate acerca das características do período estudado e de teorias sobre o possível surgimento da linguagem dramática. Estudar aspectos históricos, sociais, culturais e estéticos do campo teatral na Grécia e Roma antigas, alguns aspectos do teatro na cultura oriental, e no período medieval ocidental. Abordando também alguns aspectos do teatro no Oriente.
- Caracterizar e identificar os movimentos e os gêneros do teatro do Renascimento ao Romantismo (século XIX), sob os aspectos históricos, sociais, culturais e estéticos.

### Referências

#### Referências Básicas

BERTHOLD, M. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CARLSON, M. **Teorias do teatro**: estudo teórico-crítico dos gregos à atualidade. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

GASSNER, J. **Mestres do teatro I**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

#### Referências Complementares

BRANDÃO, J. **Teatro Grego**: origem e evolução. São Paulo: Ars Poética, 1992.

FREIRE, A. **O Teatro Grego**. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1985.

MOUSSINAC, L. **História do Teatro**. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d.

PAVIS, P. **Dicionário do teatr**. Tradução J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PIGNARRE, R. **História do Teatro**. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d.

## Improvisação Teatral

**Carga Horária: 60h/a - Período: 1.º**

### Ementa

Atividades práticas e teóricas que desenvolvam processos de improvisação com finalidade a criação e experiências corporais no espaço: o jogo teatral, o jogo de máscaras, partituras de ações físicas pré-fixadas e matrizes de movimento. A prática do jogo cênico, com todos os elementos constituintes da cena teatral.

### Objetivos

- Desenvolver atividades práticas tendo como referência os seguintes elementos do fenômeno teatral: ator, espaço, espectador.
- Compreender a improvisação como processo instaurador do processo criativo em teatro.
- Experimentar os seguintes princípios de teatro: presença cênica, foco, triangulação, concentração da atenção, linha contínua de ação.
- Ter consciência da tríade no treinamento do ator: Percepção, Sensação e o Imaginário;
- Improvisar com base nos jogos teatrais.
- Buscar o corpo expressivo.
- Investigar os estados extra-cotidianos do ator.
- Experimentar os diferentes gêneros literários: épico, lírico e dramático.
- Preparar o corpo cênico.
- Explorar o trabalho de Máscara (Máscara Neutra, Larvária, Meia máscara, Máscara expressiva).
- Desenvolver cenas teatrais a partir de estruturas pré-fixadas: textos e situações sociais.
- Compreender a noção de situação dramática (personagem, conflito).
- Improvisação com objetos e outros elementos cênicos.
- Realizar improvisações a partir de uma estrutura dramática.

### Referências

#### Referências Básicas

- CHACRA, S. **Natureza e Sentido da Improvisação Teatral**. São Paulo: Perspectiva, 1991.  
KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2002.  
SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

#### Referências Complementares

COURTNEY, R. **Jogo, teatro e pensamento**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2001.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

KOUDELA, I. D. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

MORENO, J. L. **O teatro da espontaneidade**. São Paulo: Edusp, 1984.

RYNGAERT, J. **Jogar, representar...** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

## Fundamentos Sócio-filosóficos da Educação

Carga Horária: 60 h/a – 1.º período

### Ementa

Os pressupostos sócio-filosóficos subjacentes na relação sociedade e educação em diferentes contextos históricos. A gênese da sociologia e a sua influência na educação: o paradigma positivista na educação e o materialismo histórico e dialético na educação. O pensamento pedagógico brasileiro à luz da filosofia da educação.

### Objetivos

- Reconhecer as principais contribuições teóricas nas áreas de Filosofia e Sociologia para a Educação.
- Comparar a concepção de educação na perspectiva positivista e do materialismo histórico-dialético.
- Analisar as concepções de educação nos contextos medieval, moderno e contemporâneo.

### Referências

#### Referências Básicas

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando: introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1991.

ARANHA, M. L. A. **História da educação e da pedagogia geral e Brasil**. São Paulo: Moderna, 2013.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

#### Referências Complementares

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo. Fundação Escildo da UNESP, 1999.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente**. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

\_\_\_\_\_. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cultura e democracia**. São Paulo: Cortez, 2002.

GHIRADERLLI JR., P. **Filosofia e história da educação brasileira**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RODRIGUES, A. T. **Sociologia da educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

TURA, M. L. R. (org.). **Sociologia para educadores**. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

## Trabalho e Educação

**Carga Horária: 40h/a – 1.º Período**

### Ementa

Estudo da categoria “Trabalho” e seus aspectos históricos, filosóficos e sociológicos na formação da sociedade e dos homens. As relações entre trabalho e formas de organização econômico-sociais: variações históricas e conflitos entre classes sociais. Compreensão da categoria “Trabalho” como princípio educativo e das relações entre o mundo do trabalho e o da educação escolar. Análise das “novas” formas de organização no mundo do trabalho a partir da análise do novo paradigma produtivo e suas implicações para a educação escolar. Especial atenção é dada ao processo de globalização e de reestruturação produtiva em curso nos dias atuais e sua influência na educação escolar.

### Objetivos

- Identificar o lugar histórico e social do trabalho na formação das sociedades e dos homens.
- Refletir sobre o trabalho como princípio educativo.
- Aprender a transformação do trabalho por meio dos processos histórico e dos conflitos existentes entre as classes sociais.
- Analisar os modelos de produção: taylorista; fordista e toyotista e a repercussão do mesmo na área educacional.
- Debater acerca da cultura digital e contribuição da mesma para precarização do trabalho docente.

### Referências

#### Referências Básicas

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** SP: Cortez/UNICAMP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**. SP: Boitempo, 1999.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XXI**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ENGELS, F. (1888) Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, v.1, 1977, p.61-78.

#### Referências Complementares

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FERNANDES, F. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana (Manuscritos econômico filosóficos de 1844). In: **MARX E ENGELS: história**. São Paulo:

Ática, 1989.

FERRETI, C. et al. **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação**: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1993.

GORZ, A. **Adeus ao proletariado**. RJ: Forense, 1982.

KUENZER, A. Z. Educação e trabalho: questões teóricas. **Revista Brasileira de Administração de Educação**. Porto Alegre, v.4, n.1, p.36-49, jan./jun.1986.

MARX, K. **O Capital**. Livro 1. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975 (3.ed.). (O Capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do Capital. Prefácio da 1a. Edição, Prefácio da 2a. Edição, Posfácio da 2a. Edição, cap. XIII. A Maquinaria e a Indústria Moderna e XXIV. A Chamada Acumulação Primitiva) 1967.

OFFE, C. Trabalho: categoria chave da sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. RJ, n.º 10, p. 5-20, jun, 1989.

### Poéticas do Corpo I

**Carga Horária: 60h/a - Período: 1.º**

#### Ementa

Estudo teórico-prático de técnicas de expressão corporal, promovendo o conhecimento do corpo e suas potencialidades expressivas: gesto, postura, mímica, o olhar e a voz. Atividades práticas que instrumentalizam para o manejo e percepção do corpo em relação ao espaço pessoal, parcial e total – global. Técnicas de consciência corporal e aprimoramento funcional do movimento. Criação de cenas. Expressão corporal e as raízes africanas, indígenas, europeias e asiáticas da nação brasileira.

#### Objetivos

- Conhecer a história da formação corporal do ator: primeira metade do século XX.
- Ter noções básicas de anatomia aplicada ao movimento e uma introdução aos princípios teóricos das técnicas corporais.
- Exercitar a consciência e a percepção corporal.
- Conhecer a função do aquecimento, do alongamento, do alinhamento, do fortalecimento, do relaxamento e da coordenação corporal no trabalho do profissional de teatro.
- Realizar exercícios práticos que proporcionem o alongamento, aquecimento corporal, o alinhamento, o fortalecimento, o relaxamento assim como a coordenação do movimento e coloquem o aluno frente às suas possibilidades e limitações.
- Instrumentalizar o aluno para a composição de ações através dos fatores do movimento estudados por Rudolf Laban; Desenvolver a relação do corpo no espaço/tempo.

- Aplicar os jogos de corpo.
- Criar partituras corporais a partir de um texto.

## Referências

### Referências Básicas

- ASLAN, O. **O ator no século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- AZEVEDO, S. M. de. **O papel do corpo no corpo do ator**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus editorial, 1978.

### Referências Complementares

- ARRUDA, S. **A arte do movimento**. São Paulo: PW Gráficos e Ed. Associados, 1998.
- BERTAZZO, I. **Cidadão Corpo: Identidade e Autonomia do Movimento**. São Paulo: SESC/Obra Prima, 1996.
- CALAIS-GERMAIN, B.; LAMOTTE, A. **Anatomia para o movimento**. v.1, v.2. São Paulo: Manole, 1992.
- FELDENKREIS, M. **Consciência pelo Movimento**. São Paulo: Summus Editorial, 1972.
- FERNANDES, C. **O corpo em movimento**. O sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2002.

## Leitura e Produção Textual

**Carga Horária: 40h/a – Período: 1.º**

## Ementa

Desenvolvimento de habilidades e competências da Língua Portuguesa nas possibilidades de comunicação: verbal, não verbal e instrumental. Exercícios práticos de oralidade e escrita na Língua Portuguesa. Compreensão da retórica, da argumentação e da lógica para a produção de texto. Conhecimento e aplicação das estratégias de leitura e de escuta. Análise da linguagem simbólica. Elaboração de adaptação de textos não dramáticos para o teatro.

## Objetivos

- Desenvolver competências e habilidades na Língua Portuguesa (verbal, não verbal e instrumental).
- Propiciar o desenvolvimento da oralidade e da escrita, com foco em retórica, argumentação, lógica, produção de texto, estratégias de leituras, prática de escuta e análise da linguagem simbólica.
- Elaborar adaptações de textos não dramáticos para teatro.

## Referências

### Referências Básicas

ANDRADE, M.M.; HENRIQUES, A. **Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.  
CHAMADOIRA, J.B.N. & RAMADAN, M.I.B. **Língua portuguesa: pensando e escrevendo**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1998.  
CARNEIRO, A. D. **Redação em Construção: a escritura do texto**. 2. ed., rev. e ampl. SP: Moderna, 2001.

### Referências Complementares

ABREU, A. S. **Curso de redação**. São Paulo: Ática, 2004.  
BOAL, A. **O Teatro como Arte Marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.  
CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2009.  
FILHO, J. R.; LEITÃO, L. R.; A.; MANOEL DE CARVALHO. **Caderno de atividades em língua portuguesa**. 2.ed., RJ: Oficina do autor, 1997.  
MARTINI, J.; CARUSO, M. **Comédias de Jandira Martini e Marcos Caruso**. São Paulo: Panda Brooks, 2005.  
ROZAKIS, L. **Tudo Sobre Shakespeare**. Trad. Tereza Tillett. São Paulo: Manole, 2002.  
RYNGAERT, J. P. **Ler o teatro contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.  
SOUSA, G. de M. e. **Exercícios de leitura**. São Paulo: Duas Cidades, 1980.  
SUASSUNA, A. **Teatro Moderno: A Pena e a Lei**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.  
\_\_\_\_\_. **Teatro Moderno: Auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

## Arte-Educação

**Carga Horária: 40h/a - Período: 1º**

### Ementa

Fundamentos da arte e do ensino da arte. Arte como objeto de conhecimento e de identidade cultural. A relação estética e a educação – a arte como linguagem. Produção, apreciação e contextualização da arte. Interfaces entre conhecimento artístico e outras formas de conhecimento.

### Objetivos

- Introduzir a discussão sobre o que é arte.
  - Refletir sobre as relações entre a arte e a educação.
  - Compreender o ensino de arte como experiência estética.
  - Debater os elementos da linguagem artística a partir da metodologia em arte-educação.
  - Analisar as diversas possibilidades da arte-educação (artes visuais, teatro, dança, literatura, arquitetura, cinema etc.) e outras áreas do conhecimento.

### Referências

#### Referências Básicas

BARBOSA, A. M. **John Dewey e o ensino da Arte no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BOSI, A. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE G.; GUERRA, M. T. T. **Didática do ensino da arte: a língua do mundo, poetizar, fruir, e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

### Referências Complementares

BARBOSA, A. M. (org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

\_\_\_\_\_. Educação e Desenvolvimento cultural e artístico. In: **Educação e Realidade; gênero e educação**. Porto Alegre: vol. 20, n.2, jul/dez.1995, p.9-17.

\_\_\_\_\_. **Teoria e prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BIASOLI, C. L. A. **Arte-Educação: realidade ou utopia?** Pelotas: ETEFPel, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei Darcy Ribeiro - N.º 9.394/1996**.

CAMPOS, N. P. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: UFSC, 2002.

COLI, J. **O que é arte?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

DESGRANGES, F. Formação de espectadores: a relevância da questão e os procedimentos pedagógicos utilizados. In: **Anais do Seminário Nacional de Arte Educação**. Montenegro: Fundarte, 2003.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JR. J. F. **Por que arte-educação?** 6. ed. São Paulo, Campinas: Papirus, 1991.

FRANZ, T. S. **Educação para uma compreensão crítica da Arte**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

OSINSKI, D. R.B. **Arte, História e Ensino: uma trajetória**. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S.G. (org.) **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 2005.

## Fundamentos da Arte

**Carga Horária: 40h/a - Período: 1.º**

### Ementa

Estudo, comparações e desenvolvimento da essência da produção artística ocidental, no campo das artes visuais e produção plástica, da Pré-história à Pós Modernidade. Relevância, influências e desdobramentos no campo cultural ao longo da História da humanidade.

### Objetivos

- Contribuir para a formação estética dos discentes.
- Contextualizar e apreciar criticamente a produção artística no campo das artes visuais, dentro do seu contexto histórico, social e cultural, da pré-história à Pós Modernidade.

- Identificar, analisar e refletir sobre a arte, a partir da leitura de obras expressivas. Assim como suas possíveis influências na produção artística atual.

## Referências

### Referências Básicas

- ALAMBERT, F. **A semana de 22: a aventura modernista no Brasil**. São Paulo: Scipione, 1994.
- BATTISTONI FILHO, D. **Pequena história da arte**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2001.
- BAUMGART, F. E. **Breve história da arte**. Tradução de Marcos Holler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### Referências Complementares

- CHENEY, S. **História da arte**. Tradução de Sérgio Milliet. 1. ed. São Paulo: Rideel, 1995. 3v
- CHILVERS, I. (Compeorg.). **Dicionário Oxford de arte**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla; revisão técnica Jorge Lúcio de Campos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DROSTE, M.; **Bauhaus, 1919-1933**. Koln: Benedikt Taschen, 1994.
- FAURE, É. **A arte antiga**. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A arte medieval**. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A arte renascentista**. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- JANSON, H. W. **História geral da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v.3.

## Tecnologias Digitais na Educação

**Carga Horária: 40h/a - Período: 1.º**

### Ementa

O papel das Tecnologias de Informação e Comunicação na educação. Políticas públicas para Informática Educativa. *Softwares* Educacionais. Produção de Vídeos. Elaboração de Mapas Mentais. Ferramentas e potencialidades da *Web 2.0*: ferramentas colaborativas, *blog*, redes sociais e ambientes de aprendizagem. Uso de dispositivos móveis na educação. Uso pedagógico de *web* conferência.

### Objetivos

- Contribuir para integração das Tecnologias Digitais no processo de ensino e aprendizagem de Teatro.
- Analisar o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação.
- Discutir políticas públicas de Informática Educativa vigente
- Distinguir diferentes abordagens do uso de *softwares* educacionais no processo de ensino e aprendizagem.
- Utilizar softwares educacionais na construção de conhecimentos.

- Selecionar, analisar e elaborar vídeos educacionais.
- Elaborar mapas conceituais por meio do *CmapTools*.
- Identificar, experimentar e avaliar diferentes ferramentas da *Web 2.0* no contexto educacional.
- Analisar e experimentar aplicativos para estudo de temas sobre teatro em dispositivos móveis.
- Elaborar e resolver atividades que utilizem as tecnologias digitais (computador e dispositivos móveis).
- Discutir e experimentar o uso de *web* conferência.

## Referências

### Referências Básicas

- ARAÚJO, M. C. M. U. **Potencialidades do uso do Blog em Educação**. Dissertação (Mestrado em Educação). Natal, RN, Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. 2009. Disponível em: <[http://bdttd.bczm.ufrn.br/tedesimplificado/tde\\_arquivos/9/TDE-2010-04-27T013000Z-2558/Publico/MicheleCMUA.pdf](http://bdttd.bczm.ufrn.br/tedesimplificado/tde_arquivos/9/TDE-2010-04-27T013000Z-2558/Publico/MicheleCMUA.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- AYRES, M.; CERQUEIRA, R; DOURADO, D.; SILVA, T.(org.). **#Mídias Sociais: Perspectivas, Tendências e Reflexões**, 2010, ISBN 978-85-8045-084-2. Disponível em: <<http://www.issuu.com/papercliq/docs/ebookmidiassociais>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- BARCELOS, G. T.; PASSERINO, L; BEHAR, P. Redes sociais e Comunidades: definições, classificações e relações. **Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE)**, v. 8, n. 2, Jul. 2010.
- BEHAR, P. A.; BATISTA, S. C. F. Dispositivos Móveis na Educação: por que não? In: **Pátio Revista Pedagógica**. n.56. Nov. 2010 - Jan. 2011.
- BEHAR, P. e Colaboradores. **Modelos Pedagógicos em Educação a Distância**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.
- CARUSI, A.; MONT'ALVÃO, C. Interatividade de Websites Educacionais: uma avaliação baseada no design da navegação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ERGONOMIA E USABILIDADE DE INTERFACES HUMANO-COMPUTADOR, 10, 2010, Rio de Janeiro. **Anais ... Rio de Janeiro, 2010**. Disponível em: <[http://www.agner.com.br/download/pucrio/designdeinteracao/USIHC2010/Usihc\\_161\\_Carusi.pdf](http://www.agner.com.br/download/pucrio/designdeinteracao/USIHC2010/Usihc_161_Carusi.pdf)>. 20 abr. 2014.
- COSTA, F. A.; RODRIGUEZ, C.; CRUZ, E.; FRADÃO, S. (org.). **Repensar as TICs na Educação: o professor como agente transformador**. Coleção Educação em Análise. Lisboa: Santillana. 2012.
- GIRAFFA, L. M. M.; FARIA, E. T.; FERREIRA, A. J.; WEHMEYER, C. O. T.; RIBAS, E.; MACHADO, L. R. (org.) **(Re)invenção pedagógica? Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0160-5.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.
- HAGUENAUER, C. J.; CORDEIRO FILHO, F. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem: dos**

sistemas de gerenciamento aos games e à realidade virtual. Curitiba: Editora CRV, 2012.

### Referências Complementares

ANTONIO, J. C. **Uso de planilhas compartilhadas na web 2.0 como ferramentas pedagógicas auxiliares.** Avaliação escolar e web 2.0, Professor Digital, SBO, 26 jun. 2010. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com/tag/planilhas-eletronicas/>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BARROS, G. C.; MENTA, E. Podcast: produções de áudio para educação de forma crítica, criativa e cidadã. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v. 9, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012621.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

BATISTA, S. C. F. **M-LearnMat: Modelo Pedagógico para Atividades de M-learning em Matemática.** Tese (doutorado em Informática na Educação). Porto Alegre, RS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011.

CRUSE, E. **Using Educational Video in the Classroom: Theory, Research and Practice.** 2006. Disponível em: <<http://www.edutubeplus.info/resources/using-educational-video-in-the-classroom-theory-research-and-practice>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet.** Porto Alegre, RS: Sulina. 2009.

SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. L. (org). **Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas e políticas públicas.** Salvador, BA: Edufba; São Paulo, SP: Casa da Cultura Digital via Maracá Educação e Tecnologias. 2012. Disponível em: <<http://www.artigos.livrorea.net.br/wp-content/uploads/2012/05/REA-teixeira.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

Acesso em: 20 abr. 2014.

**VIDEOAKTIV. Handbook on Digital Video and Audio in Education: creating and using audio and video material for educational purposes.** The VideoAktiv Project, 2007. Disponível em: <[http://www.atit.be/dwnld/VideoAktiv\\_Handbook\\_fin.pdf](http://www.atit.be/dwnld/VideoAktiv_Handbook_fin.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2014.

## Teatro-Educação II

**Carga Horária: 60h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Estudos das Abordagens metodológicas do Jogo Dramático de Tradição Francesa de Jean-Pierre Ryngaert e do Drama como método de ensino de Beatriz Cabral: noção, conteúdos, procedimentos e aplicabilidade. Análise do Planejamento da aula (objetivos, procedimentos, estratégia de ensino, seleção dos conteúdos, recursos didáticos e avaliação) para a prática de ensino e aprendizagem: processo, experimentação didático- estético e formação.

### Objetivos

- Definir as abordagens metodológicas do Jogo Dramático e do Drama para prática pedagógica em teatro.

- Avaliar a importância de planejamento eficaz para a aprendizagem com o teatro a partir dessas abordagens.
- Analisar o processo de experimentação enquanto contribuição para a formação de professor do teatro.
- Demonstrar por meio dessas abordagens os procedimentos necessários para a sua aplicabilidade nas práticas educativas.

## Referências

### Referências Básicas

- ALMEIDA, G. P. de. **Transposição didática: por onde começar?** São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Jovens e Adultos: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

### Referências Complementares

- BUTT, G. **Planejamento de aulas bem sucedidas**. São Paulo: SBS, 2009.
- CABRAL, B. A. V. **Avaliação em teatro: implicações, problemas e possibilidades**. Revista Sala Preta ECA/USP, V. 2, 2002. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p213-220>.
- \_\_\_\_\_. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- \_\_\_\_\_. A Estética do Dissenso em Processos Coletivos. In: CAVAS, N.; ISAACSSON, M.; FERNANDES, S. (org.) **Ensaio em cena**, São Paulo: ABRACE/CNPq, 2010, pp.94-105.
- \_\_\_\_\_. HEATHCOT, D. Mediação e intervenção na construção da narrativa teatral em grupo. In: TELLES, N., FLORENTINO, A. (org.). **Cartografias do ensino do teatro**, Uberlândia: Edufu, 2009, pp. 37-48.
- COLL, C.; TEBEROSKY, A. **Aprendo Arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 2008.
- DESGRANGES, F. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- FRITZEN, C.; MOREIRA, J. Educação e as linguagens artístico-culturais: processo de apropriação/fruição e de produção/criação. In: **Educação e Arte – as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP: Papirus, 2006.
- GUINSBURG, J. FARIA, J. R.; LIMA, M. A. **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva: Sesc São Paulo, 2006.
- KOUDELA, INGRIND. D.; JÚNIOR, JOSÉ SIMÃO. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- LIMA, M. A.. **O projeto político-pedagógico: uma reposta da comunidade escolar**. Bauru, SP: Edusc, 2006
- MARTINS, A. **Didática das expressões**. Lisboa, PT: UNIVERSIDADE ABERTA, 2002.
- MERISIO, P.; CAMPOS, V. **Teatro ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- MORETTO, P. V. **Planejamento: planejamento a educação para o desenvolvimento de competência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

- MURCIA, J. A. M. **Aprendizagem através do Jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- RAU, M. C. D. **A Ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba: IBEPex, 2007.
- ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **O jogo dramático no meio escolar**. Tradução de Christine Zurbach e Manuel Guerra. Coimbra: Centelha, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Jogar e representar: práticas dramáticas e formação**. Tradução de Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SELBACH, S. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VEIGA, I. P. A. **Técnica de ensino: porque não?** Campinas, SP: Papirus, 1991
- VIDOR, H. B. **Drama e teatralidade: o ensino do teatro na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- ZABALA, A. **Prática Educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: Um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

## História do Teatro e do Espetáculo II

**Carga Horária: 60h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Naturalismo, Realismo e vanguardas históricas do século XX, com ênfase no contexto histórico, ético e estético. Estudos das principais características, pensadores, encenadores e dramaturgos do teatro do século XX no Ocidente. O teatro contemporâneo como cruzamento intercultural.

### Objetivos

- Promover a compreensão e o debate acerca das características do período entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX no Ocidente, abordando aspectos históricos, sociais, culturais e estéticos do campo teatral. Desenvolver estudos sobre a encenação, a dramaturgia, a interpretação e as teorias envolvidas no fazer teatral vinculado a estas estéticas.
- Estudar pensadores e encenadores paradigmáticos do teatro ocidental do século XX.
- Conhecer, identificar e contextualizar dramaturgos e peças emblemáticas do século XX.
- Refletir acerca de propostas contemporâneas de encenação.

### Referências

#### Referências Básicas

BRECHT, B. **Estudos Sobre Teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.  
GASSNER, J. **Mestres do teatro II**. São Paulo: Perspectiva, 1991.  
ROUBINE, J.J. **A linguagem da encenação teatral, 1880-1980**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

### Referências Complementares

GROTOWSKI, J. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.  
GUINSBURG, J. **Stanislavski e o teatro de arte de Moscou**. São Paulo: Perspectiva, 1985.  
KOUDELA, I. **Brecht na pós-modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2001.  
LEHMANN, Hans-Thies. **O teatro pós-dramático**. São Paulo: Cosacnayfy, 2007.  
ZOLA, E. **Romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

## Atuação Teatral I

**Carga Horária: 60h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Fundamentos da expressão do ator e do conhecimento dos elementos da linguagem da atuação cênica. Desenvolvimento da capacidade de jogar como elemento fundante da linguagem do ator e da capacidade de responder criativamente a estímulos cênicos. Processos de atuação e interpretação baseados no sistema e experiências de Stanislavski compreendendo as ações físicas, etapas de construção e desempenho de personagens realistas, vivenciando-as praticamente através de construções e desempenhos de personagens realistas e com o consequente entendimento das convenções cênicas da atuação realista para o teatro.

### Objetivos

- Compreender a criação do ator e personagens a partir das experiências de Stanislavski.
- Estudar o conceito de “ação física”. Imaginação artística em cena. Memória sensorial. Concentração. Fé cênica. Permutas com o parceiro. O tempo-ritmo interior e exterior. Relaxamento. A preparação corporal (e vocal).
- Exercícios e práticas de atuação baseados no método e experiências de Stanislavski.
- Construir e apresentar uma personagem dramática.
- Ampliar o conhecimento dos alunos no que se refere às Poéticas Teatrais.

### Referências

#### Referências Básicas

STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.  
\_\_\_\_\_. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

\_\_\_\_\_. **A preparação do ator.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; 1986.

### Referências Complementares

- ADLER, S. **Técnica da representação teatral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1992.  
BROOK, P. **O Teatro e seu espaço.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.  
GUINSBURG, J. **Stanislavski, Meyerhold & Cia.** São Paulo: Perspectiva, 2001.  
STANISLAVSKI, C. **Minha Vida na Arte.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.  
STRASBERG, L. **Um sonho de paixão: o desenvolvimento do método.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

## Poéticas do Corpo II

**Carga Horária: 60h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Preparação corporal do ator com vistas ao desenvolvimento rítmico e psicomotor. Estudos das possibilidades expressivas do corpo através do movimento e gesto. Construção de partituras de ações corporais na construção de personagens, construção de rotinas de trabalho, trabalhando equilíbrio, alongamento, força, fluência e flexibilidade. Estudo do papel do corpo na construção da cena, investigando os processos de composição de personagem e sistematizando um conhecimento a respeito de técnicas e treinamentos corporais para o intérprete. Estudo das potencialidades do corpo na cena teatral contemporânea, entendendo corpo e voz como elementos indissociáveis. Composição cênica, estudo da dramaturgia corporal e experimentação de linguagens. Aperfeiçoamento da presença cênica. Princípios psico-físicos de uma utilização extra cotidiana do corpo. O ator criador-intérprete. Gesto, movimento e ação. A dramaturgia do corpo e os processos compositivos

### Objetivos

- Conhecer a história da formação corporal do ator: segunda metade do século XX até a contemporaneidade.
- Experimentar o corpo que somos considerando os aspectos básicos de anatomia e cinesiologia.
- Realizar e estudar exercícios que podem ser apropriados como rotina de trabalho corporal.
- Mediar o aluno para a composição de partituras de ações e de cenas curtas apropriando-se do conhecimento adquirido.

## Referências

### Referências Básicas

- BARBA, E.; SAVARESE, N. **A arte secreta do ator**: dicionário de antropologia teatral. São Paulo: Hucitec/Unicamp, 1995
- BONFITTO, M. **O ator compositor**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- LOBO, L.; NAVAS, C. **Arte da Composição**: teatro do movimento. Brasília: LGE, 2008.

### Referências Complementares

- BERTAZZO, I. **Espaço e Corpo**: Guia de reeducação do movimento. São Paulo: SESC, 2004.
- CAVALIERE, A. **Meyerhold e a biomecânica**: uma poética do corpo. São Paulo: Perspectiva, 2002
- CHEKHOV, M. **Para o ator**. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- MIRANDA, R. **O Movimento Expressivo**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980
- MOMMENSOHN, M.; PETRELLA, P. **Reflexões sobre Laban**. O mestre do Movimento. São Paulo: Summus, 2006.

## Psicologia da Educação

Carga Horária: 40h/a 2.º Período

### Ementa

A psicologia pré-experimental. A psicologia científica. O desenvolvimento psicológico humano. Uma visão crítica da psicologia do desenvolvimento. O sujeito epistêmico.

### Objetivos

- Desenvolver o processo de constituição da Psicologia como ciência;
- Elaborar uma visão crítica das escolas de Psicologia;
- Analisar as teorias sobre o desenvolvimento psicológico humano;
- Construir uma visão crítica do sujeito epistêmico.

## Referências

### Referências Básicas

- BAKHTIN, M. Filosofia da linguagem e psicologia objetiva. In: BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2009.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T.. (org.). **Psicologias**: Uma introdução ao estudo de Psicologia. 14. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2008.
- FIGUEIREDO, L. C. M.; SANTI, P. L. R. **Psicologia, uma (nova) introdução**. 3 ed. São Paulo, SP: EDUC, 2014.

### Referências Complementares

KONDER, L. **O que é dialética**. 28 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2008.

LANE, S. A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In: LANE, Sílvia; CODO, W. (org.). **Psicologia social**. O homem em movimento. 14. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2012.

MITHEN, St. **A pré-história da mente. Uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 2002.

PIAGET, J. O desenvolvimento mental da criança. In: PIAGET, J. Seis estudos de Psicologia. 24. ed. **Revista Rio de Janeiro**, RJ: Forense Universitária, 2004.

REGO, T. C. **Vygotsky**. Uma perspectiva histórico-cultural em educação. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

## Organização dos Sistemas Educacionais I

**Carga Horária: 80h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Relação entre Estado e Educação, entre público e privado, entre centralização e descentralização de poder. Ensino laico e ensino confessional. As políticas educacionais brasileiras e as implicações políticas, econômicas, sociais e culturais. História do Pensamento Pedagógico Brasileiro; Educação Jesuítica; Período Pombalino; Período Joanino; Período Imperial; Educação na República; Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova; Educação Técnica no Brasil. O sistema Brasileiro de Educação: Lei n.º 4.024/61 e Lei n.º 5.692/71; Reformas tecnicistas e acordos MEC/USAID. O Processo de redemocratização da Educação Brasileira: Constituição Federal de 1988.

### Objetivos

- Analisar os condicionantes históricos, políticos, sociais, culturais e pedagógicos da educação no Brasil, com ênfase na legislação educacional até a Constituição Federal de 1988.
- Identificar avanços e recuos no processo de constituição do sistema educacional brasileiro.

### Referências

#### Referências Básicas

ARANHA, M. Lú. A. **História da Educação e da Pedagogia**: Geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1998.  
SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 38. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

### Referências Complementares

DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F.; SANTOS, C. A. **A qualidade da educação**: conceitos e definições. Brasília, DF: INEP, 2007.

FÁVERO, O. (org.). **A educação nas constituintes brasileiras 1823-1988**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação (LDB)**: trajetória, limites e perspectivas. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação brasileira**: estrutura e sistema. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

ZOTTI, S. A. **Sociedade, educação e currículo no Brasil**: dos Jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados, 2004.

## Fundamentos da Musicalidade Teatral

**Carga Horária: 40h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Conceituação e definição de elementos gerais da linguagem musical tonal e parâmetros da Música (ritmo, melodia, harmonia, forma, caráter). Desenvolvimento de habilidades inerentes à leitura e à escrita musicais (convencionais e/ou não convencionais). O uso da voz cantada como instrumento do desenvolvimento da percepção da afinação e ritmos musicais. Conjuntos instrumentais de ênfase rítmica como elementos formadores da percepção rítmica musical. O corpo como instrumento de exploração rítmica. A música como estrutura educativa transdisciplinar em Arte.

### Objetivos

- Possibilitar uma vivência musical sistematizada e orientada à compreensão dos elementos da linguagem musical, de maneira global e transdisciplinar.
- Desenvolver habilidades perceptivas que viabilizem a identificação dos diversos elementos musicais, através da voz, de instrumentos musicais e do corpo.

### Referências

#### Referências Básicas:

CIAVATTA, L. **O Passo**: música e educação. Rio de Janeiro: Ciavatta, 2012.

FREITAS, S. P. **Lenga La Lenga**: jogos de mãos e copos. Porto Alegre: Ciranda cultural, 2006.

SCHAFFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: UNESP, 1991.

### Referências Complementares

ANNUNZIATO, V. R. **Jogando com Sons e Brincando com a Música**. São Paulo: Paulinas, 2002.

FONTEERRADA, M. T. de O. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Unesp, 2008.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (org.). **Pedagogias em Educação Musical**. Curitiba: Ibpx, 2011.

PAZ, E. A. **Pedagogia Musical Brasileira no século XX: metodologias e tendências**. Brasília: MusiMed, 2000.

SWANWICK, K. **Ensinando música musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

## Fundamentos do Cômico e da Linguagem do Palhaço

Carga Horária: 40h/a - Período: 2.º

### Ementa

Estudos da história do cômico e do palhaço, envolvendo questões estéticas, teorias e práticas do repertório cômico do circo-teatro, do palhaço e sua inserção no circo e no teatro. Experimentação/treinamento da interpretação triangular da comicidade circense. Teorias e práticas circenses e do cômico, de clown/palhaço, a bufonaria, a farsa, a *commedia dell'arte*, suas máscaras e a comédia em geral, experimentações de construção do tipo *clownesco*, e de cenas clássicas. Exercício do jogo cênico do palhaço, explorando os mecanismos de comicidade na criação da ação e a construção da figura cômica, baseados nos exercícios de teatro físico e jogos técnicos de clown e nas propostas de Jacques Lecoq.

### Objetivos

- Conhecer a história do cômico e da arte do palhaço. E dos principais representantes no Brasil e no mundo.
- Realizar experimentações e ensaios de comédias circenses; da comicidade e da convenção circense aplicadas a comédias, reconhecendo autores do teatro cômico universal e brasileiro.
- Praticar e exercícios do jogo cênico do palhaço, de teatro físico e técnicas de *clown* explorando os mecanismos de comicidade na criação da ação e a construção da figura cômica, da formação em dupla e o exercício de habilidades específicas individuais.
- Exercitar o jogo cênico do palhaço direcionado para a criação de números solos ou em dupla.

- Realizar experimentos cênicos com exercício do jogo cênico do palhaço direcionado para a atuação de palhaços em hospitais e outros espaços alternativos.
- Fazer pequenas montagens e apresentações.

## Referências

### Referências Básicas

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Unesp, 2003.

CASTRO, A. V. de. **O Elogio da Bobagem**: palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Família Bastos, 2005.

LECOQ, J. **Em busca de seu próprio clown**. Lê Théâtre du geste. Org. Jacques Lecoq. Trad. Roberto Mallet. Paris: Bordas, 1987.

### Referências Complementares

BURNIER, L. O. **A arte de ator**: da técnica à representação. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2009.

COSTA, C. **Censura e Comunicação**: o circo-teatro na produção cultural paulista de 1930 a 1970. São Paulo: Terceira Margem, 2007.

DUARTE, R. H. **O circo em cartaz**. Belo Horizonte: Eithoven Científica, 2001.

KASPER, K. M. **Experimentações clownescas**: os palhaços e a criação de possibilidades de vida. Tese (Doutorado em Educação, Sociedade, Política e Cultura) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: 2004.

MACEDO, C. A. de. **Educação no Circo**: crianças e adolescentes no contexto itinerante. Salvador/BA: Quarteto, 2008.

MASETTI, M. **Soluções de palhaços**. Transformações na realidade hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 1998.

OLIVEIRA, J. A. **O Circo**. São Paulo: Biblioteca Eucatex Cultura Brasileira, 1990.

## Plástica e Teatro de Formas Animadas

**Carga Horária: 40h/a - Período: 2.º**

### Ementa

Estudo das potencialidades expressivas do teatro de formas animadas e sua interlocução com as possibilidades pedagógicas. Elaboração, criação e prática dos materiais expressivos e fatores representativos em teatro de bonecos: trilha sonora, iluminação, cenários, figurino, palco e efeitos especiais. Criação e concepção de bonecos (personagens) em técnicas e categorias variadas em consonância com a elaboração de pequenas cenas que serão encenadas pelos alunos em forma de avaliação dos ensinamentos propostos. Improvisação por meio da criação de diversas peças para os mesmos personagens propostos.

## Objetivos

- Despertar no discente uma consciência estética do objeto animado e suas potencialidades expressivas em sala de aula.
- Possibilitar ao aprendiz uma prática e vivência básica em teatro de bonecos, com conhecimentos abrangentes das técnicas que permitem representações teatrais de ideias e pensamentos realizados apenas com a manipulação de bonecos.
- Capacitar o discente no que diz respeito à confecção própria de bonecos manipuláveis.

## Referências

### Referências Básicas

- AMARAL, A. M. **Teatro de Formas Animadas**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Teatro de Bonecos no Brasil**. São Paulo: Com-Arte, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Teatro de Animação**. São Paulo: Ateliê Editorial/Fapesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **O ator e seus duplos**. São Paulo: EDUSP/ Senac., 2002.

### Referências Complementares

- APOCALYPSE, A. **Dramaturgia para a nova forma da marionete**. Belo Horizonte: EAM, s/d.
- BAIRD, B. **L'art des Marionnettes**. New York: The Ridge Press, 1965.
- BALARDIM, P. **Relações de Vida e Morte no Teatro de Animação**. Porto Alegre: Fumproarte, 2004.
- BALDWIN, P. **Toy Theatres of the world**. London: Zwemmer, 1992.
- BELTRAME, V. (org.). **Teatro de Sombras: técnica e linguagem**. Florianópolis: UDESC, 2005.
- \_\_\_\_\_. (org.). **Teatro de bonecos: distintos olhares sobre a teoria e prática**. Florianópolis: UDESC, 2008.
- BLUMENTHAL, E. **Puppetry: a world history**. New York: Abarams, 2005.
- \_\_\_\_\_.; TAYMOR, J.; MONDA, A. **Julie Taymor: Playing with Fire**. New York: Abrams, 2007.
- CONVERSO, C. **Entrenamiento del titiritero**. México DF: Escenologia AC, 2000.
- ESCUDEIRO, A. **O bonequeiro de escada**. Fortaleza: IMEPH, 2007.
- FILHO, H. B. **Fisionomia e Espírito do Mamulengo**. Rio de Janeiro: MinC/Inacen, 1987.
- FINCH, C. **Jim Henson: The Works**. New York: Random House, 1993.
- FOURNEL, P. **Les marionnettes**. Paris: Bordas Spetacles, 1982.
- GIROUX, S. M.; SUZUKI, T. **Bunraku: Um Teatro de Bonecos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- GURGEL, D. **João Redondo: Teatro de Bonecos no Nordeste**, Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **O reinado de Baltazar: Teatro de João Redondo**. Natal: Fundação Capitania das Artes, 2008.
- JURKOWSKI, H. **Consideraciones sobre el teatro de titeres**. Bilbao: Concha de la Casa, 1990.
- KOURILSKY, F. **Le Bread and Puppet Theatre**. Lausanne: La Cité, 1971.

### Teatro-Educação III

Carga Horária: 60h/a - Período: 3.º

#### Ementa

Estudo da Abordagem metodológica do Sistema dos Jogos Teatrais de Viola Spolin: noção, conteúdos, procedimentos e aplicabilidade. Análise do Planejamento da aula (objetivos, procedimentos, estratégia de ensino, seleção dos conteúdos, recursos didáticos e avaliação) para a prática de ensino e aprendizagem: processo, experimentação didático-estético e formação.

#### Objetivos

- Definir a abordagem metodológica do Sistema dos Jogos Teatrais para prática pedagógica em teatro
- Avaliar a importância de planejamento eficaz para a aprendizagem com o teatro a partir dessa abordagem
- Analisar o processo de experimentação enquanto contribuição para a formação de professor do teatro
- Demonstrar por meio dessa abordagem os procedimentos necessários para a sua aplicabilidade nas práticas educativas

#### Referências

##### Referências Básicas

- ALMEIDA, G. P. de. **Transposição didática: por onde começar?** São Paulo: Cortez, 2005.
- BEHRENS, M. A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

##### Referências Complementares

- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE.** Brasília: MEC/SEF, 1999.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Jovens e Adultos: ARTE.** Brasília: MEC/SEF, 2002.
- CABRAL, B. A. V. Avaliação em teatro: implicações, problemas e possibilidades. **Revista Sala Preta ECA/USP**, v. 2, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p213-220>.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE.**

- Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Jovens e Adultos: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- BUTT, G. **Planejamento de aulas bem sucedidas**. São Paulo: SBS, 2009.
- CONCÍLIO, V. **Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- CHACRA, S. **Natureza e sentido da improvisação teatral**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- DESGRANGES, F. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- GUINSBURG, J.; FARIA, J. R.; LIMA, M. A. **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- KOUDELA, I. D.; JÚNIOR, J. S. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LIMA, M. A. **O projeto político-pedagógico: uma reposta da comunidade escolar**. Bauru, SP: Edusc, 2006
- MARTINS, A. **Didática das expressões**. Lisboa, PT: UNIVERSIDADE ABERTA, 2002.
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PUPO, M. L. S. B. Para desembaraçar os fios. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.30 n.2 p.5-307 jul./dez. 2005.
- SELBACH, S. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Jogos Teatrais na sala de aula – um manual para o professor**. Tradução de Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Jogo Teatral no livro do diretor**. Tradução de Ingrid D. Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. **O fichário de Viola Spolin**. Tradução de Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.
- SCHMIDTVIGANÓ, S. **As regras do jogo: a ação cultural em teatro e o ideal democrático**. São Paulo: Hucitec e Mandacaru, 2006.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VEIGA, I.P. A. **Técnica de ensino: porque não?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- ZABALA, A. **Prática Educativa**. Porto Alegre: Editora Artmed, 1998.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte: Um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

## Atuação Teatral II

Carga Horária: 60h/a - Período: 3.º

### Ementa

Atividades práticas que promovam experiências com os princípios fundamentais do teatro. Metodologias de envolvimento e distanciamento. Estudo dos métodos, técnicas de

atuação, preparação do ator e construção de personagens a partir das propostas de Berthold Brecht e Augusto Boal.

### Objetivos

- Conhecer, refletir e experienciar o “distanciamento brechtiano”, desdobramentos e releituras.
- Conhecer, refletir e experienciar exercícios do Teatro do Oprimido e suas vertentes e as propostas de Augusto Boal.
- Compreender, aprofundar e ampliar as possibilidades de interpretação.
- Conhecer, refletir e experienciar linhas diversas de interpretação do teatro contemporâneo.
- Construção e desenvolvimento de personagem e situação.
- Exercícios de narrativa e criação de cenas.
- Conhecer e refletir os contextos históricos, econômicos, sociais e políticos do período e sua relação com o ambiente, a criação teatral e com a cidadania.
- Flexibilizar a compreensão e a atitude teatral.

### Referências

#### Referências Básicas

- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Teatro do Oprimido**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BRECHT, B. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

#### Referências Complementares

- BORNHEIM, G. **Brecht: A estética do teatro**. São Paulo: Graal, 1992.
- BRECHT, B. Teatro completo, v. 3: **A ópera dos três vinténs; Ascensão e queda da cidade de Mahagonny; O voo sobre o oceano; A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo; Aquele que diz sim e aquele que diz não; A decisão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- LECOQ, J. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. São Paulo: Senac São Paulo : Edições SESC SP, 2010.
- PALLOTINI, R. **Construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- ROUBINE, J. J. **A arte do ator**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

### História do Teatro Brasileiro I

Carga Horária: 40h/a – Período: 3.º

### Ementa

Estudo da cultura popular brasileira. Compreensão das principais características do teatro jesuíta e do teatro dos séculos XVII, XVIII e XIX no Brasil.

## Objetivos

- Analisar a cultura popular brasileira.
- Conhecer as raízes da formação cultural do povo brasileiro.
- Compreender as características do teatro e das atividades dramáticas desenvolvidas no Brasil no período colonial (séc. XVI) e nos séculos XVII, XVIII e XIX, abordando aspectos históricos, sociais, culturais e estéticos.
- Desenvolver estudos sobre gêneros, encenações, textos dramáticos, estilos de interpretação e os artistas brasileiros destes períodos.

## Referências

### Referências Básicas

- AYALA, M.; AYALA, M. I. N. **Cultura Popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Ática, 1995.
- CAFEZEIRO, E.; GADELHA, C. **História do Teatro Brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues**. RJ: Editora UFRJ: EDUERJ: FUNARTE, 1996.
- GUINBURG, J. et al. **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

### Referências Complementares

- ANDRADE, J. et al. **Identidade cultural do Brasil**. Vargem Grande Paulista: A -9 ed., 1999.
- ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia/INL, 1983.
- ARÊAS, V. Sant'Anna. **Na tapera de Santa Cruz**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- BENTLEY, E. **A Experiência viva do teatro**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: **Zahar, 1981**.
- BRAGA, C. **Em Busca da Brasilidade: Teatro Brasileiro na Primeira República**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CACCIAGLIA, M. **Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro séculos de teatro no Brasil)**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986.
- MÜLLER, R.G. Identidade e cidadania: o Teatro Experimental do Negro. In: MÜLLER, R.G. **Dionysos (Especial Teatro Experimental do Negro)**, Brasília: MinC/Fundacen, nº 28, 1988, p.11-52.
- GARCIA, C. **O aproveitamento dos folclores no teatro jesuítico**. Boletim de Leitura n.º 12. São Paulo: Associação Brasileira de Folclore/Museu de Folclore Rossini Tavares de Lima, Junho/94
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.
- LIMA, R. T. de. **A ciência do folclore**. São Paulo: Record, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Abecê do folclore**. São Paulo: Record, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Folguedos populares do Brasil**. São Paulo: Record, [s.d.]
- MAGALDI, S. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 2004.
- MENDES, M. G. **O negro e o teatro brasileiro**. São Paulo: Hucitec-IBAC, Fundação Cultural Palmares, 1993.
- TAVARES DE LIMA, R. **Folguedos Populares do Brasil**. São Paulo, Ricordi, [s.d.]

## Teorias da aprendizagem

Carga Horária: 60h/a – Período: 3.º

### Ementa

As teorias de aprendizagem. A nova ecologia cognitiva. Cultura digital e educação escolar. O sujeito da cultura digital e o aprender. As teorias de ensinar, de aprender e avaliar.

### Objetivos

- Analisar as teorias de aprendizagem;
- Elaborar uma visão histórica da aprendizagem;
- Estabelecer uma relação entre tecnologias e as formas de aprender;
- Construir uma visão crítica do sujeito epistêmico na cultura digital;
- Articular Psicologia, teorias de ensino, teorias de aprendizagem e avaliar;
- Relacionar teorias de aprender, ensinar e avaliar com a prática docente.

### Referências

#### Referências Básicas

BARRETO, G. da C.; OLIVEIRA, A. T. de C. C. de; NASCIMENTO, M. G. C. de A.; NOGUEIRA, M. A. (org.). **Ensino de Didática**. Entre urgentes e recorrentes questões. Rio de Janeiro, RJ: Quartet, 2014.

BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G. P.; RIZZON, L. A.; NICOLETTO, U. Aprendizagem. In: BRAGHIROLI, E. M.; BISI, G. P.; RIZZON, L. A.; NICOLETTO, U. **Psicologia Geral**. 22. ed. Porto Alegre, RS: Vozes, 1999.

CAMPOS, D. M. de S. **Psicologia da aprendizagem**. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

#### Referências Complementares

GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

LÉVY, P. Os três tempos do espírito: a oralidade primária, a escrita e a informática. In: LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34, 1993.

LIBÂNEO, J. C. Psicologia educacional: uma avaliação crítica. In: LANE, S.; CODO, W. (org.). **Psicologia social**. O homem em movimento. 14. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 2012.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 12. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo, SP: EPU, 1999.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres**. A nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 41. ed. Revista Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

## Organização dos Sistemas Educacionais II – 80h

**Carga Horária: 80h/a Período: 3.º**

### Ementa

O papel do Estado nas políticas públicas da educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil - LDBEN 9394/96: Histórico; Aspectos legais da Formação profissional e tecnológica. O Plano Decenal da Educação. Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio e para a Educação Profissional. Princípios normativos: Resoluções e Pareceres do Conselho Nacional de Educação. A Educação Básica e a Educação Superior.

### Objetivos

- Desenvolver visão crítica acerca das concepções de Educação com fundamentos nos dispositivos legais vigentes.

### REFERÊNCIAS

#### Referências Básicas

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei n.º 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

## Dramaturgia: Análise do Texto Teatral

**Carga Horária: 60h/a - Período: 3.º**

### Ementa

Leitura, apreciação e análise de textos da Literatura dramática (clássicos e contemporâneos). Estrutura das peças teatrais clássicas e contemporâneas. Análise crítica de obras de dramaturgos de correntes distintas. Aspectos estruturais das obras dramáticas. A expressão dramática da leitura de texto e as técnicas para a interpretação e expressão verbal.

### Objetivos

- Desenvolver competências e habilidades de leitura, apreciação e análise de textos da Literatura dramática (clássicos e contemporâneos)
- Possibilitar o conhecimento estrutural das peças teatrais clássicas e contemporâneas.

- Desenvolver a habilidade de crítica teatral mediante diversas obras de dramaturgos de correntes distintas.
- Reconhecer aspectos estruturais das obras dramatúrgicas e
- Aplicar técnicas para a interpretação e expressão verbal do texto dramatúrgico.

## Referências

### Referências Básicas

- FARIA, J. R. **O teatro na estante**: Estudos sobre Dramaturgia Brasileira e Estrangeira. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- NEVES, J. das. **A Análise do Texto Teatral**. Rio de Janeiro: INACEN/ MinC, 1987.
- UBERSFELD, A. **Para ler o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VERÍSSIMO, J. **História da Literatura Brasileira**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969

### Referências Complementares

- ANDRADE, J. **A Árvore e o Relógio**. 2. ed., São Paulo: Perspectiva, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Teatro Moderno: A Moratória**. 14. ed., Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- BERARDINELLI, C. **Antologia do Teatro de Gil Vicente**. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERNARDINI, A. F. **Henrique IV e Pirandello**. São Paulo: EdUSP, 1990.
- BOAL, A. **Murro em Ponta de Faca**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- FO, D. **Morte Acidental de um Anarquista e Outras Peças Subversivas**. Trad. Maria Betânia Amoroso, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GUBERFAIN, J. C. **Voz em Cena**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2004.
- IBSEN, H. **Um Inimigo do Povo**. Trad. Pedro Mantiqueira. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- JANSEN, J. **Teatro: 3 peças - Família da Pá Virada; Já Nasci Cansado e O diabo e a Grande Artista**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1981.
- MAQUIAVEL. **A Mandrágora**. Trad. Pedro Garcez Ghirardi, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MICHALSKI, Y. **O Palco Amordaçado**. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.
- MOLIÈRE. **Escola de Mulheres**. Trad. Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- PEIXOTO, F. **Teatro em Pedacos**. São Paulo: Hucitec, 1980.
- RACINE. **Fedra**. Trad. Millôr Fernandes, Porto Alegre: L&PM, 1986.
- RODRIGUES, N. **Obra Completa**. v.1, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. v.2., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- ROSENFELD. A. **Prismas do Teatro**. Coleção Debates 256. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- TORERO, J. R.; PIMENTA, M. A. **Os Vermes: uma comédia política**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

## Poéticas da Voz

**Carga Horária: 40h/a - Período: 3.º**

## Ementa

Consciência, presença e domínio da voz. Linguagem e voz na prática escolar.

Reflexões psicopedagógicas sobre a voz na educação.

### Objetivos

- Conhecer o aparelho fonador e as estruturas usadas na produção vocal.
- Enumerar os diversos processos envolvidos na produção vocal: postura, emissão, ressonância, articulação, respiração, etc.
- Descrever os processos da fonação: respiração, ataque, intensidade, altura, tessitura e discriminação das várias vozes (vozes agudas e graves).
- Avaliar a importância do cuidado do corpo e da voz como instrumento profissional docente.
- Compreender as diversas maneiras da expressão vocal de crianças, jovens, adultos e dos grupos sociais.
- Reconhecer dificuldades e inabilidades vocais.
- Elaborar exercícios corporais e vocais para aquecimento, utilização correta e desaquecimento vocal.

### Referências

#### Referências Básicas

- BEHLAU, M.; PONTES, P. **Higiene vocal: cuidando da voz**. Rio de Janeiro: Revinter, 3. ed. Ampliada e atualizada, 2001.
- BEUTTENMÜLLER, G; LAPORT, N. **Expressão vocal e expressão corporal**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.
- LE HUCHE, F.; ALLALI, A. **A voz: anatomia e fisiologia dos órgãos da voz falada**. Porto Alegre: Artes Medicas, 2001.
- MELLO, E. B. de S. **Educação da voz falada**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1972.

#### Referências Complementares

- CARVALHO FILHO, Moacir Ferraz de. **A Voz Parte do Corpo**. Dissertação (Mestrado em Artes). Campinas/SP: Unicamp, 2002.
- FERREIRA, L. P. (org.). **Trabalhando a voz: vários enfoques em fonoaudiologia**. São Paulo: Summus, 1988.
- FERREIRA, L. **Era uma vez... a voz**. São Paulo: Prófono, 2000.
- SCHAFER, M. **O Ouvido Pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.
- SERRA, M. M.; DELGADO, C. D.; TAULL, M. T. **1000 ejercicios y juegos aplicados a las actividades corporales de expresión**. v. 1. Barcelona: Paidotribo, 1995.
- SOARES, R. M. F.; PICCOLOTTO, L. **Técnicas de imitação e comunicação oral**. São Paulo: Loyola, 1977.
- ZUMTHOR, P. **Introdução à Poesia Oral**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

## Dança na Escola

**Carga Horária: 60h/a - Período: 3.º**

### Ementa

O movimento expressivo e a composição coreográfica como forma de conhecimento. Planejamento, execução e avaliação do processo ensino-aprendizagem dos elementos do movimento na dança. Técnicas de expressão em dança: improvisação, composição coreográfica, consciência, percepção e expressão corporal, exercícios técnicos de dança (clássica, moderna, contemporânea, repertório, folclóricas, populares, de roda e outras). Conteúdos coreológicos: Corpo, fatores do movimento, espaço, dinâmicas, ações, relacionamentos, som e ritmo.

### Objetivos

- Estudar a história da dança no ocidente;
- Conhecer os movimentos artísticos em dança em diferentes épocas e diferentes culturas e sua relação com a arte e estética;
- Dança enquanto linguagem, conhecimento e expressão de arte;
- Entender a dança como arte corporal cênica e sua relação com as demais linguagens artísticas
- Entender a percepção gestual/corporal e sensibilidade estética;
- Estudar os elementos da dança;
- Expressar corporalmente através da dança e montar pequenas coreografias;
- Apreciação de dança (Avaliar trabalhos de dança e seus preceitos estéticos expressivos);
- Inter-relacionar as linguagens do teatro e dança historicamente e na prática bem como com as demais linguagens artísticas;
- A Dança na escola.

### Referências

#### Referências Básicas

BOURCIER, P. História da Dança no Ocidente. In: **Opus 86**. Marina Appenzeller (Trad.). São Paulo: Martins. Fontes, 1987  
LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. Ed. Ícone. 1990.  
MARQUES, I. **Dançando na Escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

#### Referências Complementares

FERNANDES, C. **Pina Bausch e o Wuppertal Dança-Teatro**: repetição e transformação. São Paulo: Hucitec, 2000.

GARAUDY, R. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GREINER, C. **O Corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

MARQUES, I. A. As propostas educacionais de Rudolf Laban: um olhar contemporâneo. In: **Ensino de dança hoje** - textos e contextos. SP: Cortez, 1999.

VIANNA, K. **A Dança**. São Paulo: Siciliano, 1990.

### Técnicas Circenses aplicadas ao Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 3º**

#### Ementa

História do circo no Ocidente e no Oriente até os dias atuais. A arte e linguagem circense e sua interlocução e diálogos com as demais artes cênicas como o teatro, a dança e a ópera. O circo teatro. Estudo das principais companhias circenses na atualidade no Brasil e no Mundo e sua interlocução com as demais artes corporais cênicas. Estudo teórico e prático das principais modalidades circenses e possibilidades de aplicação no ambiente escolar. Treinamento das habilidades, técnicas circenses e modalidades básicas da arte circense. Estudo e prática de novos aparelhos e técnicas de picadeiro. Treinamentos de técnicas básicas de acrobacia e malabarismo, perna de pau, mágica, tecido. Exercícios preparatórios: Resistência física, coordenação motora, respiração, reflexo, fortalecimento e alongamento muscular, equilíbrio, eixo, concentração, espaço, esforço e tempo. Técnicas básicas de acrobacia, malabarismo, equilíbrio e arte do palhaço. Estudo das modalidades de equilíbrio. Prática de exercícios coletivos e composição de partituras cênicas. Criação de aparelhos circenses com materiais alternativos e reciclados. As técnicas circenses, a educação e o teatro.

#### Objetivos

- Conhecer a história do circo e sua ligação interlocução com as demais artes cênico-corporais, inclusive as relações técnicas e estéticas.
- Entender a arte circense e o seu diálogo com as demais artes cênicas e sua inserção no ambiente escolar.
- Decodificar a incorporação da linguagem circense pela arte da representação. Estudar o circo; O universo acrobático brasileiro à luz dos princípios da acrobacia tradicional. Estudo da perna de pau, acrobacias, malabarismos, equilíbrio no arame, monociclos,

magia, tecido e outras modalidades.

- Inserir o circo no ambiente escolar, junto às demais linguagens artísticas.

## Referências

### Referências Básicas

DUARTE, R. H. **Noites Circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995.

MERISIO, P. **O espaço cênico no circo-teatro**: caminhos para a cena contemporânea. Rio de Janeiro, 1999. Dissertação (Mestrado em Teatro). **Centro de Letras e Artes**. Programa de Pós-graduação, UNIRIO, 1999.

SILVA, E.; ABREU, L. A. de. **Respeitável público... o circo em cena**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.

### Referências Complementares

ALMEIDA, L. G. **Ritual, Risco e Arte Circense**. Brasília: UNB, 2008.

RUIZ, R. **Hoje tem espetáculo?** As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.

SANTOS, R. **Aspectos fundamentais do Malabarismo**. São Paulo: Edit. do Autor, 2012.

SEIBEL, B. História del circo. **Biblioteca de Cultura Popular**, nº18, Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1993.

SUGAWARA, C. de B. **Figuras e Quedas Para Corda Lisa e tecidos**: São Paulo: Fundamentos, 2008.

## Teatro-Educação IV

**Carga Horária: 60h/a - Período: 4.º**

### Ementa

Estudos das Abordagens metodológicas das Peças Didáticas de Bertold Brecht por Ingrid D. Koudela e do Teatro do Oprimido de Augusto Boal: noção, conteúdos, procedimentos e aplicabilidade; Análise do Planejamento da aula (objetivos, procedimentos, estratégia de ensino, seleção dos conteúdos, recursos didáticos e avaliação) para a prática de ensino e aprendizagem: processo, experimentação didático- estético e formação.

### Objetivos

- Definir as abordagens metodológicas das Peças Didáticas e do Teatro do Oprimido para prática pedagógica em teatro
- Avaliar a importância de planejamento eficaz para a aprendizagem com o teatro a partir dessas abordagens
- Analisar o processo de experimentação enquanto contribuição para a formação de professor do teatro

- Demonstrar por meio dessas abordagens os procedimentos necessários para a sua aplicabilidade nas práticas educativas

## Referências

### Referências Básicas

- ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, vol. 01, pp. 114-9. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- \_\_\_\_\_. O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras Escolhidas, vol. 01, pp. 197-221. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

### Referências Complementares

- BOAL, J. Opressão. In: **Metaxis - A revista do Teatro do Oprimido**. Periódico institucional do CTO-Rio. n.º 6, Rio de Janeiro, 2010.
- BOAL, A. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009.
- \_\_\_\_\_. **O Arco Íris do Desejo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Jogos para Atores e não Atores**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999.
- \_\_\_\_\_. **O Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- \_\_\_\_\_. **STOP: C'est Maguigue**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Técnicas Latino Americanas de Teatro-Popular**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Hamlet e o Filho do Padeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Teatro Legislativo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- \_\_\_\_\_. Educação, Pedagogia e Cultura. In: **Metaxis - A revista do Teatro do Oprimido**. Periódico institucional do CTO-Rio. N.º 3 – Rio de Janeiro, 2007.
- BORNHEIM, G. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1992.
- BORIE, M.; ROUGEMONT, M.; SCHERE, J. **Estética teatral**. Textos de Platão a Brecht, trad. Helena Barbas, 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Jovens e Adultos: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Teatro completo em 12 volumes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982 (v. 3)
- BUTT, G. **Planejamento de aulas bem sucedidas**. São Paulo: SBS, 2009.
- CABRAL, B. A. V. Avaliação em teatro: implicações, problemas e possibilidades. **Revista Sala Preta ECA/USP**, V. 2, 2002. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v2i0p213-220>.
- EWEN, F. **Bertolt Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo**. São Paulo: Globo, 1991.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GUINSBURG, J.; FARIA, J. R.; LIMA, M. A. **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- KOUDELA, INGRID. D.; JÚNIOR, J. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Texto e Jogo: uma didática brechtiana**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Um voo brechtiano: teoria e prática da peça didática**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Brecht na pós-modernidade**. São Paulo, Perspectiva, 2012.
- LIMA, M. A. **O projeto político-pedagógico: uma resposta da comunidade escolar**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- MATTOS, C. Estética do Oprimido: Para Quê? In: **Metaxis – A revista do Teatro do Oprimido**. Periódico institucional do CTO-Rio. n.º 6, Rio de Janeiro, 2010.
- MARTINS, A. **Didática das expressões**. Lisboa, PT: UNIVERSIDADE ABERTA, 2002.
- ROMÃO, J. E. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.
- ROSENFELD, A. **Brecht e o teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SANCTUM, F. Indústria Cultural – Monopólio Estético. In: **Metaxis - A revista do Teatro do Oprimido**. Periódico institucional do CTO-Rio. n.º 6 – Rio de Janeiro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Curinga - Investigador de Alternativas. In: TEIXEIRA, T. B. (org.). **De Freire a Boal: Pedagogia del Oprimido/Teatro del Oprimido**. 1. ed. Barcelona: Ñaque, 2009.
- \_\_\_\_\_. Boal e a Arte – Um Breve estudo da Estética do Oprimido. In: PLETSCHE, M.D.; Rizo, G. (org.). **Cultura e Formação: Contribuições para a Prática Docente**. 01 ed. Seropédica: UFRRJ, 2010, v. 01, p. 186-194.
- SELBACH, S. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.
- VEIGA, I. P. A. **Técnica de ensino: por que não?** Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- ZABALA, A. **Prática Educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte**. Um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

### Atuação Teatral III

**Carga Horária: 60h/a - Período: 4.º**

#### Ementa

Estudo teórico e prático de elementos técnicos pertencentes a diferentes técnicas de atuação e apresentação de cenas. Elementos criadores do estado interior e exterior da personagem. Ação, visualização, ritmo interno e externo, ação verbal; as ações físicas e preparo corporal e vocal do ator para a cena. Compreensão das etapas de construção e desempenho de personagens a partir das propostas de *Meyerhold*, Artaud, Grotowski e Barba.

#### Objetivos

- Conhecer, refletir e experienciar a teoria e exercícios práticos da biomecânica de Meyerhold na proposta de atuação e construção de personagens.

- Conhecer, refletir e experienciar as propostas de preparação do ator para atuação e interpretação baseados nos estudos e propostas de Antonin Artaud e o teatro da crueldade, no teatro pobre de Jerzy Grotowski e nas propostas de Eugênio Barba.

## Referências

### Referências Básicas

- ARTAUD, A. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GROTOWSKI, J. **O Teatro Laboratório de Jerzy Grotowski: 1959 – 1969**. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 2007.
- MEYERHOLD, V. **O Teatro de Meyerhold**. Coleção: Teatro de Hoje, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

### Referências Complementares

- ARTAUD, A. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- BARBA, E. **Além das ilhas flutuantes**. São Paulo: Unicamp, 1991.
- BURNIER, L. O. **A arte do ator: da técnica à representação**. Campinas: Unicamp, 2002.
- FERRACINI, R. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator**. Campinas: Unicamp, 2001.
- GORDON, M. **A biomecânica de Meyerhold**, The drama Review (T57), Tradução de Maria Elisabeth Biscaia Jhin, março de 1973.

## História do Teatro Brasileiro II

**Carga Horária: 40h/a – Período: 4.º**

### Ementa

Teatro nos séculos XX e XXI. Estudos da instalação da modernidade no Teatro Brasileiro: o TBC e o surgimento das companhias teatrais. O teatro romântico, realista e no contexto da ditadura militar. As principais expressões da contemporaneidade.

### Objetivos

- Analisar o teatro brasileiro dos séculos XX e XXI.
- Compreender as características do teatro e das atividades dramáticas desenvolvidas no Brasil do início do século XX até os dias atuais, abordando aspectos históricos, sociais, culturais e estéticos.
- Discutir e conhecer a importância dos grupos teatrais modernos no Brasil.
- Refletir a produção teatral do séc. XXI.
- Desenvolver estudos sobre gêneros, encenações, textos dramáticos, estilos de interpretação, artistas e dramaturgos brasileiros destes períodos.

## REFERÊNCIAS

### Referências Básicas

- CAFEZEIRO, E.; GADELHA, C. **História do Teatro Brasileiro: um percurso de Anchieta a Nelson Rodrigues**. RJ: Editora UFRJ/ EDUERJ/ FUNARTE, 1996.
- GUINBURG, J. et al. **Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- MAGALDI, Sá. **Panorama do Teatro Brasileiro**. MEC/DAC/FUNARTE/SNT, [s.d.]
- ROSENFELD, A. **O mito e o herói no moderno teatro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

### Referências Complementares

- CAMPOS, C. de A. **Zumbi, Tiradentes e outras histórias contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CASTRO, R. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- DIONYSOS. Revista do Serviço Nacional de Teatro/MinC. **Especial Ziembinski**, n.º 22, Brasília/DF: Dezembro de 1975.
- \_\_\_\_\_. **Especial TBC**, n.º 25, Brasília/DF: Setembro de 1980.
- \_\_\_\_\_. **Especial Teatro Oficina** n.º 26, Brasília/DF: Janeiro de 1982.
- DÓRIA, G. **Moderno teatro brasileiro**. Rio de Janeiro: SNT, 1975.
- Enciclopédia Itaú Cultural de Teatro. Disponível em:  
<[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teat](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teat)>.
- FARIA, J. R. **O Teatro realista no Brasil: 1855-1865**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1993.
- FERNANDES, N.; VARGAS, M. T. **Uma atriz: Cacilda Becker**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- GUZIK, A. **TBC: crônica de um sonho**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- LEVI, C. **Teatro brasileiro: um panorama do século XX**. RJ, Funarte / SP, Atração: 1997.
- MAGALDI, S. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenação**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Moderna dramaturgia brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Um palco brasileiro: o Arena de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARTINS, A. **Artur Azevedo: a palavra e o riso**. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- MICHALSKI, Y. **O teatro sob pressão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Teatro e Estado: as companhias oficiais de teatro no Brasil: história e polêmica**. São Paulo: HUCITEC/IBAC, 1992.
- PRADO, D. de A. **O teatro brasileiro moderno: 1930-1980**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O drama romântico brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Peças, pessoas, personagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

## Organização e Gestão da Educação básica I

Carga Horária: 60h/a – Período: 4.º

## Ementa

O público e o privado na organização escolar. As relações de poder no processo de gestão do sistema escolar e não escolar. Ética e educação emancipatória. Gestão participativa: estratégias de coordenação do trabalho escolar. O papel da comunidade externa na gestão escolar. Juventude e escola: desafios para a gestão. Organização escolar e estratégias em contexto de uma educação inclusiva e multicultural. Política de formação continuada no processo de organização e gestão da Educação Básica.

### Objetivos

- Identificar no cotidiano da escola a tessitura de saberes, esquemas e ações desenvolvidos pelos seus atores.
- Identificar as relações de poder no processo de gestão no sistema escolar e não escolar.
- Discutir a ética no contexto de uma educação emancipatória na perspectiva de uma gestão participativa, inclusiva e multicultural.
- Analisar criticamente políticas de formação continuada na organização da gestão da Educação Básica.
- Desenvolver propostas de ação com vistas à prática de uma educação inclusiva, multicultural, numa escola comprometida com a formação profissional continuada.

### Referências

#### Referências Básicas

- CANAU, V. M. (org.) **Sociedade, Educação e Cultura(s):** Questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- GADOTTI, M. **Autonomia da escola:** princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 2000.

#### Referências Complementares

- GANDIN, D. **A prática do planejamento participativo.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- JACOBI, P. et al. (org.). **Educação, meio ambiente e cidadania:** reflexões e experiências. São Paulo: SMA, 1998
- \_\_\_\_\_. **Políticas sociais e ampliação da cidadania.** Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da escola:** Teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.
- PENIN, S. **Cotidiano e escola:** a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1995.
- PIMENTA, S. G. (org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2012.
- RUSHEINSKY, A. (org.) **Educação ambiental:** abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2006.

## Didática I

**Carga Horária: 80h/a – Período: 4.º**

## Ementa

Magistério: formação e profissionalização. Identidade e saberes da docência. A pesquisa na formação e na prática docente. Docência em espaços formais e não formais. Organização do conhecimento escolar: disciplinaridade, interdisciplinaridade, transversalidade. Currículo Escolar: Diretrizes curriculares, Parâmetros Curriculares – Orientações Didáticas. Organização Curricular por eixos temáticos e por Projetos. Os projetos temáticos e a aprendizagem. Aula: organização didática; aula em espaços convencionais e não convencionais; aula na modalidade a distância. Planejamento curricular, planejamento de ensino, planejamento de aula.

## Objetivos

- Identificar o percurso histórico do processo de profissionalização do campo pedagógico, considerando a atuação docente em espaços formais e não formais.
- Analisar a organização do conhecimento escolar sob a perspectiva da abordagem interdisciplinar e de transversalidade com vistas à superação do processo de fragmentação do saber.
- Elaboração de projeto temático tendo como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental e Ensino Médio.
- Identificar a aula como espaço de aprendizagem em diferentes contextos e modalidades.
- Ressaltar a importância do planejamento decorrente do processo de ação-reflexão da prática docente.

## Referências

### Referências Básicas

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais** – Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais** – Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BUSQUETS, M. et al. **Temas transversais em educação**. São Paulo. Ática, 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

### Referências Complementares

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HERNANDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (org.). **Temas de Pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

LOPES, A. C. **Políticas de integração curricular**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MORETTO, P. V. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, N. R. **Pedagogia dos Projetos: etapas, papéis e atores**. São Paulo: Érica, 2008.

OLIVEIRA, M. R. N. S.; PACHECO, J. A. (org.). **Currículo, didática e formação de professores**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013.

PIMENTA, S. G. (org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2012.

TEIXEIRA, A. B. M. (org.). **Temas atuais em Didática**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VEIGA, I. P. A. e D'AVILA, C. M. (org.). **Profissão Docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008.

VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

YUS, R. **Temas transversais: em busca de uma nova escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## Poéticas da Voz em Cena

**Carga Horária: 40h/a - Período: 4.º**

### Ementa

Expressão Vocal como instrumento de trabalho do ator. Preparação/ treinamento vocal expressivo. Canto para atores.

### Objetivos

- Enumerar as diversas formas e ambientes de aplicação da voz como instrumento: palco, sala de aula, teatro, estúdio e etc.
- Avaliar a importância do cuidado do corpo e da voz como instrumento profissional do ator.
- Utilizar a voz cantada em criações cênicas.
- Utilizar variadas técnicas vocais na composição de personagens e na construção cênica.

### Referências

#### Referências Básicas

BEUTTENMÜLLER, G. **O Despertar da Comunicação Vocal**. Rio de Janeiro: Enelivros,

1995.

FERNANDES, F. A. G. **A voz e o sentido**. São Paulo: UNESP, 2007.

GAYOTTO, L. H. **Voz Partitura da Ação**. São Paulo: Summus, 1997.

QUINTEIRO, E. A. **Estética da voz: uma voz para o ator**. São Paulo: Summus, 1989.

### Referências Complementares

ALEIXO, F. M. **Corporeidade da voz: voz do ator**. Campinas: Komedi, 2007.

BAÊ, T.; PACHECO, C. **Canto**. Equilíbrio entre Corpo e Som – princípios da fisiologia vocal. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

BONFITTO, M. **O Ator Compositor**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CHENG, S. C. **O Tao da Voz**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAVID, C. M. **Criação e interpretação musicais em Franca: palco e plateia**. Franca: UNESP, 2002.

FORTUNA, M. **A Performance da Oralidade Teatral**. São Paulo: Annablume, 2000.

GAYOTTO, L. H. **Voz Partitura da Ação**. São Paulo: Summus, 1997.

MALETTA, E. **A Formação do Ator Para Uma Atuação Polifônica: Princípios e Práticas**. Tese de Doutorado. UFMG, 2005.

MEYER, S. Corpo e as emoções. **Revista Repertório Teatro e Dança**, n.º 3 Salvador: PPGAC/ UFBA, 2000.

PHILADELPHO, M. **Poesia Sonora: poéticas experimentais da voz no século XX**. EDUC. São Paulo: Brasil, 1992.

SOUZA, M. E. M. de. **A Alma das Palavras – A voz enquanto imagem das palavras: uma proposta de leitura e em cena-ação**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2001.

QUINTEIRO, E. A. **Estética da Voz**. Uma Voz para o Ator. São Paulo: Summus, 1989.

VALENTE, H. de A. D. **Os Cantos da Voz: entre o ruído e o silêncio**. São Paulo: Annablume, 1999.

WISNICK, J. M. **O Som e o Sentido: Uma Outra História das Músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

## Estética Teatral

**Carga Horária: 40h/a - Período: 4.º**

### Ementa

Correntes e filósofos que influenciaram o teatro. Elementos de filosofia na obra de filósofos – dramaturgos (Maquiavel, Voltaire, Artaud, Satre) e dramaturgos filósofos (Beckett, Kleist, Strindberg). O teatro a partir da obra de Diderot, D’Alambert e Rousseau.

### Objetivos

- Refletir acerca do debate político e filosófico em torno do drama;
- Identificar os princípios morais, estéticos e educativos do teatro.

## REFERÊNCIAS

### Referências Básicas

BAYER, R. **História da estética**. Lisboa. Estampa: 1979.

BORIE, M.; ROUGEMONT, M. de; SCHERER, J. **Estética teatral, textos de Platão a Brecht**. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 2004.

DIDEROT, D. **Discurso sobre a poesia dramática**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

### Referências Complementares

CARLSON, M. **Teorias do Teatro**. Estudo histórico-crítico, dos gregos à atualidade. São Paulo: Unesp, 1997.

DIDEROT, D. **O paradoxo do comediante**. Coleção os Pecadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

PLATÃO. **A República (livro II, III, X)**, São Paulo: Difel, 1973.

PRADO Jr, B. **Gênese e Estrutura dos Espetáculos**. Revista Ceprap, nº.14. Brasiliense, São Paulo.

STEINER, G. **A Morte da Tragédia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

## Sonoplastia

**Carga Horária: 40h/a - Período: 4.º**

## Ementa

Estudo teórico-prático da sonoplastia. Redimensionamento da conscientização do universo sonoro circundante. A sonoplastia como técnica e processo de criação. A sonoplastia ao vivo e a sonoplastia gravada. A relação do som com os vários elementos do espetáculo. Criação, gravação, montagem, roteirização e operação de trilha sonora para o evento teatral.

## Objetivos

- Sensibilizar o aluno para a cena teatral e suas conexões com o som internalizado e a paisagem sonora externa;
- Desenvolver experiências que envolvam a sonoplastia num processo de criação cênica;
- Conhecer e manusear equipamentos sonoros utilizados no teatro;
- Criar, gravar, montar, roteirizar e operar a trilha sonora de um espetáculo teatral.

## Referências

### Referências Básicas

CAMARGO, R. G. **A sonoplastia no teatro**. Rio de Janeiro: Inacen, 1986.

SCHAFFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1991.

WISNIK, J. M. **O Som e o Sentido - uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

### Referências Complementares

CAVALIERE, A. **Inspetor Geral de Gógol**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MACHADO, A. C.; LIMA, L. V.; LIMA, S. F. O. **Computação Musical – Sound Forge 8.0 – Gravação ao Vivo, Restauração de Sons de LPs e Masterização Áudio Digital**. São Paulo:

Érica, 2005.

SCHAFFER, R. M. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. S. Paulo: Unesp, 1997.

TRAGTENBERG, L. **Música de cena**. S. Paulo: Perspectiva/Fapesp, 1999.

## Ética no Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 4.º**

### Ementa

Fundamentos da Ética enquanto reflexão da ação humana. Ética e a Pedagogia do Teatro: a questão artístico-estético-pedagógica. Reflexões sobre Ética e a construção da identidade: professor de teatro. Postura profissional: professor-artista de teatro nas práticas educativas.

### Objetivos

- Definir os princípios da Ética para a formação humana
- Ilustrar as relações entre a Ética e a Pedagogia do Teatro
- Analisar o sentido da ética para a construção da identidade na formação do professor-artista de teatro no Brasil
- Identificar a postura de uma prática pedagógica profissional do professor-artista do teatro nas práticas educativas formais e não formais

### Referências

#### Referências Básicas

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.

BORNHEIM, G. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1992.

CARLSON, M. **Teorias do teatro**. São Paulo: Unesp, 1998.

#### Referências Complementares

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.

DESGRANGES, F. **Pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.

FERNANDES, S. **Teatralidades contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GALLO, S. **Ética e Cidadania**: caminhos da filosofia. São Paulo: Papirus, 1997.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ICLE, G. **O ator xamã**: configurações da consciência no sujeito extracotidiano. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da arte: entre lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS,

2012.

PAVIS, P. **A Encenação Contemporânea: Origens, Tendências, Perspectivas**. São Paulo: Perspectiva 2010.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEIXOTO, F. **O que é Teatro?** São Paulo: Brasiliense, 2003 (Coleção primeiros passos: 10).

ROUBINE, Jean-Jacques. **A linguagem da encenação teatral (1880-1980)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

STANISLAVSKI, C. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Construção da Personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

\_\_\_\_\_. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

VIRMAUX, A. **Artuad e o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

### LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 4.º**

#### Ementa

Articulação dos componentes curriculares construídos no decorrer do curso de acordo com a realidade das respectivas “Escolas Polo” – LEAT.

#### Objetivos

- Promover a inserção dos licenciandos no contexto das escolas públicas.
- Desenvolver atividades artístico-didático-pedagógicas em teatro, em parceria com a escola Polo LEAT, sob orientação de um(a) docente do Curso de Licenciatura em Teatro e a supervisão de um(a) docente de cada escola Polo.
- Potencializar a relação de pertencimento do estudante com o patrimônio cultural.

#### Referências

##### Referências Básicas

CUNHA, A. H. da C. **Teatro na escola**: proposta para a educação moderna. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/monographia>.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do teatro**: provocação e dialogismo. São Paulo: Hucitec, 2006.

ESTEVE, J. M. **O mal estar-docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

ICLE, G. **Pedagogia da arte**: entre- lugares da escola. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

##### Referências Complementares

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Serviço Nacional de Teatro. **Teatro na educação: subsídios para o seu estudo**. Rio de Janeiro: DDD, 1976.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares de Jovens e Adultos: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CABRAL, Beatriz. Pedagogia do teatro e teatro na educação. In: **REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**, 4 realizado em 1998. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia>.

COUTINHO, M. H. **A favela como palco e personagem**. Rio de Janeiro: De Petrus, 2012.

JAPIASSU, R. **A linguagem teatral na escola: pesquisa, docência e prática pedagógica**. Campinas, SP: Papiurus, 2007.

**LDB- Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

### Fundamentos da Cenografia

Carga Horária: 60h/a - Período: 5.º

### Ementa

Estudos da Cenografia no Teatro: dos estudos dos espaços cênicos a edificação teatral em “períodos históricos distintos” (Grego, Romano, Medieval ao espaço cênico Elisabetano, Renascentista, caixa cênica Italiana e as Vanguardas do século XX. Os projetos cenográficos nos movimentos naturalista, simbolista, expressionista e construtivista nas encenações teatrais . Cenografia e áreas afins: estética do figurino, maquiagem e iluminação. Renovação das propostas cenográficas no Brasil.

### Objetivos

- Analisar as principais contribuições dos estudos da cenografia no teatro a partir dos períodos históricos distintos.
- Identificar as principais abordagens dos projetos cenográficos nos diversos movimentos históricos.
- Definir os princípios fundamentais de um projeto cenográfico para prática teatral
- Listar as principais propostas cenográficas enquanto renovação no teatro brasileiro.

### Referências

#### Referências Básicas

APPIA, A. **A Obra de Arte Viva**. Lisboa: Arcádia, S/D.

ARTAUD, A. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTHOLD, M. **História Mundial do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

### Referências Complementares

- BROOK, P. **O Teatro e seu espaço**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- BORNHEIM, G. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1992.
- CARLSON, M. **Teorias do teatro**. São Paulo: Unesp, 1998.
- CRUCIANI, F. **Arquitetura teatral**. México: Gaceta, 1994.
- FERNANDES, S. **Teatralidades contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- LIMA, E. F. W. **Espaço e teatro**. Do edifício teatral à cidade como palco. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- MANTOVANI, A. **Cenografia**. São Paulo: Ática, 1989.
- MASSERAN, P. R. **Theatro Paulista (1840-1930)**. Fundamentos da arquitetura teatral em São Paulo. São Paulo: Unesp, 2011.
- NEREY, M. L. **A evolução de indumentária**. Subsídios para criação de figurino. São Paulo: SENAC, 2003.
- NERO, C del. **Cenografia – uma breve visita**. São Paulo: Claridade, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Máquina para os Deuses: anotações de um cenógrafo e o discurso cenográfico**. São Paulo: 2009.
- PAVIS, P. **A Encenação Contemporânea: Origens, Tendências, Perspectivas**. São Paulo: Perspectiva 2010.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PEIXOTO, F. **O que é Teatro?** Coleção Primeiros Passos, v.10. São Paulo: Brasiliense, 2003
- RATTO, G. **Antitratado de cenografia**. São Paulo: SENAC, 1999.
- ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral (1880-1980)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1998.
- SERRONI, J. C. **Cenografia brasileira: notas de um cenógrafo**. São Paulo: Edições SESC, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil**. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- \_\_\_\_\_. (org.) **Oficina arquitetura cênica**. Projeto resgate e desenvolvimento de técnicas cênicas. RJ: IBAC/CTAC, 1993.
- STANISLAVSKI, C. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- VIRMAUX, A. **Artuad e o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

### Fundamentos da Iluminação Teatral

**Carga Horária: 60h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Princípios básicos de eletricidade. Recursos e equipamentos de iluminação cênica. Desenho e construção de efeitos luminosos no espaço cênico e nos demais componentes da cena. Projeto de iluminação cênica: espetáculo e concepção da luz cênica, representação gráfica técnica e roteiro. Cenotecnia de iluminação cênica - execução de projeto: montagem, programação, operação e medidas de segurança. Princípios e natureza da luz. A luz cênica – papéis, diálogos e possibilidades. Efeitos da iluminação no espaço cênico e demais componentes da cena: formas e significados. História da iluminação cênica da Antiguidade à

cena contemporânea. Dramaturgia, encenação e iluminação contemporânea - análise de espetáculos.

### Objetivos

- Desenvolver conhecimentos básicos de eletricidade básica visando à iluminação teatral.
- Conhecer, entender e experienciar elementos básicos, técnicos, estéticos e semiológicos da iluminação teatral.
- Conhecer equipamentos básicos mais utilizados na iluminação cênico-teatral.
- Entender a importância de a iluminação cênica no fazer teatral de espetáculos em teatros.
- Conhecer o avanço tecnológico na iluminação.
- Aprender noções básicas de iluminação cênico-teatral para utilizar em diversos tipos e contextos estéticos de espetáculos.
- Montar um mapa básico de desenho de luz, para diferentes propostas estéticas e de espaços cênicos.
- Desenvolver habilidades em resolver os problemas do contexto técnico e dramático em termos espaciais, visuais, plásticos ou psicológicos, em articulação à expressividade da iluminação teatral (climas, claros e escuros, demarcação de áreas, funções das cores, *black-out*).
- Promover a compreensão da função do cenógrafo e do iluminador em articulação com os outros elementos visuais da cena e do

### Referências

#### Referências Básicas

- CARVALHO, J. (coord.). **Oficina de iluminação cênica**. Rio de Janeiro: Funarte, 2009.
- FORJAZ, C. **À luz da linguagem: a iluminação cênica**: de instrumento da visibilidade à "Scriptura do visível". Tese de Mestrado, ECA/USP. São Paulo. 2009.
- GÊNIO, V. **Luz & iluminação cênica**. São Paulo: ATSP, 2008.

#### Referências Complementares

- BABLET, D. **Svoboda**. Lausanne: La Cité, 1970.
- MOREIRA, V. **Iluminação Elétrica**. São Paulo: Ed. Blucher. 1999.
- PIEIDADE, M. B. **Bate-papo sobre iluminação cênica**. São Paulo: Signás, 2008.
- SARAIVA, H. F. **Eletricidade básica para teatro**. Ed. MEC/Inacen, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Iluminação teatral**: história, estética e técnica. Dissertação de Mestrado, ECA/USP, 1989.
- TORMANN, J. **Caderno de iluminação cênica**. Rio de Janeiro: Música & Tecnologia, 2008.

## Atuação Teatral IV

**Carga Horária: 60h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Estudo teórico e prático da atuação voltados para a performance e teatro de rua e suas repercussões no teatro contemporâneo.

### Objetivos

- Conhecer, refletir e experienciar a teoria, técnicas, exercícios práticos, preparação corporal e vocal na composição de personagens e os diferentes elementos estéticos e de palco que influenciam a atuação na *performance* e no teatro de rua. Montagem e apresentação de cenas baseadas nessas estéticas.
- Estudar e experienciar a composição de personagens baseados na *Commedia del' Arte*, fazendo uma releitura dessa estética na atualidade e sua influencia no teatro de rua e em espaços alternativos como hospitais e outros.
- Estudar e experienciar a atuação voltada a *performance* e construção de pequenas cenas.

### Referências

#### Referências Básicas

CARLSON, M. **Performance**: Uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

COHEN, R. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva-Edusp, 1989.

TELLES, N; CARNEIRO, A. (org.). **Teatro de Rua**: olhares e perspectivas. Rio de Janeiro: *E-papers*, 2005.

#### Referências Complementares

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BROOK, P. **O Ponto de Mudança**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

\_\_\_\_\_. **A porta aberta**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CRUCIANI, F; FALLETTI, C. **Teatro de Rua**. São Paulo: Haucitec.1999.

ROMANO, L. **O teatro do corpo manifesto**: teatro físico. São Paulo: Perspectiva/Fapesp, 2005.

## Organização e gestão da educação básica II

**Carga Horária: 60h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Educação e multiculturalismo. A formação da cultura escolar: interculturalismo. Educação para a tolerância e respeito à diversidade. O paradigma da sustentabilidade na

organização e gestão da educação básica. Interação entre os saberes na prática educativa em espaços formais e não formais. Projeto Político Pedagógico como instrumento de organização e gestão da escola de Educação Básica. Avaliação Institucional.

### Objetivos

- Estabelecer a relação entre educação e multiculturalismo.
- A partir da reflexão sobre a questão da sustentabilidade, estimular o desenvolvimento de práticas educativas que levem em conta as relações intrapessoais, os danos ambientais e as relações entre ambiente e desenvolvimento.
- Identificar a interação entre saberes como um dos elementos integrantes da prática educativa.
- Reconhecer o Projeto Político Pedagógico como instrumento de organização e gestão da escola de Educação Básica.
- Identificar os elementos básicos constitutivos de um Projeto Político Pedagógico.
- Identificar os diferentes mecanismos de avaliação institucional e a utilização dos parâmetros obtidos como instrumento de revisão e reformulação da organização da escola.

### Referências

#### Referências Básicas

- ALVES, N; GARCIA, R. L (org.). **O Sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CANDAU, V. M. (org.) **Sociedade, Educação e Cultura(s):** Questões e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

#### Referências Complementares

- PENIN, S. **Cotidiano e escola:** a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1995.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Coordenação do trabalho pedagógico:** do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula. São Paulo: Libertad, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Planejamento:** Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. São Paulo: Editora, 2012.
- VEIGA, I. P. A. (org.) **Projeto Político-Pedagógico da Escola:** uma construção possível. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.
- VEIGA, I. P. A.; RESENDE, L. M. G. (org.) **Escola:** Espaço do Projeto Político-Pedagógico. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

## Didática II

**Carga Horária: 80h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Recursos didáticos no processo de aprendizagem. Ensinar e aprender por meio da resolução de problemas. Organização e seleção dos conteúdos. Transposição didática dos conteúdos. A mediação no contexto da sala de aula. Avaliação da aprendizagem: concepção e instrumentos de avaliação. O portador de necessidades educativas especiais: dilemas e desafios para a prática docente. Educação do Campo e Educação de Jovens e Adultos: concepções, finalidades e estratégias. Contribuições freirianas no campo da Educação de Jovens e Adultos.

### Objetivos

- Organizar, no plano de trabalho docente, os recursos didáticos como ferramenta de aprendizagem.
- Estabelecer a relação entre a organização e seleção dos conteúdos e a abordagem metodológica dos mesmos.
- Analisar as diferentes concepções e elaborar diferentes instrumentos de avaliação da aprendizagem.
- Refletir sobre os dilemas, desafios e possibilidades da prática docente no contexto da educação inclusiva, da educação de jovens e adultos e da educação do campo.
- Destacar a contribuição de Paulo Freire nos pressupostos didático-metodológicos da educação de jovens e adultos.

### Referências

#### Referências Básicas

- ALMEIDA, G. P. **Transposição didática**: por onde começar? São Paulo: Cortez, 2007.
- ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L. J. G.; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J (Org.). **Olhares e interfaces**: reflexões críticas sobre avaliação. São Paulo: Cortez, 2010.

#### Referências Complementares

- ESTEBAN, M. T. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio

de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N.(org.). **Temas de Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

MAGALHÃES, R. C. B. P. (org.). **Educação inclusiva**: escolarização, política e formação docente. Brasília: Liber Livro, 2011.

POZO, J. I. **A solução de problemas**: aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ROCHA, M. I. A.; MARTINS, A. A. (org.). **Educação do campo**: desafios para a formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ROMÃO, J. E. **Avaliação Dialógica**: desafios e perspectivas. 4. ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.

SOUZA, J. dos S.; SALES, S. R. (org.) **Educação de jovens e adultos**: políticas e práticas educativas. Rio de Janeiro: NAU e EDUR, 2011.

VEIGA, I. P. A. **Novas Tramas para as Técnicas de Ensino e Estudo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2013.

## Dança Cênica

**Carga Horária: 40h/a - Período: 5.º**

## Ementa

Vocabulário gestual e corporal oriundo das diversas manifestações da dança. Danças e manifestações artístico-corporais espetaculares brasileiras e regionais. Danças de salão, de rua, circulares, danças de origem africana e indígena. Estudos, experimentações e práticas coreográficas das danças brasileiras e regionais.

## Objetivos

- Desenvolver o aprendizado de um vocabulário gestual tendo como base as várias possibilidades da dança como manifestação artístico-cultural.
- Conhecer, pesquisar, resgatar e experienciar possibilidades de um vocabulário gestual tendo como base nas diversas manifestações de danças brasileiras principalmente as regionais.
- Aplicar noções básicas de anatomia ao movimento e uma introdução aos princípios teóricos das técnicas corporais nas práticas de dança.
- Exercitar a consciência e a percepção corporal.
- Conhecer a função do aquecimento, do alongamento, do alinhamento, do fortalecimento, do relaxamento e da coordenação corporal no trabalho de o profissional de dança e teatro.

## Referências

### Referências Básicas

- ANDRADE, M. **Danças Dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- BRANDÃO, T. **Reisados e Guerreiros**. Maceió: Instituto Histórico de Alagoas, 1946.
- CAVALCANTI, T. C. **Pé, Umbigo e Coração: pesquisa de criação em dança contemporânea**. Campinas: Unicamp, 1996.

### Referências Complementares

- KATZ, H. **Brasil Descobre A Dança, A Dança Descobre o Brasil**. São Paulo: DBA, 1994.
- LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LOPES NETO, A. **O Pastoril de Marechal Deodoro Alagoas: registro coreográfico**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA/USP, 1994..
- LOUPPE, L. “Corpos Híbridos” In: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.) **Lições de Dança 2**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2000, p. 27-40.
- STRAZZACAPPA, M; MORANDI, C. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas: Papyrus, 2006.
- VASCONCELOS, P. T. de. **Folclore, Dança, Música e Torneio**. Maceió: Igasa, 1978.
- VICENZIA, I. **Dança no Brasil**. São Paulo: Atração, 1997.

## Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro I

**Carga Horária: 40h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Princípios epistemológicos preliminares que norteiam a elaboração da investigação científica em todas as suas fases operacionais. Aplicabilidade de um projeto de pesquisa no campo da Pedagogia do Teatro/Teatro-Educação. Princípios que norteiam procedimentos metodológicos numa investigação científica no teatro.

### Objetivos

- Analisar os princípios epistemológicos que norteiam a elaboração de um projeto de pesquisa mediante aos itens procedimentos, concepções, estratégias e análises de dados.
- Identificar os procedimentos teórico-metodológicos adequados (estratégias, técnicas e análise e interpretação) para a execução do projeto de pesquisa no campo da Pedagogia do Teatro/Teatro-Educação.

## Referências

### Referências Básicas

- ARAÚJO-JORGE, T. C. **Ciência e Arte: encontros e sintonias**. Rio de Janeiro: Senac, 2004.
- BOAVIDA, J.; AMADO, J. **Ciência da Educação. Epistemologia, identidade e**

**perspectiva.** Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. **A trama do conhecimento:** teoria, método e escrita em ciência e pesquisa. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

### Referências Complementares

CARVALHO, M. C. M. **Construindo o saber:** metodologia científica – fundamentos e técnicas. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

CARAÇA, J. **Ciência.** Coimbra: Quimera, 2001.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação. Fundamentos e tradição.** Porto Alegre: AMHG, 2010.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

GODOY, S. **A Pesquisa qualitativa:** tipos fundamentais. v.35, nº. 3, São Paulo: UNESP, mai./jun. de 1995.

LÉTOURNEAU, J. **Ferramentas para o pesquisador iniciante.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LIMA, J. A.; PACHECO, J. A. **Fazer investigação:** Contributos para a elaboração de dissertações e teses. Portugal: Porto, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

MICHALISZYN, M. S.; TOMASINI, R. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. **Projeto de pesquisa:** o que é? Como fazer? – um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d' Água, 2008.

RUDI, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2011.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

## Diálogos Com a Escola Campo I

Carga Horária: 40h/a - Período: 5.º

### Ementa

Estágio Curricular Supervisionado: fundamentação teórica, orientação e acompanhamento. A escola campo de estágio. Ensino Fundamental – anos finais: as orientações governamentais e o cotidiano escolar. Espaços de aprendizagem e metodologias pedagógicas observadas no estágio. Diálogos entre teoria e prática: o planejamento pedagógico e o currículo escolar. Orientação para o levantamento e a análise do perfil das turmas observadas.

### Objetivos

- Compreender o estágio como momento de formação docente.

- Analisar a realidade sociocultural do cotidiano escolar.
- Discutir os diferentes tipos de planejamento existentes nas escolas.

## Referências

### Referências Básicas

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parecer CNE/CP 9/2001**: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso em 10/03/2015.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L.. **Estágio e docência**. 7.ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

### Referências Complementares:

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996: Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 06/10/2015.

DAYRELL, J.. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: FMG, 1996.

MORETTO, P.V.**Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANTOS, J. L. da S.; OLIVEIRA, C. M. S. **O Estágio Supervisionado**: um momento de fundamental importância no processo de formação profissional. Disponível em: <[http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/974/CE\\_2012\\_06.pdf](http://www.cdn.ueg.br/arquivos/ipora/conteudoN/974/CE_2012_06.pdf)>. Acesso em: 25/08/2015.

TAGLIANI, D. C. O processo de escolha do livro didático de língua portuguesa. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2009. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/ld/v.9.n.2/05.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ld/v.9.n.2/05.pdf)

## LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Articulação dos componentes curriculares construídos no decorrer do curso de acordo com a realidade da comunidade do entorno das respectivas “Escolas Polo” – LEAT.

### Objetivos

- Promover a inserção dos licenciandos do quinto período da sua formação acadêmica no contexto das comunidades das escolas públicas.
- Desenvolver atividades artístico-didático-pedagógicas em teatro, em parceria com a escola Polo LEAT, sob orientação de um(a) docente do Curso de Licenciatura em Teatro e a supervisão de um(a) docente de cada escola Polo.

## Referências

### Referências Básicas

CUNHA, A. H. da C. **Teatro na escola: proposta para a educação moderna**. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/monographia>.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, M. A. **O projeto político-pedagógico: uma resposta da comunidade escolar**. Bauru, SP: Edusc, 2006.

### Referências Complementares

FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H.C.T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

ICLE, G. **Pedagogia da arte: entre-lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

MARTINS, G. S. L. O ensino do Teatro para além de um mero entretenimento. In: **Revista científica /FAP**. v.1, jan./dez. 2006, Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2006.

MERISIO, P.; CAMPOS, V. **Teatro ensino, teoria e prática**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

MOREIRA, A. F. **Currículo na Contemporaneidade: Incertezas e Desafios**, São Paulo: Cortez, 2003.

MURCIA, J. A. M. **Aprendizagem através do Jogo**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

## Estágio Curricular Supervisionado I

**Carga Horária: 100h/a - Período: 5.º**

### Ementa

Atuação do licenciando na escola campo. Plano de Ação em construção.

## Caracterização Cênica: Indumentária e Maquiagem

**Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º**

### Ementa

Maquiagem e da indumentária cênicas: seu desenvolvimento em diferentes épocas e sociedades. Introdução aos fundamentos para a criação de um projeto de caracterização cênica. Desenvolvimento de croquis, portfólios. Técnicas e tecnologias de construção da maquiagem e da indumentária para o espetáculo.

### Objetivos

- Introduzir a discussão a respeito da história da maquiagem e da indumentária cênicas.
- Relacionar maquiagem e a indumentária a outros signos da caracterização de um personagem.
- Estudar a maquiagem e a indumentária como elementos constitutivos da caracterização do ator e da expressão cênica.

- Conhecer diferentes materiais e métodos para maquiagem e indumentária.
- Conceber um projeto de caracterização cênica.

## Referências

### Referências Básicas

MAGALHÃES, M. Caracterização Teatral: uma arte a ser desvendada. In: NERY, M. L. **A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROUBINE, J. J. **A Arte do ator**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

TELLES, N.; FLORENTINO, A. (org.). **Cartografias do Ensino de Teatro**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

### Referências Complementares

CEZIMBRA, M. **Maquiagem Técnicas Básicas**. São Paulo: Ed SENAC, 2005.

CORSON, R. **Stage Makeup**. 6. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall INC. 1981.

COSTA, F. A. da. **O figurino como elemento essencial da narrativa**. Porto Alegre. 2002.

DAVIS, G; HALL, M. **The Makeup Artist Handbook: techniques for film, television, photography and theatre**. Burlington: Focal Press, 2008 .

GHISLERI, J. **Linguagem do vestuário Teatral**. Disponível em:  
<<http://ecoJane.wordpress.com/2010/10/21/linguagem-do-vestuario-teatral/>>

LANGER, A. (org.). **KRYOLAN Makeup Manual**. San Francisco: KRYOLAN, 2003.

LEVENTON, M. **A história ilustrada do vestuário: um estudo da indumentária, do Egito antigo ao final do século XIX, com ilustrações dos mestres Auguste Recinet e Friedrich Hottenroth**. São Paulo: Publifolha, 2009.

MOLINOS, D. **Maquiagem**. São Paulo, Ed SENAC. 2001.

PALLOTTINI, R. **Dramaturgia: construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.

ROMERO, G; THOMPSON, P. **Character Makeup**. Burbank: Makeup Designory, 2008

STANISLAVSKI, C. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

\_\_\_\_\_. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

\_\_\_\_\_. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

## Tecnologias aplicadas ao Ensino de Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º**

### Ementa

Contextualização histórica das novas mídias e tecnologias na produção artística e no sistema das artes. Sua utilização no teatro, evolução história, estética e perspectivas. As novas tecnologias aplicadas à cena, ao corpo e ao espetáculo. O uso das novas tecnologias e mídias na contemporaneidade, como recurso e linguagem na produção artística, aplicadas ao ensino do teatro.

## Objetivos

- Identificar o significado das novas tecnologias em seu percurso histórico, influências estéticas e utilização nas artes em geral e especificamente nas artes cênicas.
- Pesquisar sobre o que está sendo feito e como os recursos tecnológicos vem sendo aplicados em espetáculos e nas artes cênicas em geral, cenários, iluminação, sonorização, corpo, personagens virtuais e novas possibilidades e perspectivas de utilização.
- Conhecer e compreender as diversas manifestações da teatro e das artes cênicas em geral (dança, ópera, performance e circo) mediadas por artefatos tecnológicos digitais.
- Avaliar criticamente as relações entre arte, teatro e as tecnologias contemporâneas.
- Elaborar critérios básicos para o emprego das novas tecnologias como ferramentas de apoio ao espetáculo, à educação mais especificamente no ensino do teatro.

## Referências

### Referências Básicas

- CALLEGARO, T. **Ensino de Arte e os Projetos Colaborativos via Internet**. Tese Doutoral, USP. São Paulo, 1999.
- LEVY, P. O. **Qué é Virtual**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- SPANGHERO, M. **A dança dos encéfalos acesos**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

### Referências Complementares

- GOMEZ, M. V. **Educação em Rede**: Uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2004.
- GORINI, P. O. **A Rede da Dança**: uma cartografia em movimento. Dissertação defendida como requisito parcial para obtenção de título de mestre. Programa de Pós-graduação, Faculdade de Comunicação Social, UERJ. Rio de Janeiro, 2012.
- SANTANA, I. **A Dança na Cultura Digital**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- SANTOS, W. Nuevas Tecnologias: pintura digital, digitalización y manipulación criativa del imagen aplicada en la formación del profesorado de Educación Artística. **Revista Solta Voz**, v. 14, nº.2, Goiânia/Go: UFG/CEPAE, 2003.
- SAMPAIO, N., MARIZA L. **Alfabetização Tecnológica do Professor**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- SANTAELLA, L. **Cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 2000.

## Fundamentos da Direção Teatral

**Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º**

## Ementa

Direção teatral na história do teatro. O diretor no teatro moderno e contemporâneo.

Análise dos ‘paradigmas conceituais’ (concepções/estética do espetáculo) e ‘operacionais’ (procedimentos técnicos) a partir dos pedagogos do teatro (Stanislavski, Meyerhold, Brecht, Artaud, Grotowski, Barba). Função do professor/diretor em diversos contextos sociais (grupos teatrais, escola, comunidade).

### Objetivos

- Identificar o papel do diretor no teatro moderno e contemporâneo.
- Analisar os paradigmas ‘conceituais’ e ‘operacionais’ a partir dos grandes pedagogos do teatro.
- Identificar as contribuições desses paradigmas ‘conceituais e operacionais’ para a prática pedagógica professor/Diretor de teatro nos diversos contextos sociais.

### Referências

#### Referências Básicas

- CARLSON, M. **Teorias do teatro**. São Paulo: Unesp, 1998.
- BARBA, E. **Além das ilhas flutuantes**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A canoa de papel: tratado de antropologia teatral**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A arte secreta do ator**. Campinas/SP: UNICAMP, 1999.

#### Referências Complementares

- BORNHEIM, G. **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: GRAAL, 1992.
- BRECHT, B. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- EWEN, F. **Bertolt Brecht: sua vida, sua arte, seu tempo**. São Paulo: Globo, 1991.
- GUINSBURG, J. **Stanislávski e o teatro de Moscou: do realismo externo ao Tchekhovismo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GROTOWSKI, J. **Para um teatro pobre**. Brasília: Teatro Caleidoscópio & Editora Dulcina, 2011.
- MEYERHOLD, V. **Do teatro**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PEREIRA, J. D. **O instrumental de trabalho do diretor de teatro: paradigmas conceituais e recursos técnicos**. Tese (Doutorado) ECA – Escola de Comunicação em Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo: 1998.
- ROUBINE, J. J. **A linguagem da encenação teatral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à análise do teatro**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- STANISLAVSKI, C. **A preparação do ator**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- \_\_\_\_\_. **A construção da personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- \_\_\_\_\_. **A criação de um papel**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- VIRMAUX, A. **Artaud e o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

### Disciplina: Psicodrama

### Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º

#### Ementa

Fundamentos teórico-epistemológicos e filosóficos do psicodrama. Instrumentos, técnicas, etapas e contextos. Sociodrama. Psicodrama. Psicodrama Pedagógico.

#### Objetivos

- Conhecer a trajetória do Psicodrama na história do Teatro.
- Identificar os fundamentos teórico-epistemológicos do Psicodrama.
- Conhecer possibilidades de intervenção psicodramática na educação.
- Vivenciar técnicas psicodramáticas e compreender seus fundamentos teóricos.
- Exercitar os diferentes papéis em Psicodrama e compreender os fundamentos teóricos deste exercício.

#### Referências

##### Referências Básicas

BUSTOS, D. **Novos Rumos do Psicodrama**. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

ALMEIDA, W. C. de. **Moreno: Encontro Existencial com as Psicoterapias**. São Paulo: Ágora, 1990.

\_\_\_\_\_. **O que é Psicodrama**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1991.

##### Referências Complementares

DURIC, Z. **Psicodrama em HQ: iniciação à teoria e à técnica**. São Paulo: Daimon, 2005.

FONSECA FILHO, J. de S. **Psicodrama da Loucura: Correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia da relação** elementos de psicodrama contemporâneo. São Paulo: Agora, 2000.

GONÇALVES, C. S.; ALMEIDA, W. C.; WOLFF, J. R. **Lições de Psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.

MARINEAU, R. J. L. **Moreno, 1892/1974: Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo**. São. Paulo: Ágora, 1992.

MARTIN, G. J. L. **Moreno: Psicologia do Encontro**. São Paulo: Duas Cidades, 1984.

MENEGAZZO, C. M.; TOMASINI, M. A.; ZURETTI, M. M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Agora, 1985.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. SP: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia de Grupo e Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1974.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos do Psicodrama**. São Paulo: Summus, 1983.

NAFFAH NETO, A. **Psicodrama: Descolonizando o Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

\_\_\_\_\_. **O Inconsciente**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

PERAZZO, S. "Revisão crítica dos conceitos de Tele e Transferência". In: **Anais do VI Congresso Brasileiro de Psicodrama**, Salvador: 1988, p. 225-32.

PUTTINI, E. F.; LIMA, L. M. S. **Ações educativas: vivências com Psicodrama na prática pedagógica.** São Paulo: Agora, 1997.

ROMAÑA, M. A. **Psicodrama Pedagógico: método educacional psicodramático.** São Paulo: Papirus, 1985.

### Disciplina: Estudos Culturais Étnico-raciais

Carga Horária: 60h/a - Período: 6.º

#### Ementa

Relações sociais e étnico-raciais no Brasil: aspectos conceituais, históricos e políticos. Superação do etnocentrismo. Diferentes culturas na sociedade brasileira. Articulação entre o referencial teórico e o desenvolvimento de práticas pedagógicas relativas a uma educação voltada para a consolidação das relações étnico-raciais.

#### Objetivos

- Promover a discussão sobre o papel das culturas africana, indígena e demais culturas não-hegemônicas na formação da sociedade brasileira.
- Compreender a importância de se tratar criticamente estas questões no contexto escolar brasileiro.
- Reconhecer o papel do educador ao propiciar reflexões sobre as relações sociais étnico-raciais mediados pela Arte e a Cultura.

#### Referências

##### Referências Básicas

BRASIL. **Resolução Nº. 1, de 17 de junho de 2004, do CNE/MEC.** Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana.

\_\_\_\_\_. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei federal n.º 10.639/03.** Brasília: Ministério da educação, 2005. (Coleção Educação para todos).

BHABHA, H. K. **O local da cultura.** 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CANDAUI, V. M. F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 45-56, 2008.

##### Referências Complementares

DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil? A questão da identidade.** Rio de Janeiro: Rocco, p. 9- 20, 2001.

**Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais.** Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e identidade nacional.** Brasiliense: São Paulo, 1994.

SILVA, T. T. da S. (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos**

**culturais em educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

### Disciplina: Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro II

Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º

#### Ementa

Princípios que norteiam os procedimentos metodológicos para orientar na pesquisa de campo: (a) Estratégias (Etnografia, História oral, Estudo de caso, (Auto) biografia, Pesquisa-ação, Fenomenologia); (b) Técnicas para produzir dados (técnicas: observação, questionário, observação, grupo focal, dados visuais - desenho, fotografia, imagem e som); (c) Análise e interpretação desses dados (Análise de conteúdos).

#### Objetivos

- Definir o conceito de estratégia (Etnografia, História oral, Estudo de caso, (Auto) biografia, Pesquisa-ação, Fenomenologia) enquanto opção metodológica no projeto de pesquisa em Teatro;
- Identificar as principais técnicas (observação, questionário, dados visuais - desenho, fotografia, imagem e som) adequadas para a coleta de dados na pesquisa de campo;
- Demonstrar os procedimentos necessários para o tratamento da análise e interpretação dos dados obtidos na pesquisa de campo.

#### Referências

##### Referências Básicas

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia. Um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca, 1997.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1995.

##### Referências Complementares

BANKS, M. **Dados visuais: para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som- um manual prático**. RJ, Petrópolis: Vozes, 2008.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BIANCHETTI, L.; MEKSENAS, P. **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas-SP: Papirus, 2008.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e Educação. Figuras do indivíduo-projeto**. Natal-RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ERNY, P. **Etnologia da Educação**. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1982.

- FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Líber Livro, 2005.
- LÉTOURNEAU, J. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- LIMA, J. A.; PACHECO, J. A. **Fazer investigação**. Contributos para a elaboração de dissertações e teses. Portugal: Porto Editora, 2006.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial**: nas ciências humanas e na educação. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MEIHY, J. C. S. B.; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades e famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLD, M. A. G. C. **A entrevistas na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo**. São Paulo: Atlas, 2009.
- VIANNA, H. M. **Pesquisa em Educação**: a observação. Brasília: Liber Livro, 2007.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

## Disciplina: Diálogos com a Escola Campo II

Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º

### Ementa

Estágio Curricular Supervisionado: orientação e acompanhamento. A escola campo de estágio. Orientações Governamentais para o Ensino Médio. Ensino Médio profissionalizante: desafios e perspectivas. A formação pedagógica pela práxis: organização de aulas para o Ensino Médio. A educação escolar por projetos interdisciplinares.

### Objetivos

- Comparar as orientações governamentais para o Ensino Médio com os dados levantados na escola-campo.
- Analisar o Ensino Médio profissionalizante desenvolvido no campo de estágio.
- Desenvolver um projeto interdisciplinar de atividade para a Educação Básica.

### Referências

#### Referências Básicas:

- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do Currículo por projetos de Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- KUENZER, A. (org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6ed. São Paulo: Cortez, 2009.

### Referências Complementares:

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996: Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em: 06/10/2015.

\_\_\_\_\_. **Programa de apoio a laboratórios interdisciplinares de formação de educadores - LIFE**. Edital nº 067/2013. Disponível em: <[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital\\_067\\_2013\\_SICAPES-LIFE.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_067_2013_SICAPES-LIFE.pdf)>. Acesso em: 06/10/2015.

FRIGOTTO; G.; FRANCO, M. A. C.; RAMOS, M. N. (org.). **Ensino Médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

NOGUEIRA, N. R.. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo ao desenvolvimento das múltiplas inteligências**. 3.ed São Paulo: Livros Érica, 2002.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

### Disciplina: LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 6.º**

#### Ementa

Articulação dos componentes curriculares construídos no decorrer do curso, de acordo com interculturalidades e diversidades das comunidades das respectivas “Escolas Polo” – LEAT .

#### Objetivos

- Promover a inserção dos licenciandos do sexto período da sua formação acadêmica no contexto das comunidades das escolas públicas.
- Desenvolver atividades artístico-didático-pedagógicas em teatro, em parceria com a escola Polo LEAT, sob orientação de um (a) docente do Curso de Licenciatura em Teatro e a supervisão de um(a) docente de cada escola Polo.

#### Referências

##### Referências Básicas

COLLET, C.; RUSSO, K.; PALADINO, M. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e história dos povos indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria; Laced, 2014.

FELINTO, R. (org.). **Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula: Saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

FREIRE, J. R. B. “A herança cultural indígena ou cinco ideias equivocadas sobre os índios”.

In: ARAÚJO, A. C. Z. et alli. **Cineastas indígenas, um outro olhar:** guia para professores e alunos. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2010.

LIGIÉRO, Z. **Corpo a corpo:** Estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

ROCHA, R. M. de C. **Pedagogia da Diferença.** A tradição oral africana como subsídio para a prática pedagógica brasileira. Belo Horizonte: Nandyaala, 2009.

TURLE, L. **Teatro do Oprimido e Negritude:** a utilização do teatro fórum na questão racial. Rio de Janeiro: E-papers, 2014

### Referências Complementares

BANIWA, G. **O índio brasileiro:** o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Série Via dos Saberes, n.1. Brasília/Rio de Janeiro: MEC–Secad/Laced, 2006. Disponível em <http://laced.etc.br/site/acervo/textos-on-line/>.

BARTH, F. **Grupos étnicos e suas fronteiras** [1969] 5. ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BARBOSA, G. dos S. (org.); BARROS, A. M.; SANTOS, F. M. dos. **EJA Guarani:** o registro de uma história e perspectiva atuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

BESSA FREIRE, J. R. “A representação da escola em um mito indígena”, **Revista Teias**, n. 3, Rio de Janeiro, 2001, p. 113–20. Disponível em [http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/Aescola\\_no\\_mito\\_indigena\\_Revista\\_Teias.pdf](http://www.taquiprati.com.br/arquivos/pdf/Aescola_no_mito_indigena_Revista_Teias.pdf).

\_\_\_\_\_. “Maino’i e Axi’já: esboço da educação escolar indígena no Rio de Janeiro”. In: **Desafios da Educação Municipal.** Rio de Janeiro: DP &A, 2003.

CANDAU, V. M. F. (coord.). **Somos todos iguais?** Escola, discriminação e educação em direitos humanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

CASOY, R. **Poranduba:** roda de histórias indígenas. Rio de Janeiro: Programa Petrobrás Cultural: Nau, 2009.

CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros:** e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores/as em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais. Livro de Conteúdos. Versão 2009, v.1. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professores/as em Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-raciais. Livro de Conteúdos. Versão 2009, v.2. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

HALL, S.; SOVIK, L. **Da Diáspora:** Identidades e Mediações Culturais. Tradução de Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2013;

\_\_\_\_\_. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP &A, 2011.

MULLER, T. M. P.; COELHO, W. de N. B. (org.). **Relações Étnico-Raciais e Diversidade.** Niterói: UFF, 2014.

OLIVEIRA, E. **Cosmovisão Africana no Brasil:** Elementos da Filosofia afrodescendente. Fortaleza: LCR, 2003.

OLIVEIRA, J. P. de.; FREIRE, C. A. da R. **A presença indígena na formação do Brasil.** Brasília/DF: MEC-SECAD/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2006.

PAVIS, P. A abordagem antropológica e a Análise Intercultural. In: **A Análise dos Espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

\_\_\_\_\_. **O Teatro no cruzamento de culturas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

**Revista O Percevejo**: Estudos da Performance. Rio de Janeiro: Departamento de Teoria do Teatro, Programa de Pós-Graduação em Teatro, Unirio, Ano 11, nº.12, 2003.

SABINO, J.; LOUDY, R. **Danças de Matriz Africana**: antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SACRAMENTO, M.; MONTEIRO, E. (Org.). **Fichário O Jongo na Escola**. Niterói, RJ: UFF, PROEX, FEC, Pontão de Cultura do Jongo/Caxambu, 2009.

SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. (org). **Epistemologias do Sul**. SP: Cortez, 2010.

TAVARES, J. C. de. Diáspora africana: a experiência negra na interculturalidade. In: **Cadernos Penesb**, Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, FEUFF, nº. 10, Rio de Janeiro/ Niterói, 2010.

\_\_\_\_\_. Ritmos Gestos e expressões somáticas. Elementos para uma análise estética da Diáspora Africana. In: **Anais do I Encontro de Estética Negra**, 28 a 30 de dezembro de 2009. Rio de Janeiro.

TEIXEIRA, J. G. L. C; VIANNA, L. C. R. C. Patrimônio imaterial, performance e identidade. In: **Anais do IV ENECULT** - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-BA. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14437-02.pdf> . Acesso em: 15/01/2013.

TERENA, M. **Educação Indígena**. Em aberto, Brasília, ano3, n.21, abr./jun. 1984.

VIVEIROS DE CASTRO, Eo. **A inconstância da alma selvagem**: e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

### Disciplina: Estágio Curricular Supervisionado II

Carga Horária: 100h/a - Período: 6.º

#### Ementa

Atuação do licenciando na escola campo. Plano de Ação em construção.

### Disciplina: Encenação Teatral

Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º

#### Ementa

O encenador e o seu papel na construção da unidade estética do espetáculo. Os elementos da encenação: ator e movimento, figurino, cenário, iluminação, maquiagem e sonoplastia. Construção de projetos de encenação e montagem teatral orientada. Apresentação de propostas de cenas a serem dirigidas pelos alunos.

#### Objetivos

- Selecionar e experienciar propostas cênicas.
- Compreender, aprofundar e ampliar as possibilidades estéticas.
- Compreender, aprofundar e ampliar as possibilidades de direção e interpretação.

- Construir um projeto de encenação.
- Apresentar uma encenação teatral.

## Referências

### Referências Básicas

- KOUDELA, I. D. **Brecht: um jogo de aprendizagem**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- ROUBINE, J.J. **A Linguagem da Encenação Teatral**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

### Referências Complementares

- AMARAL, M. **Direção teatral**. Cartilhas de teatro. Porto Alegre. Unidade Editorial. PMPA, 1998.
- ASLAN, O. **O Ator no Século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BLANCHARD, P. **Historia de la dirección teatral**. Buenos Aires: Compañia General Fabril Editora, 1960.
- BROOK, P. **O ponto de mudança: quarenta anos de experiências teatrais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Fios do tempo: memórias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CABRAL, B. A. V. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- DE MARINIS, M. **Comprender el teatro: lineamientos de una nueva teatralogia**. Buenos Aires: Galerna, 1997.
- FO, D. **Manual Mínimo do Ator**. São Paulo. Ed. SENAC, 1998.
- GARCIA, S. **Teoria e prática do teatro**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- GROTOWSKI, J. & FLASZEN, L. **O Teatro Laboratório de Jerzy Gotowski 1959-1969**. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 2007.
- HADERCHPEK, R. C. **A poética da direção teatral: O diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos**. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- HORMIGON, J. A. **Meyerhold: textos teóricos**. **Madrid: Asociacion de directores de escena de españa**, 1992.
- JACOBBI, R. **O espectador apaixonado**. Porto Alegre: UFRGS, 1962.
- JOUVET, L. **Reflexiones del actor**. Buenos Aires: Editorial Psique, 1954.
- MARTINS, M. B. **Encenação em jogo**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- PALLOTINI, R. **Construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- RYNGAERT, J. P. **Ler o teatro contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, M. T. L. **O encenador como pedagogo**. São Paulo, 2002. Tese de Doutorado, USP.
- SILVA, A. S. da. **Oficina: do teatro ao te-ato**. São Paulo: perspectiva, 1981.
- STANISLAVSKI, C. **Minha Vida na Arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- \_\_\_\_\_. **A construção do personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- UBERSFELD, A. **Para ler o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VILAR, J. **De la tradición teatral**. Buenos Aires: Ediciones Leviatan, 1956.
- WEKWERTH, M. **Diálogo sobre a encenação: um manual de direção teatral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

## Introdução à Semiologia: análise e crítica teatral

**Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º**

### Ementa

Análise de espetáculos e textos teatrais. O referente e o signo no teatro. A correlação dos signos teatrais na construção dos sentidos cênicos.. Contribuições teóricas de diferentes escolas: semiologia, semiótica e semântica. Elementos de crítica teatral. Funções da crítica e da pesquisa no teatro na atualidade. Crítica, resenha crítica e os meios de comunicação.

### Objetivos

- Fomentar o pensamento crítico sobre a prática teatral e seu contexto sócio-histórico.
- Analisar espetáculos teatrais e compreender os seus signos.
- Exercitar a escrita de críticas teatrais.

### Referências

#### Referências Básicas

COELHO NETTO, J. T.; GUINSBURG, J.; CARDOSO, R. C. **Semiologia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

PAVIS, P. **A análise dos espetáculos**. SP. Perspectiva: 2003.

#### Referências Complementares

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

BERTRAND, D. **Caminhos da Semiótica Literária**; Tradução Grupo CASA. 1. ed. Bauru, SP: Edusc, 2003.

GARCIA, M. C. **Reflexões sobre a crítica teatral nos jornais**. São Paulo: Mackenzie, 2004.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1983.

ROUBINE, J.J. **Introdução às grandes teorias do teatro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

## Disciplina: Libras

**Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º**

### Ementa

A disciplina LIBRAS apresenta a Língua de Sinais como primeira língua da pessoa surda, tendo esta, estrutura gramatical própria que independe da língua portuguesa; parâmetros da língua de sinais (Características básicas de fonologia), noções básicas de léxico, morfologia e síntese com apoio de recursos áudio visual, aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez, sistemas de transcrição para LIBRAS, Lei

10.436 e prática de LIBRAS desenvolvendo a expressão visual-espacial.

### Objetivos

- Proporcionar conhecimento da cultura, da identidade do surdo e dos aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.
- Desenvolver a linguagem corporal e expressiva dos profissionais da educação que atuarão de uma forma direta no processo ensino aprendizagem e no desenvolvimento do surdo e/ou do deficiente auditivo.
- Ampliar a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS no cotidiano para a inclusão social da pessoa surda ou com deficiência auditiva.
- Desenvolver habilidades técnicas dos discentes que atuam ou atuarão com alunos surdos.
- Auxiliar na formação de professores que atenderão a essa clientela.
- Divulgar a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, pois é um direito linguístico e reconhecido por lei.
- Nortear sobre a inclusão de pessoas surdas no ensino regular, refletindo sobre a aceitação do aluno não como “deficiente”, mas diferente, por meio de quebra de paradigmas.
- Trabalhar as terminologias da área dentro da Língua de Sinais.

### Referências

#### Referências Básicas

BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na educação de surdos**. 2002.

FELIPE, T. **LIBRAS em contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: MEC/SEESP, 2009

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos I. Porto Alegre: Artmed, 2004.

#### Referências Complementares

BRASIL, MEC/ Secretaria de Educação Especial. **Deficiência Auditiva** organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: SEESP, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

BRITO, L. F. (org.). **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEEP, 1997.

DAMÁZIO, M. F. M. (org.). **Atendimento Educacional Especializado**. Pessoa com surdez. Brasília: SEESP / SEED / MEC, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

### Disciplina: Canto Coral

Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º

#### Ementa

Aprimoramento do estudo da técnica vocal aplicada a repertórios variados. A prática da música vocal em conjunto. Desempenho vocal: respiração, afinação, qualidade sonora e expressividade. Estudo de repertório coral à cappella e/ou com acompanhamento instrumental.

#### Objetivos

- Desenvolvimento de uma técnica vocal básica para canto, através do treino de exercícios específicos para a prática em conjunto.
- Desenvolver experiência prática e competências para interpretar um repertório variado para grupos corais, cobrindo estilos de época e gêneros musicais diferentes.

#### Referências

##### Referências Básicas

COELHO, H. **Técnica vocal para coros**. Novo Hamburgo: Sinodal, 2001.

LEITE, M. **Método de Canto Popular Brasileiro para Vozes Médio-Agudas**. Rio de Janeiro: Lumiar, 2001.

OITICICA, V. **O bê-a-bá da técnica vocal**. Brasília: Musimed, 1992.

##### Referências Complementares

BARRETO, C. de B. **Canto coral**: organização e técnica de coro. Petrópolis: Vozes, 1973.

COELHO, H. **Técnica vocal para coros**. 3. ed. Novo Hamburgo: Sinodal, 1997.

DINVILLE, C. **A Técnica da Voz Cantada**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1993.

RIO DE JANEIRO/PREFEITURA (2000). **Música na escola**: O uso da voz. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação/ Conservatório Brasileiro de Música (Série Didática).

SOBREIRA, S. (2003). **Desafinação vocal**. Rio de Janeiro: Musimed.

### Disciplina: Introdução à Investigação na Pedagogia do Teatro III

Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º

#### Ementa

Estudos no campo da Pedagogia do Teatro/Teatro-Educação a partir das reflexões acerca de seus objetivos e finalidades. Abordagens metodológicas (Jogo Dramático, Drama, Jogos Teatrais, Peças Didáticas, Teatro do Oprimido) para o ensino de teatro nos diversos contextos sociais. Formação de professores de teatro: artista- docente - investigador. Experimentações e processo de criação numa dimensão artístico- estético-pedagógica em Teatro.

## Objetivos

- Analisar os estudos no campo da Pedagogia do Teatro/Teatro-Educação no contexto brasileiro
- Identificar as principais abordagens metodológicas para o ensino do teatro em diversos contextos sociais (grupos de teatro, escola, comunidade)
- Avaliar as contribuições dos estudos realizadas para a formação do professor de teatro no Brasil
- Ilustrar os processos e experimentações com o teatro nas práticas educativas sociais

## Referências

### Referências Básicas

- BARBA, E.; SAVARESE. **A arte secreta do ator- dicionário de antropologia teatral**. Campinas-SP: Editora HUCITEC e EDITORA DA UNICAMP, 1995.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ARTE**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

### Referências Complementares

- COELHO, T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras Ltda, 1997.
- COLI, J. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- CÔRTEZ, M. C. Gomes. **As representações sociais de professores sobre teatro no contexto escolar**. 2007. Dissertação. (Mestrado em Educação) Centro Universitário Moura Lacerda - CUML, Ribeirão Preto, São Paulo.
- COSTA FILHO, J. **Teatro contemporâneo no Brasil: criações partilhadas e presença diferida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- COURTNEY, R. **Jogo teatro e educação: as bases intelectuais do teatro na educação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006 (Pedagogia do Teatro).
- FERNANDES, S. **Teatralidades contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GOMES, A. L. **Leio Teatro. Dramaturgia brasileira contemporânea, leitura e publicação**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- KOUDELA, INGRID. D.; JÚNIOR, JOSÉ SIMÃO. **Léxico de pedagogia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Texto e Jogo**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Um voo Brechtiano: teoria e prática da peça didática**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001.

- \_\_\_\_\_. **Brecht: um jogo de aprendizagem.** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- \_\_\_\_\_. A nova proposta de ensino do Teatro. Sala Preta. **Revista de artes cênicas – ECA-USP**, São Paulo, n. 2, p. 233-9, 2002.
- MARTINS, M. B. **Encenação em jogo. Experimento de aprendizagem e criação do teatro.** São Paulo: Editora HUCITEC, 2004.
- \_\_\_\_\_. O mestre-encenador e o ator como dramaturgo. Sala Preta. **Revista de Artes Cênicas – ECA-USP**, n. 2, p. 265-9, 2002.
- MARTINS, F. N. M. **Teatro-Educação no Brasil: uma contribuição historiográfica.** 2004. Dissertação. (Mestrado em Educação) FE – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos.** São Paulo: Cortez, 2008.
- PAVIS, P. **Dicionário de teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PRADO, A. L. (org.). **A teatralidade do humano.** São Paulo: Edições SESC SP, 2011.
- PUPO, M. L. S. O pós-dramático e a Pedagogia Teatral. IN: GUINSBURG, J.; FERNANDES, S. (org.). **O Pós-Dramático: um conceito operativo?** São Paulo: Perspectiva, 2008.
- RYNGAERT, J. P. **Jogar, representar. Práticas dramáticas e formação.** São Paulo: cosac Naify, 2009.
- SANTANA, A. P. **Teatro e Formação de professores.** São Luís: EDUFMA, 2000.
- SPOLIN, V. **Improvisação para o Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Jogos Teatrais na sala de aula: um manual para o professor.** Tradução de Ingrid D. Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O Jogo Teatral no livro do diretor.** Tradução de Ingrid D. Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- STANISLAVSKI, CONSTANTIN. **A preparação do Ator** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- \_\_\_\_\_. **A Construção da personagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- \_\_\_\_\_. **A Criação do papel.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- TAVARES, R. **Entre coxias e recreios:** recortes da produção carioca sobre o ensino de teatro. São Caetano do Sul, SP: Yendis a, 2006.
- TELLES, N. **Pedagogia do Teatro e o teatro de rua.** Porto Alegre: Mediação, 2008.
- ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

### Disciplina: Diálogos com a Escola Campo III

Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º

#### Ementa

Estágio Curricular Supervisionado: orientação e acompanhamento. Projeto Interdisciplinar de Atividade. Avaliação da aprendizagem. Ensino Médio Inclusivo.

#### Objetivos

- Analisar as concepções e os instrumentos avaliativos utilizados no campo de estágio.
- Refletir sobre os desafios e as perspectivas da inclusão escolar.
- Aplicar um projeto interdisciplinar de atividade na Educação Básica.

## Referências

### Referências Básicas:

ESTEBAN, M. T.; AFONSO, A. J. (org.). **Olhares e interfaces**: reflexões críticas sobre avaliação. São Paulo: Cortez, 2010.

FAZENDA, I. C. A. (org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1993

ROMÃO: J. E.. **Avaliação Dialógica**: desafios e perspectivas. 4.ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2002.

### Referências Complementares:

BRASIL. **Programa de apoio a laboratórios interdisciplinares de formação de educadores** LIFE. Edital nº 067/2013. Disponível em: <[https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital\\_067\\_2013\\_SICAPE\\_S-LIFE.pdf](https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/Edital_067_2013_SICAPE_S-LIFE.pdf)>. Acesso em: 06/10/2015.

COSTA, A. C. G. da. **Educação por projetos**: um pequeno guia para o educador. Lagoa Santa, MG: Programa Cuidar, 2001.

ESTEBAN, M. T. (org.). **Avaliação**: uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KUENZER, A. (org.). **Ensino Médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7ed. São Paulo, SP: Cortez, 2012.

**Disciplina: LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro**

**Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º**

### Ementa

Articulação dos componentes curriculares construídos no decorrer do curso, tendo como base as potencialidades das pessoas com deficiência nas comunidades das respectivas “Escolas Polo” – LEAT .

### Objetivos

- Promover a inserção dos licenciandos do sétimo período da sua formação acadêmica no contexto das comunidades das escolas públicas.
- Desenvolver atividades artístico-didático-pedagógicas em teatro, em parceria com a escola Polo LEAT, sob orientação de um(a) docente do Curso de Licenciatura em Teatro e a supervisão de um(a) docente de cada escola Polo.

### Referências

#### Referências Básicas

BRASIL, MEC/ Secretaria de Educação Especial. **Deficiência Auditiva** organizado por Giuseppe Rinaldi et al. Brasília: SEESP, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001.

MATOS, L. **Dança e Diferença**: cartografia de múltiplos corpos. Salvador: EDUFBA, 2012.

#### Referências Complementares

BOTELHO, P. **Linguagem e Letramento na educação de surdos**. 2002.

BRITO, Lucinda Ferreira (org.). **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEEP, 1997.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo (org.). **Atendimento Educacional Especializado. Pessoa com surdez**. Brasília: SEESP / SEED / MEC, 2007.

FELIPE, Tânia. **LIBRAS em contexto**: curso básico, livro do professor instrutor. Ed. Brasília: MEC/SEESP, 2009

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos I. Porto Alegre: Artmed, 2004.

### Disciplina: TCC I - Projeto de Pesquisa em Teatro

Carga Horária: 40h/a - Período: 7.º

### Ementa

A investigação cênica, suas possibilidades metodológicas e a elaboração do projeto de pesquisa.

### Objetivos

- Permitir que os discentes tenham acesso às diversas possibilidades de pesquisa em teatro (artes cênicas).
- Possibilitar aos licenciandos o debate acerca de metodologias e a construção de um projeto de pesquisa a partir de uma temática.

### Referências

#### Referências Básicas

BOOTH, Waine C. et. al **A Arte da Pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

### Referências Complementares

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LÈTOURNEAU, J. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

### Disciplina: Estágio Curricular Supervisionado III

Carga Horária: 100h/a - Período: 7.º

#### Ementa

Atuação do licenciando na escola campo. Plano de Ação em construção.

### Disciplina: Montagem Teatral

Carga Horária: 60h/a - Período: 8.º

#### Ementa

Construção de projetos de montagem de espetáculo cênico e encenação orientada. Realização de um projeto de montagem cênica. Atividades práticas de montagem: escolha de texto, estrutura dramática da cena. Elementos da encenação - ator e movimento, ensaios. Confeção da indumentária e do cenário. Elaboração do mapa de luz e de palco. Escolha da maquiagem e croquis. Seleção do tipo de música ou ritmos a serem adotados. Apresentação de cenas dirigidas pelos alunos.

#### Objetivos

Aplicar as teorias e práticas aprendidas durante o curso e as propostas de encenação desenvolvidas no período anterior, aplicando-as no processo de ensaios, montagem e apresentação de um espetáculo.

- Oferecer ao aluno a vivência de participar e executar uma montagem teatral para ser aplicada no ensino.
- Compreender, aprofundar e ampliar as possibilidades estéticas.
- Compreender, aprofundar e ampliar as possibilidades de direção e interpretação.

- Desenvolver o processo de avaliação e análise ao longo do processo.
- Construir um projeto de montagem cênica e apresentá-la aos colegas e professores do curso, demonstrando seus processos.
- Analisar e avaliar o processo e a apresentação final.

## Referências

### Referências Básicas

- CAMARGO, R.G. **Palco & Plateia**: Um Estudo sobre a Proxêmica Teatral. Sorocaba: TCM Comunicação, 2003.
- FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. São Paulo. Ed. SENAC, 1998.
- PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

### Referências Complementares

- AMARAL, Miriam. Direção teatral. **Cartilhas de Teatro**. Porto Alegre. Unidade Editorial. PMPA, 1998.
- ASLAN, Odette. **O Ator no Século XX**. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- BROOK, Peter. **O ponto de mudança**: quarenta anos de experiências teatrais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Fios do tempo**: memórias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- BURNIER, Luis Otavio. **A Arte de Ator da Técnica a Representação**. Ed Unicamp, 2001.
- CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Drama como método de ensino**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- CARVALHO, T. **Charles Moeller e Cláudio Botelho**: Os Reis dos Musicais. São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- COELHO, B. **Contar histórias**: uma Arte sem idades. São Paulo: Ática, 1999.
- COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Work in progress na cena contemporânea**. São Paulo. Perspectiva, 1998.
- FERRACINI, Renato. **A Arte de Não Interpretar como Poesia Corpórea do Ator**. Ed.
- GARCIA, Santiago. **Teoria e prática do teatro**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- GROTOWSKI, J. & FLASZEN, L. **O Teatro Laboratório de Jerzy Gotowski 1959-1969**. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 2007.
- HADERCHPEK, Robson Carlos. **A poética da direção teatral**: O diretor-pedagogo e a arte de conduzir processos. Campinas, SP: [s.n.], 2009. Tese de Doutorado, UNICAMP.
- HORMIGON, Juan Antonio. **Meyerhold**: textos teóricos. Madrid: Asociacion de directores de escena de españa. 1992.
- IOSHI, O. **O Ator invisível**. São Paulo: Via Lettera, 2007.
- JACOBBI, Ruggero. **O espectador apaixonado**. Porto Alegre: UFRGS, 1962.
- KOUDELA, Ingrid Dormien. **Brecht**: um jogo de aprendizagem. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- MARTINS, Marcos Bulhões. **Encenação em jogo**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- PALLOTINI, Renata. **Construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.
- PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. Ed. Perspectiva. 1999.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Ler o teatro contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, Maria Thaís Lima. **O encenador como pedagogo**. São Paulo, 2002. Tese de Doutorado, USP.

- SILVA, Armando Sérgio da. **Oficina**: do teatro ao te-ato. São Paulo: perspectiva, 1981.
- STANISLAVSKI, Constantin. **A construção do personagem**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Minha Vida na Arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Manual do ator**. Ed. Martins Fontes, 2001.
- UBERSFELD, Anne. **Para ler o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro**. Ed. L&PM, 1987.
- WEKWERTH, Manfred. **Diálogo sobre a encenação**: um manual de direção teatral. São Paulo: Hucitec, 1997.

### Disciplina: Produção e Gestão Cultural

Carga Horária: 60h/a - Período: 8.º

#### Ementa

Análise das políticas públicas em Artes utilizadas em diversas regiões e cidades brasileiras. Identificação dos tipos de relação com empresas. Estudo da Lei de Direitos autorais. Reconhecimento das ferramentas necessárias para montagem de um espetáculo teatral em cada etapa da produção: elaboração do projeto, pré-produção, produção e pós-produção.

#### Objetivos

- Analisar as políticas públicas para as artes no Brasil, nos âmbitos Federais, Estaduais e Municipais.
- Compreender a relação empresas x artistas.
- Estudar a Lei de Direitos autorais e a indicação de ferramentas necessárias para montagem de um espetáculo teatral, abrangendo cada etapa da produção: desde a elaboração do projeto, a pré-produção, a produção e a pós-produção.
- Elaborar projetos de montagem de espetáculo teatral conforme edital público.

#### Referências

##### Referências Básicas

- ALLEN, Johnny et al. **Organização e gestão de eventos**. Tradução de Marise Philbois Toledo. Rio De Janeiro: Elsevier, 2003.
- AVELAR, Rômulo. **O Avesso da Cena**: notas sobre produção e gestão cultural. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2008.
- CUNHA, Maria Helena. **Gestão Cultural**: profissão em Formação. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2007.

##### Referências Complementares

- GEERTZ, Clifford. **A Arte como um Sistema Cultural** in: O Saber local. Novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOBO, Carla. **Diário de produção: relatos, dicas, experiências e casos de quem aprendeu a produção cultural na prática.** Belo Horizonte: Ed. da autora, 2009.

MALAGODI, Maria Eugênia; CESNIK, Fábio de Sá. **Projetos culturais:** elaboração, administração, aspectos legais, busca de patrocínio. São Paulo: Escrituras, 1999.

MARTINS, M. C.; SCHULTZE, A.M.; EGAS, O. (org.) **Mediando [Con]tatos com a Arte e Cultura.** São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. v.1, n.º.1, nov. 2007  
ISSN 1982-1727

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos da cultura.** Rio de Janeiro: Instituto Sangari, Editora RBB, 2008.

NATALE, Edson; OLIVIERI, Cristiane (Org.). **Guia Brasileiro de produção cultural.** São Paulo: Edições SESCSP, 2010/2011.

YEOMAN, Ian et al. **Gestão de festivais e eventos:** uma perspectiva internacional de artes e cultura. São Paulo: Roca, 2006.

YÚDICE, George. **A Conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004

### Disciplina: Fotografia, Cinema e Audiovisual

Carga Horária: 40h/a - Período: 8.º

#### Ementa

Estudos teóricos e práticos voltados a oferecer um conjunto de atividades que contemplam de forma simplificada o processo de produção cinematográfica. História do cinema, técnica, linguagem e estética cinematográfica, roteiro, produção, montagem. Exercícios práticos de fotografia e filmagem.

#### Objetivos

- Oferecer formação complementar e aperfeiçoamento no campo do audiovisual aos profissionais de teatro, possibilitando experimentar teorias e práticas que permitam a compreensão dos processos de produção específicos do cinema e suas respectivas ligações com as demais linguagens artísticas, principalmente a cênico-teatral.
- Ampliar o diálogo entre as linguagens artísticas: a teatral e o audiovisual, envolvendo as especificidades próprias, semelhanças e diferenças de cada linguagem.
- Entender de forma simplificada os processos, a concepção e a execução prática de uma obra audiovisual.
- Conhecer, pesquisa e experienciar possibilidades de registro e novas experiências artísticas usando como instrumento a fotografia e o audiovisual.
- Pesquisar novas propostas e experimentar os recursos do audiovisual aplicados à

cena teatral.

- Experimentar exercícios práticos de fotografia e filmagem.

## Referências

### Referências Básicas

- AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. São Paulo: Papyrus, 1995.  
BELLONI, Maria Luíza. **O que é Mídia Educação**. São Paulo: Autores Associados, 2001.  
XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**. São Paulo: Cosac & Naify / Cinemateca Brasileira, 2003.

### Referências Complementares

- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1993  
\_\_\_\_\_. **As teorias dos cineastas**. Campinas, SP: Papyrus. 2004.  
COMPARATO, Doc. **Roteiro. Arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.  
DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo: cinema**. 2. Brasiliense, 2005.  
FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**. Trad. Alvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.  
MACHADO \_\_\_\_\_. **Pre-cinemas & pós-cinemas**. Campinas: Papyrus, 2007.  
MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. São Paulo: Jorge Zahar, 2007.  
MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.  
MOSCARIELO, Angelo. **Como ver um filme**. Lisboa: Editorial Presença. 1985.  
NAPOLITAND, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.  
REY, M. **O roteirista profissional: TV e cinema**. São Paulo: Ática, 1989.  
SANTAELLA, Lucia. **Cultura das mídias**. Experimento, 2000.

## Disciplina: Diálogos Com a Escola Campo IV

Carga Horária: 40h/a - Período: 8.º

### Ementa

Estágio Curricular Supervisionado: refletindo sobre a prática docente. A escola e a cibercultura. A Educação a Distância. A importância formação continuada.

### Objetivos

- Analisar as contribuições do Estágio Curricular Supervisionado na formação docente.
- Refletir sobre as novas formas de ensinar e aprender impulsionadas pela cibercultura.
- Compreender a importância da formação continuada para o desenvolvimento da prática profissional.

### Referências

#### Referências Básicas:

- MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 13.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.  
OLIVEIRA, E. G. **Educação a distância na transição pragmática**. 3.ed. Campinas, SP:

Papirus, 2003.

VEIGA, I. P. A. (Org.). **Lições de didática**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

#### **Referências Complementares:**

ASSMANN, H. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2.pdf> - Acesso: 28/06/2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. Coleção: A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2009.

GARDNER, H. **O verdadeiro, o belo e o bom redefinidos: novas diretrizes para a educação no século XXI**. Trad. Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2012

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIBÂNEO, J.C **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5ed. Goiânia: MF Livros, 2008.

### **Disciplina: LEAT – Laboratório de Ensino e Aprendizagem de Teatro**

**Carga Horária: 40h/a - Período: 8.º**

#### **Ementa**

Articulação dos componentes curriculares construídos no decorrer do curso, com abordagem nas relações de gênero e sexualidades nas respectivas “Escolas Polo” – LEAT.

#### **Objetivos**

- Promover a inserção dos licenciandos do oitavo período da sua formação acadêmica no contexto das comunidades das escolas públicas.
- Desenvolver atividades artístico-didático-pedagógicas em teatro, em parceria com a escola Polo LEAT, sob orientação de um(a) docente do Curso de Licenciatura em Teatro e a supervisão de um(a) docente de cada escola Polo.

#### **Referências**

##### **Referências Básicas**

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e**

**sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

### Referências Complementares

BHABHA, H. K. O local da cultura. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CANAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, p. 45-56, 2008.

DAMATTA, Roberto. “O que faz o Brasil, Brasil? A questão da identidade”. Rio de Janeiro: Rocco, p. 9- 20, 2001.

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Volume 01, Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Volume 02, Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e identidade nacional. Brasiliense: São Paulo, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu Da Silva (org). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

## Disciplina: TCC II – Projeto de Pesquisa em Teatro

**Carga Horária: 40h/a - Período: 8.º**

### Ementa

A partir da área de conhecimento em teatro (artes da cena), desenvolver um estudo que abarque reflexões e problematizações referentes ao teatro nos diversos contextos educacionais.

### Objetivos

- Desenvolver processo de pesquisa em alguma temática relacionada ao teatro (artes da cena) a partir do projeto de pesquisa elaborado no TCC I – Projeto de Pesquisa em Teatro.
- Escrever e apresentar publicamente o trabalho de conclusão de curso: artigo, memorial descritivo ou monografia.
- Organizar, planejar e demonstrar publicamente, por meio de demonstração técnica; experimento cênico; processos de criação-investigação ou outros a serem definidos.

### Referências

#### Referências Básicas

BOOTH, Waine C. et. al **A Arte da Pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte. Um paralelo entre arte e ciência**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

### Referências Complementares

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ESTEBAN, M. P. S. Pesquisa **Qualitativa em educação**. Fundamentos e Tradição. Porto Alegre: AMHG, 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processo de criação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

### Disciplina: Estágio Curricular Supervisionado IV

Carga Horária: 100h/a - Período: 8.º

### Ementa

Atuação do licenciando na escola campo. Plano de Ação em construção.

## 2.6.2 Prática Profissional

O Curso de Licenciatura em Teatro, em conformidade com as Resoluções CNE/CP números 09/2001, 01/2002, 02/2002, a Lei N.º 11.788/2008 e com vistas a operacionalizar a formação de um profissional que conjugue o seu saber ao saber-fazer e este último a uma permanente reflexão, estabelece que a **dimensão da prática profissional** permeie toda a formação do professor. Dessa forma, desde o primeiro período do curso, todos os componentes curriculares contemplarão a dimensão prática e não apenas as disciplinas pedagógicas, possibilitando o desenvolvimento da autonomia do licenciando a partir de uma perspectiva da transposição didática e da interdisciplinaridade.

Ao perpassar todo o curso, a **Prática como Componente Curricular** – disciplinada com a carga horária mínima de 400 (quatrocentas) horas pela Resolução CNE/CP 02/2002 – implicará no diálogo entre os componentes curriculares e na escolha do tratamento dado aos conteúdos da área de conhecimento específico do curso. Os conteúdos da área de conhecimento específica do professor de Teatro mais do que objeto de conhecimento, tornar-se-ão objeto de ensino, a ser trabalhado com metodologia, didática e ambiente de aprendizagem próprios, de tal modo que, além do aprendizado sobre eles, sejam também alvo de reflexão sobre como se aprende e como se ensina tais conteúdos. O desenvolvimento das competências necessárias ao professor de Teatro acontecerá do início ao fim do curso, apoiado na indispensável correlação entre teoria e prática, na busca de situações próprias do professor no ambiente escolar e na construção de propostas criativas e inovadoras de intervenção pedagógica.

Do primeiro ao quarto período do Curso, a prática como componente curricular estará diluída no interior de todas as disciplinas que constituem o currículo de formação do professor de Teatro e não apenas nas disciplinas pedagógicas, dando conta da dimensão prática inerente a esta formação. No 1.º período, Improvisação Teatral (60h) e Poética do Corpo I (60h); no 2.º, Atuação Teatral I (60h), Poética do Corpo II (60h) e Plástica e Teatro de Formas Animadas (40h); no 3.º, Atuação Teatral II (60h) e Poética da Voz (40h); no 4.º, Atuação Teatral II (60h) e Poética da Voz em Cena (40h).

Do quinto ao oitavo período, a prática como componente curricular se caracteriza como espaço de atuação coletiva e integrada dos formadores e tem como finalidade a

articulação das áreas de conhecimento trabalhadas, numa perspectiva interdisciplinar, com ênfase nos procedimentos de observação e reflexão, utilizando-se de situações contextualizadas, resolução de situações-problemas pertinentes ao contexto profissional em que irão atuar, num exercício integrado com o Estágio Curricular Supervisionado.

A partir da segunda metade do Curso – 5.º período – e nos três períodos subsequentes serão desenvolvidas as atividades de **Estágio Curricular Supervisionado**, com duração mínima de 400 (quatrocentas) horas. Será realizado em escolas da rede pública e/ou privada de ensino que ofereçam Ensino de nível Médio e dos anos finais do Ensino Fundamental.

As atividades do Estágio Curricular Supervisionado tem como objetivo o diálogo do estagiário com o campo de atuação docente, assim como possibilitar a elaboração e desenvolvimento de projetos educativos coletivos inovadores que possibilitem o aprimoramento da qualidade social e cognitiva do processo de ensino e de aprendizagem. As atividades estarão disciplinadas no Plano de Ação do Estágio Curricular Supervisionado, discutido e aprovado pelo Colegiado do Curso.

Com duração mínima de 200 (duzentas) horas e de caráter obrigatório para a integralização do curso, o licenciando deverá realizar **Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC)** com o fim de aprimorar e diversificar seu processo formativo. Seminários, Congressos, apresentações de trabalhos acadêmicos, participação em eventos acadêmico-científicos, projetos de ensino, projetos de pesquisas, atividades de extensão, monitoria, são algumas das atividades que podem ser consideradas para esse fim, reconhecidas pelo Colegiado do Curso como relevantes para que se adquiram as competências e as habilidades necessárias para o perfil profissional proposto neste projeto.

No caso da Licenciatura em Teatro, espera-se que o licenciado priorize as atividades teatrais e cênicas frequentando espetáculos teatrais, circenses, de dança e *workshops*, bem como festivais e congressos/seminários dirigidos à formação dessa área do conhecimento.

A Prática Profissional dos Cursos de Licenciatura do IF Fluminense *campus* Campos Centro está normatizada no documento “Regulamento da Prática Profissional”, disponível em: <<http://licenciaturas.centro.iff.edu.br/documentos/regulamentacao-da-pratica-profissional/view>>. Ficou estabelecido neste Regulamento que cabe ao **Núcleo de Apoio à Prática Profissional das Licenciaturas** encaminhar e fazer o acompanhamento do estagiário na Escola-campo, assim como efetivar o registro das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais

e do Estágio Curricular Supervisionado.

### 2.6.3 Avaliação da aprendizagem

A avaliação do processo educativo apresenta-se como diagnóstico do desempenho do educando, na perspectiva de sistematizar novas oportunidades de autoconstrução social de saberes, habilidades e competências. Na avaliação da aprendizagem escolar dos alunos, deve ser priorizada sua função diagnóstica, sempre na expectativa de inclusão do aluno na direção de obter, cada vez mais, melhores resultados no processo de construção de seu aprender, entendido enquanto ato que o sujeito exerce sobre si mesmo. Nesta perspectiva, o aluno é avaliado de forma contínua e permanente durante o processo de sua aprendizagem.

A avaliação de aproveitamento de cada componente curricular tem como parâmetros: as competências e habilidades desenvolvidas de forma satisfatória e/ou que ainda não foram desenvolvidas, possibilitando a sua reelaboração.

Na operacionalização do processo avaliativo, devem ser adotados diferentes procedimentos, visando à participação de todos os elementos inscritos no processo, bem como seu envolvimento numa discussão conjunta e crítica dos resultados.

Sem desconsiderar a natureza do curso, o registro em pontos obtidos da aprendizagem escolar e o registro da frequência das atividades curriculares de cada aluno acontecem, pelos menos, em dois momentos em cada módulo, a saber: (a) um no decorrer do semestre letivo (P1); (b) o outro, ao término dos trabalhos do período (P2).

A avaliação discente no *campus* Campos-Centro está em consonância com a concepção do curso; da Regulamentação Didático-Pedagógica - Seção IX - Da avaliação.

### 2.6.4 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

A construção de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) traz a necessidade da reflexão, por mais breve que seja, acerca do significado de pesquisa, enquanto ato através do qual se procura obter conhecimento sobre determinado assunto na perspectiva da superação da percepção superficial e aparente do mundo das coisas, dos homens, da natureza e das relações existentes.

Em geral, a pesquisa é entendida como uma atividade que utiliza processos específicos

na busca de respostas a problemas teóricos e/ou práticos. Trata-se de um estudo: (1) de caráter formal, sistematizado e orientado por um plano ou projeto, segundo alguns critérios, apoiados num referencial teórico e na lógica do método utilizado, de forma que as conclusões não se tornem inócuas e inválidas; (2) que pressupõe reflexão crítica capaz de acrescentar algo à realidade já conhecida; (3) que não esgota a explicação do fenômeno/fato investigado; cujos conhecimentos produzidos são vinculados a critérios de escolha e interpretação de dados; e são determinados sob certas condições ou circunstâncias, o que possibilita a leitura de que não existem conhecimentos absolutos e definitivos.

Vale ressaltar que não se trata de uma simples atividade de reprodução de conhecimentos acumulados pela humanidade e, portanto, deve ser entendida como atividade científica pela qual o ser humano desvela a realidade, partindo do pressuposto de que, conforme afirma o professor Pedro Demo, "a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta a primeira vista. Ademais, [os] esquemas explicativos [do ser humano] nunca esgotam a realidade, porque esta é mais exuberante que aqueles" (DEMO, 1987, p.23). Daí a razão pela qual se pode afirmar que sempre há algo na realidade a ser conhecido.

No meio acadêmico, o TCC, de acordo com o estágio de formação que se encontra o estudante, pressupõe diferentes níveis de aprofundamento em relação à abordagem do tema. Cada nível exige, por sua vez, graus diferenciados de rigor metodológico utilizado no estudo. O TCC é exigido aos estudantes do curso Licenciatura em Teatro, enquanto requisito parcial à conclusão de sua Licenciatura, cuja aprovação está condicionada à apresentação oral perante uma Banca Avaliadora.

O estudante só poderá se matricular no componente curricular "Trabalho de Conclusão de Curso" após ter cumprido no mínimo 80% da carga horária total do curso, correspondente a 4120 h/a. O tema do TCC é escolhido pelo discente durante a elaboração do "Projeto de TCC" no componente curricular "Projeto de Pesquisa em Teatro", com suporte do professor deste componente e do orientador do licenciado. O tema do TCC deverá estar relacionado com a temática principal do curso: Ensino de Teatro.

O TCC, conforme definido em seu Regulamento de julho de 2013 (Anexo 7), é realizado individualmente ou, em caráter excepcional, em dupla, sob a orientação de um professor do IF Fluminense, preferencialmente do curso, que por sua vez, deve computar a frequência (mínima de 75%) do(s) estudante(s) aos encontros de orientação, bem como

registrar, sistematicamente, através de relatórios, o desempenho do discente, durante o processo de construção do TCC que ocorre em dois períodos letivos.

No caso do não comparecimento do estudante aos encontros de orientação para acompanhamento do processo de construção do TCC, este não pode ser aceito pelo orientador. Os TCC são apresentados por escrito e oralmente a uma Banca Avaliadora composta por três professores, sendo um deles o orientador do estudante. A Banca Avaliadora atribui o resultado final de Aprovação, Aprovação Condicional ou Reprovação, justificado em parecer assinado pelos membros da banca Avaliadora.

### 3. CORPO DOCENTE

Apresenta-se a relação de docentes responsáveis pelos componentes curriculares em conformidade com o disposto na Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Teatro.

Professores	Titulação	Regime de Trabalho	Resumo Lattes
Adriano de Almeida Ferraiuoli	Mestrado em Cognição e Linguagem	DE	Bacharel em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais UFMG (2000), Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro UENF, Extensão em Literatura Memória Cultural e Sociedade CEFET, Pós Graduado em Ensino Superior de Arquitetura e Licenciado em Educação Artística. Tem experiência na área de Artes, Desenho, Pintura, Teatro de Bonecos, Gravura, Escultura, Arte e Educação e Ensino, com ênfase em Artes Plásticas e desenvolvimento de pesquisas na área de Formação Estética. Professor de Artes do IFF - Instituto Federal Fluminense / campus: Campos-Centro, com atuação no Ensino Médio Técnico, Superior em Arquitetura e Design-Gráfico, professor pesquisador pertencente ao Núcleo de Pesquisa em Artes, Design e Comunicação - ARTDECO.
Alissan Maria da Silva	Mestrado em Artes Cênicas	DE	Graduada em Licenciatura em Educação Artística-com habilitação em Artes Cênicas pela UNIRIO, atua como educadora em redes públicas de ensino no Rio de Janeiro desde 2007. Atualmente é professora de teatro do Ensino Médio e Superior do Instituto Federal Fluminense, Campus Campos Centro (Campos dos Goytacazes). Especialista em Educação Infantil (Senac-Rio) e em Diversidade Cultural e Interculturalidade: matrizes indígenas e africanas na Educação Brasileira (UFF). Pesquisadora do Coletivo Muanes Dança-Teatro, sob direção da Profª. Drª. Denise Zenícola. Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UNIRIO com a pesquisa "Se não tem terra não tem corpo e se não tem corpo não tem jongo: Um Estudo sobre a Performance Jongueira do Bracuí", sob a orientação do Prof. Dr. Zeca Ligiero.
Gilmara Teixeira Barcelos Peixoto	Doutorado em Informática na Educação	DE	Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011), mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2004) e

			<p>possui graduação em Licenciatura em Ciências - Habilitação em Matemática pela Faculdade de Filosofia de Campos (1987). Atualmente é professora titular da Licenciatura em Matemática e da pós-graduação Docência no século XXI, Coordenadora Adjunta da Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas do Instituto Federal Fluminense Campus Campos-Centro, pesquisadora do projeto de pesquisa Aprendizagem com Dispositivos Móveis (Núcleo de pesquisa Informática na Educação - NIE) e coordenadora/pesquisadora do projeto TIC no processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática (Núcleo de Estudos Avançados em Educação - NESAE). Também é coordenadoras da Pós-Graduação lato sensu Docência no Século XXI. Tem experiência na área de Matemática e Informática na Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Matemática, <i>software</i> educacional, Informática na Educação, Formação de Professor e Tecnologias de Informação e Comunicação.</p>
Kátia Macabu de Sousa Soares	Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades	DE	<p>Mestra em Planejamento Regional e Gestão de Cidades pela Universidade Cândido Mendes - Campos dos Goytacazes/RJ. Especialista em Língua Portuguesa, Língua Inglesa, pela FAFIC, e em Arte, Educação e Tecnologias contemporâneas pela UnB. Graduação em Letras. Professora com larga experiência na rede pública de ensino. Docente e Gestora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense - IFF/ Campus Campos Centro na Coordenação de Arte e Cultura. Experiência na área de Artes, com ênfase em Arte Dramática há 20 anos, dirigindo e produzindo espetáculos com o Grupo Nós do Teatro do IFF. Integra o grupo de estudos do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e Indígenas (NEABI-IFF) e o Centro de Memória do IFF/Campus Campos Centro. Curadora de exposições de artes visuais, fotografias, memória e produtora cultural de mostra musical, festivais de esquetes e de cinema.</p>
Luiz Claudio Gomes de Abreu	Mestrado em Cognição e Linguagem	DE	<p>Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Graduado em Psicologia pela UFRJ/ Universidade Estácio de Sá, Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Campos e História pela Faculdade de Filosofia de Campos. Atualmente, trabalha no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em</p>

			Psicologia. Atua, principalmente, nos seguintes temas: Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia da Aprendizagem e Psicologia do Trabalho.
Marlúcia Cereja de Alencar	Doutorado em Comunicação e Cultura Mestrado em Educação	40h	Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ,2003), Mestre em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ,1986), graduada em Direito pela Universidade Castelo Branco (2003). graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia de Campos (1979). Professora das disciplinas pedagógicas nos Cursos de Licenciatura nas Instituições: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF F- Campos dos Goytacazes), Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert - ISEPAM/FAETEC, Centro Universitário Fluminense - UNIFLU/Faculdade de Filosofia de Campos. Desenvolve pesquisas na área de Formação de Professores, Metodologia de Ensino- processos de aprendizagem. Atividades acadêmicas na área de Didática.
Mônica Cristina Mesquita de Souza	Especialização em Dança e Consciência Corporal e em Cinema e Linguagem Audiovisual.	DE	Atriz e Professora de Teatro, Cinema e Expressão corporal. Docente da área de Artes, possui graduação em Artes-Teatro (licenciatura), Especialização em Dança e Consciência Corporal e em Cinema e Linguagem Audiovisual. Tem experiência na área de Artes em várias vertentes, principalmente Artes Cênicas, e formação nas áreas de Teatro, Audiovisual e Dança. Desenvolve pesquisa em Artes Cênicas (dança, teatro e circo), e Audiovisual (cinema e novas mídias) focado nos seguintes temas: Artes corporais, preparo corporal do artista para a cena, Dança-Teatro, Teatro-Físico, Performance, Linguagem Audiovisual, Videodança, Cinema e Novas mídias, Hibridismo. Políticas Públicas e Mercado profissional de Artes. Tem experiência em elaboração e desenvolvimento de projetos de extensão nas várias linguagens artísticas. Atua ainda com produção cultural, editoração gráfica, edição e produção de vídeos, design de interiores, direção de arte, fotografia, projetos culturais, produção executiva de eventos e projetos relativos à produções artísticas e culturais; elaboração e editoração de material didático para o ensino a distância (cadernos pedagógicos e videoaulas). Vice-Coordenadora, orientadora e instrutora do Núcleo de Pesquisa, Experimentações e Práticas em Artes Cênicas Oficina / Grupo de Teatro Projeto contemplado com recursos do

			PROEXT -2013. Foi Coordenadora de Desenvolvimento de Material Didático para o ensino a Distância (Editoração gráfica e videoaulas) do Instituto Federal do Sudeste de Minas. Atualmente é professora efetiva da área de Artes do Instituto Federal Fluminense - RJ Campus Campos Centro, atuando como professora de Teatro, Dança e Audiovisual. Sócia Colaboradora da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas.
Nicaulis Costa Conserva	Mestrado em Educação pela Arte	DE	Possui graduação em Artes Cênicas (Bacharelado em Interpretação Teatral) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO - 2004), graduação em Educação Artística / Teatro pela Universidade Cândido Mendes (UCAM - 2005), pós-graduação em Ensino de Artes: técnicas e procedimentos na Universidade Cândido Mendes (UCAM - 2014) e mestrado em Arte Educação pela Universidade Moderna de Lisboa (UMO - 2008). Lecionou no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP - 2009/2010), no Instituto Federal de Rondônia (IFRO) e, atualmente, é professora de Artes do Instituto Federal Fluminense (IFF).
Raquel Fernandes	Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea	DE	Mestre em Arte e Cultura Contemporânea, na UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Possui graduação, Bacharelado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2003) e graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Salgado de Oliveira (2006). Atualmente é professor de história da arte de ensino técnico, pós-médio e graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Atua também como Diretora de Ensino do IF Fluminense <i>campus</i> Campos-Guarus e coordenadora do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Plásticas e História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: artes plásticas, arte afro-brasileira, linguagens e educação.
Tatiana de Oliveira Almeida	Especialização em Teatro e Dança na Educação.	DE	Bacharel e licenciada em Dança pela Universidade Federal de Viçosa (2010). Especialista em Teatro e Dança na Educação pela Faculdade Angel Vianna (2011). Mestranda em Artes pelo PROFArtes (UDESC/UFMG). Atuou como instrutora de oficinas

			de Dança no Programa Gente em Primeiro Lugar, projeto social vinculado à FUNALFA na cidade de Juiz de Fora. Foi professora de Dança da rede municipal de ensino de Juiz de Fora 2012-2015, vinculada à Secretaria de Educação, atuando na Escola Municipal Rocha Pombo, Escola Municipal Menelick de Carvalho e Centro Educacional de Referência Herval da Cruz Braz. Fez parte da diretoria da Associação dos Produtores de Artes Cênicas de Juiz de Fora (APAC-JF). Atualmente é bailarina e colaboradora da Ekilíbrio Cia. de Dança (JF) e professora de Dança do Instituto Federal Fluminense - Campus Campos (RJ) vinculada à Coordenação de Arte e Cultura
Victor Matos de Oliveira	Especialização em Arte e Música na Educação.	DE	Mestrando em Música e Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Possui graduação em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2012). Atualmente é professor artes/música do Instituto Federal Fluminense. Tem experiência na área de artes, com ênfase em Educação Musical.

#### 4. AVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação é parte integrante do processo de formação, enquanto fornece um diagnóstico e afere os resultados alcançados. Neste sentido, o curso de Licenciatura em Teatro realizará, de forma permanente e contínua, a avaliação do próprio curso, considerando os resultados da avaliação institucional realizado pela Comissão Permanente de Avaliação - CPA, com a finalidade de acompanhamento e aperfeiçoamento do Projeto Pedagógico do Curso. Serão levados em conta também os índices oriundos das avaliações externas como o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE .

## 5. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, João Vicente Alvarenga. **Três Atos da História do Teatro em Campos**. Itaperuna/RJ: Damadá Artes Gráficas e Editora, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal N.º. 9394**, de 20 de dezembro de 1996. LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º. 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)> . Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º. 11.645** de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 11 mar 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l11.645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l11.645.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º. 11.788** de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 set 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º. 11.892** de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 30 dez 2008. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Lei N.º 12.343** de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 3 dez 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto N.º. 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto N.º. 2406**, de 27 de novembro de 1997. Regulamenta a Lei N.º. 8.948, de 8 de dezembro de 1994. LEX: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, n. 231, s. 1, p. 27937-27938, 28 de novembro de 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/DF2406\\_97.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/DF2406_97.pdf)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. **Decreto N.º. 6.872**, de 04 de junho de 2009. Aprova o Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial - PLANAPIR, e institui o seu Comitê de Articulação e Monitoramento. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 4 jun 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6872.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6872.htm)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC /SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Relatório para estudar medidas que visem a superar o déficit docente no Ensino Médio**. Brasília, DF: CNE/CEB/MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Superior. **Referenciais Curriculares Nacionais dos Cursos de Bacharelado e Licenciatura**. Brasília, DF: MEC/SES, 2010. p. 100.

\_\_\_\_\_. Ministério da Cultura. **Metas de implantação do Plano Nacional de Cultura**. Brasília, DF: MEC /MinC, 2012.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Proposta de diretrizes para formação inicial de professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior**. Maio, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/basica.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2001a). **Parecer N.º. CNE/CP 28/2001**. Dá nova redação ao Parecer CNE/CP 21/2001, que estabelece a duração e a carga horária dos cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 18 jan 2002, Seção 1, p. 31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/028.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2001a). Resolução CNE/CP N.º. 9. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18 de março de 2002, Seção 1, p. 31. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2002a). **Resolução CNE/CP N.º. 1**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de abril de 2002, Seção 1, p. 31. Republicada no Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 4 de março de 2002, Seção 1, p. 8. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_02.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf)>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2002a). **Resolução CNE/CP N.º. 2.** Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 4 de março de 2002, Seção 1, p. 9. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CP022002.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2003a). **Parecer CNE/CP N.º. 9.** Aprecia a Indicação CP 04/2002 que propõe a formulação de orientações aos sistemas de ensino a respeito da prevenção ao uso e abuso de drogas pelos alunos de todos os graus de ensino. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 18 nov 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/cp09.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2004a). **Resolução CNE/CES N.º. 04,** de 08 de março de 2004. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Teatro e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 15 mar 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES04-04.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2004a). **Resolução CNE/CP N.º. 1,** de 17 de junho de 2004. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 22 jun 2004, Seção 1, p. 11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2004a). **Parecer N.º. CNE/CP 3.** Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 19 maio 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2012a). **Resolução N.º. 1.** Estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 31 maio 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

\_\_\_\_\_. (2012a). **Resolução N.º. 2.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, de 18 jun 2012. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/intranet/download/arquivos/cdoc/biblioteca/resenha/2012/junho/Res2012-06-18DOUICMBio.pdf>>. Acesso em: 03 jun 2015.

BRITO, Eliana Povoas (Org.). **Projeto Pedagógico de Curso.** Caderno Temático N.º.1.

Pelotas: UFPel, 2008.

CALABRE, L. **O Conselho Federal de Cultura, 1971-1974**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 37, 2006.

CAMPOS, C. **Referências de um processo em construção: O Programa de Formação e Qualificação Cultural no Estado do Rio de Janeiro**. Anais do II Encontro Brasileiro de Pesquisa em Cultura, 2014.

DEMO, P. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

ICLE, GILBERTO. **Pedagogia da arte: entre- lugares da escola**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE – IF FLUMINENSE. Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI). Quadriênio 2010-2014.

\_\_\_\_\_. **Projeto Político Institucional (PPI)**. Quadriênio 2010-2014.

\_\_\_\_\_. **Regulamentação Didático-Pedagógica**. Cursos da Educação Básica e Graduação. Quadriênio 2010-2014.

INSTITUTO FEDERAL DE TOCANTIS – IFTO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

PACHECO, Eliezer. **Institutos Federais uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Moderna: São Paulo, 2011.

PUPO, M. L. **Pedagogia do Teatro**. GUINSBURG, J.; FERNANDES, S. Pós-Dramático. Um conceito operativo? São Paulo: Perspectiva, 2008.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil: tristes tradições e enormes desafios**. Salvador: Edufba, 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REY - UFSJ. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE TOCANTINS - da UFT. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro**.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - UFRN. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro.**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro.**



## 6. ANEXOS

### Anexo1: Quadro Do MEC – Educação Básica Por Formação – 2013

Docentes de artes da Educação Básica por formação – 2013													
Brasil, Região ou Unidade da Federação	Total de docentes de artes <sup>1</sup>	Com formação em artes											
		Todos os cursos de artes <sup>2</sup>		Por curso de formação									
		%	Total	Interdisciplinar		Artes visuais		Teatro		Dança		Música	
				%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total
<b>Brasil</b>	<b>535.964</b>	<b>6,0</b>	<b>32095</b>	<b>3,6</b>	<b>19394</b>	<b>2,0</b>	<b>10552</b>	<b>0,1</b>	<b>505</b>	<b>0,0</b>	<b>156</b>	<b>0,3</b>	<b>1700</b>
<b>Norte</b>	<b>74.324</b>	<b>1,5</b>	<b>1130</b>	<b>0,7</b>	<b>491</b>	<b>0,7</b>	<b>502</b>	<b>0,0</b>	<b>11</b>	<b>0,0</b>	<b>12</b>	<b>0,2</b>	<b>120</b>
Rondônia	5.820	0,5	30	0,3	20	0,1	3	0,0	0	0,0	0	0,1	7
Acre	5.029	1,2	60	0,2	10	0,8	39	0,0	2	0,0	0	0,2	10
Amazonas	18.513	1,2	221	0,4	78	0,6	112	0,0	2	0,0	8	0,1	21
Roraima	1.938	0,7	14	0,4	8	0,3	5	0,0	0	0,0	0	0,1	1
Pará	32.380	1,7	560	0,8	259	0,7	218	0,0	4	0,0	4	0,2	78
Amapá	3.773	6,0	225	2,9	109	3,1	117	0,0	0	0,0	0	0,0	0
Tocantins	6.871	0,3	20	0,1	7	0,1	8	0,0	3	0,0	0	0,0	3
<b>Nordeste</b>	<b>210.829</b>	<b>1,2</b>	<b>2465</b>	<b>0,7</b>	<b>1427</b>	<b>0,3</b>	<b>559</b>	<b>0,1</b>	<b>108</b>	<b>0,0</b>	<b>55</b>	<b>0,2</b>	<b>336</b>
Maranhão	42.168	0,6	274	0,4	179	0,2	74	0,0	12	0,0	1	0,0	9
Piauí	14.022	0,9	125	0,6	89	0,2	31	0,0	1	0,0	1	0,0	3
Ceará	33.752	0,3	106	0,1	30	0,1	24	0,0	7	0,0	1	0,1	46
Rio Grande do Norte	12.093	2,9	346	1,4	170	0,9	103	0,1	16	0,1	7	0,4	52

Paraíba	13.756	2,2	296	1,4	195	0,6	77	0,1	10	0,0	1	0,1	17
Pernambuco	39.469	0,6	238	0,3	131	0,2	62	0,0	3	0,0	0	0,1	44
Alagoas	12.867	1,6	210	1,0	131	0,3	39	0,1	16	0,0	1	0,2	23
Sergipe	8.919	1,1	101	0,3	29	0,6	54	0,1	9	0,0	4	0,1	5
Bahia	33.783	2,3	769	1,4	473	0,3	95	0,1	34	0,1	39	0,4	137
<b>Sudeste</b>	<b>145.162</b>	<b>13,5</b>	<b>19562</b>	<b>9,3</b>	<b>13503</b>	<b>3,6</b>	<b>5161</b>	<b>0,2</b>	<b>232</b>	<b>0,0</b>	<b>54</b>	<b>0,5</b>	<b>689</b>
Minas Gerais	56.094	3,0	1691	2,0	1140	0,7	397	0,1	34	0,0	4	0,2	129
Espírito Santo	6.506	8,7	564	3,7	238	4,5	290	0,0	2	0,0	1	0,6	38
Rio de Janeiro	22.316	15,5	3451	5,3	1181	7,7	1710	0,6	137	0,1	27	1,9	413
São Paulo	60.246	23,0	13856	18,2	10944	4,6	2764	0,1	59	0,0	22	0,2	109
<b>Sul</b>	<b>60.432</b>	<b>11,6</b>	<b>7006</b>	<b>5,2</b>	<b>3113</b>	<b>5,7</b>	<b>3456</b>	<b>0,2</b>	<b>107</b>	<b>0,1</b>	<b>31</b>	<b>0,6</b>	<b>387</b>
Paraná	19.896	14,1	2807	6,2	1237	7,1	1403	0,2	43	0,0	9	0,7	148
Santa Catarina	8.604	20,4	1756	8,7	749	11,0	950	0,2	19	0,0	1	0,7	59
Rio Grande do Sul	31.932	7,7	2443	3,5	1127	3,5	1103	0,1	45	0,1	21	0,6	180
<b>Centro-Oeste</b>	<b>45.217</b>	<b>4,3</b>	<b>1932</b>	<b>1,9</b>	<b>860</b>	<b>1,9</b>	<b>874</b>	<b>0,1</b>	<b>47</b>	<b>0,0</b>	<b>4</b>	<b>0,4</b>	<b>168</b>
Mato Grosso do Sul	3.612	15,7	568	3,8	137	11,4	411	0,0	1	0,0	0	0,6	21
Mato Grosso	13.221	1,9	246	1,4	186	0,1	9	0,0	0	0,0	0	0,4	51
Goiás	20.515	1,8	364	0,6	114	0,9	176	0,0	8	0,0	2	0,4	72
Distrito Federal	7.869	9,6	754	5,4	423	3,5	278	0,5	38	0,0	2	0,3	24

**Docentes de artes da Educação Básica por formação em cursos de licenciatura – 2013**

Brasil, Região ou Unidade da	Total de docentes	com licenciatura em artes
------------------------------	-------------------	---------------------------

Federação	de artes <sup>1</sup>	Por curso de licenciatura											
		Todos os cursos de licenciatura em artes <sup>2</sup>		Interdisciplinar em									
				artes		Artes visuais		Teatro		Dança		Música	
%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total		
<b>Brasil</b>	<b>535.964</b>	<b>3,0</b>	<b>16.137</b>	<b>0,9</b>	<b>4.781</b>	<b>1,8</b>	<b>9.587</b>	<b>0,1</b>	<b>366</b>	<b>,0</b>	<b>14</b>	<b>,2</b>	<b>1.316</b>
<b>Norte</b>	<b>74.324</b>	<b>0,9</b>	<b>692</b>	<b>0,1</b>	<b>108</b>	<b>0,6</b>	<b>457</b>	<b>0,0</b>	<b>8</b>	<b>,0</b>	<b>1</b>	<b>,1</b>	<b>108</b>
Rondônia	5.820	0,2	13	0,1	4	0,1	3	0,0	0	,0	,1		6
Acre	5.029	0,9	47	0,1	3	0,7	34	0,0	1	,0	,2		9
Amazonas	18.513	1,0	187	0,3	52	0,6	107	0,0	1	,0	,1		19
Roraima	1.938	0,4	8	0,1	2	0,3	5	0,0	0	,0	,1		1
Pará	32.380	0,9	299	0,1	27	0,6	195	0,0	3	,0	,2		71
Amapá	3.773	3,4	128	0,5	19	2,9	109	0,0	0	,0	,0		0
Tocantins	6.871	0,1	10	0,0	1	0,1	4	0,0	3	,0	,0		2
<b>Nordeste</b>	<b>210.829</b>	<b>0,5</b>	<b>1.070</b>	<b>0,1</b>	<b>234</b>	<b>0,2</b>	<b>461</b>	<b>0,0</b>	<b>78</b>	<b>,0</b>	<b>0</b>	<b>,1</b>	<b>260</b>
Maranhão	42.168	0,3	118	0,1	33	0,2	66	0,0	11				8





## Anexo 2: Ofício Do Polo Arte Na Escola



Governo do Estado do Rio de Janeiro  
Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
**POLO REGIONAL ARTE NA ESCOLA - UENF**

OF. PAE-UENF 01/14

Campos dos Goytacazes, 29 de Agosto de 2014.

À Coordenação de Arte e Cultura do IFF - campus Campos – Centro

Em resposta à consulta feita ao Polo Arte na Escola - UENF a respeito da oferta de cursos de licenciatura em Arte, foi feito um levantamento a partir do qual foi possível concluir primeiramente que qualquer das linguagens (Dança/Música/Teatro/Artes Visuais) escolhida será de grande importância, considerando que a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou no dia 16 de outubro de 2013 o projeto de lei que define como disciplinas obrigatórias da educação básica as artes visuais, a dança, a música e o teatro. De acordo com a Agência, a proposta muda a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96), que, atualmente, prevê de forma obrigatória, somente o ensino da música. Houve a aprovação do substitutivo do relator, o deputado Raul Henry (PMDB-PE), ao Projeto de Lei 7032/10, do Senador Roberto Saturnino. Na ocasião o deputado lembrou que a LDB já previa o ensino das artes nos currículos da educação básica, mas não especificava quais eram essas "artes" e esclareceu que optou por deixar explícita na lei as linguagens em que há cursos de formação em licenciatura nas universidades brasileiras. E o relator acrescentou que, no momento em que ganha força a ideia da Educação em tempo integral, a valorização curricular das diferentes linguagens artísticas contribuirá para a efetivação desse novo modelo de escola.

O texto determina um prazo de cinco anos para que as instituições de ensino se adaptem ao novo currículo. Mas a proposta ainda será analisada, em caráter conclusivo, pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ).

(Fonte: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=470941>)

Assim que a proposta virar lei, será urgente considerar duas questões básicas: há professores formados nas áreas específicas para atenderem a demanda educacional, assim como cursos de licenciatura suficientes, de todas as linguagens artísticas, para formar professores na área? A resposta para ambas as perguntas é não.

Publicação feita este ano pela Oscip "Todos Pela Educação", com dados do Censo Escolar da Educação Básica 2013, revela que Arte é a matéria com maior defasagem de docentes com formação adequada; a que conta com menor percentual de professores licenciados, sendo apenas 14,9% dos que atuam no Ensino Médio e 7,7% dos que atuam no Ensino Fundamental.

(Fonte: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/30096/483-dos-professores-ensino-medio-tem-licenciatura-na-disciplina-que-ministram/>)



Governo do Estado do Rio de Janeiro  
Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
**POLO REGIONAL ARTE NA ESCOLA - UENF**

Há, portanto, no Brasil uma demanda generalizada de profissionais licenciados em todas as 4 linguagens. As regiões Sul e Sudeste apresentam os melhores números, mas ainda ficam muito aquém das expectativas. No Rio de Janeiro a carência é bem expressiva, principalmente nas regiões norte e noroeste fluminense, assim como na região das baixadas litorâneas.

Entretanto, como ficou demonstrado no levantamento em anexo, divulgado pelo Instituto Arte na Escola em 2013, há uma carência maior de licenciados em **Teatro e Dança**. Do total de docentes na Educação Básica com formação em Arte, atuando em 2013, no Estado do Rio de Janeiro, 7,7% têm formação em Artes Visuais, 1,9 em Música, 0,6% em Teatro e apenas 0,1 em Dança.

(Fonte: MEC/Inep/DEED – elaboração do Todos Pela Educação)

Há também poucos cursos de licenciatura em Arte no Brasil, principalmente nas linguagens de Teatro e Dança. Então, faz-se necessário abrir mais cursos em todas as linguagens artísticas, principalmente nessas duas áreas.

Desde que o antigo curso de Educação Artística se desmembrou nas quatro linguagens, estas não se dividiram de forma uniforme, o que impede o fim da polivalência, pois haverá a lei que exige o ensino de Arte das linguagens separadas, mas não existirão professores formados nas respectivas áreas. Ou seja, a polivalência se manterá se não houver, nos próximos anos, um aumento na oferta de cursos de licenciatura em todas as 4 linguagens da Arte.

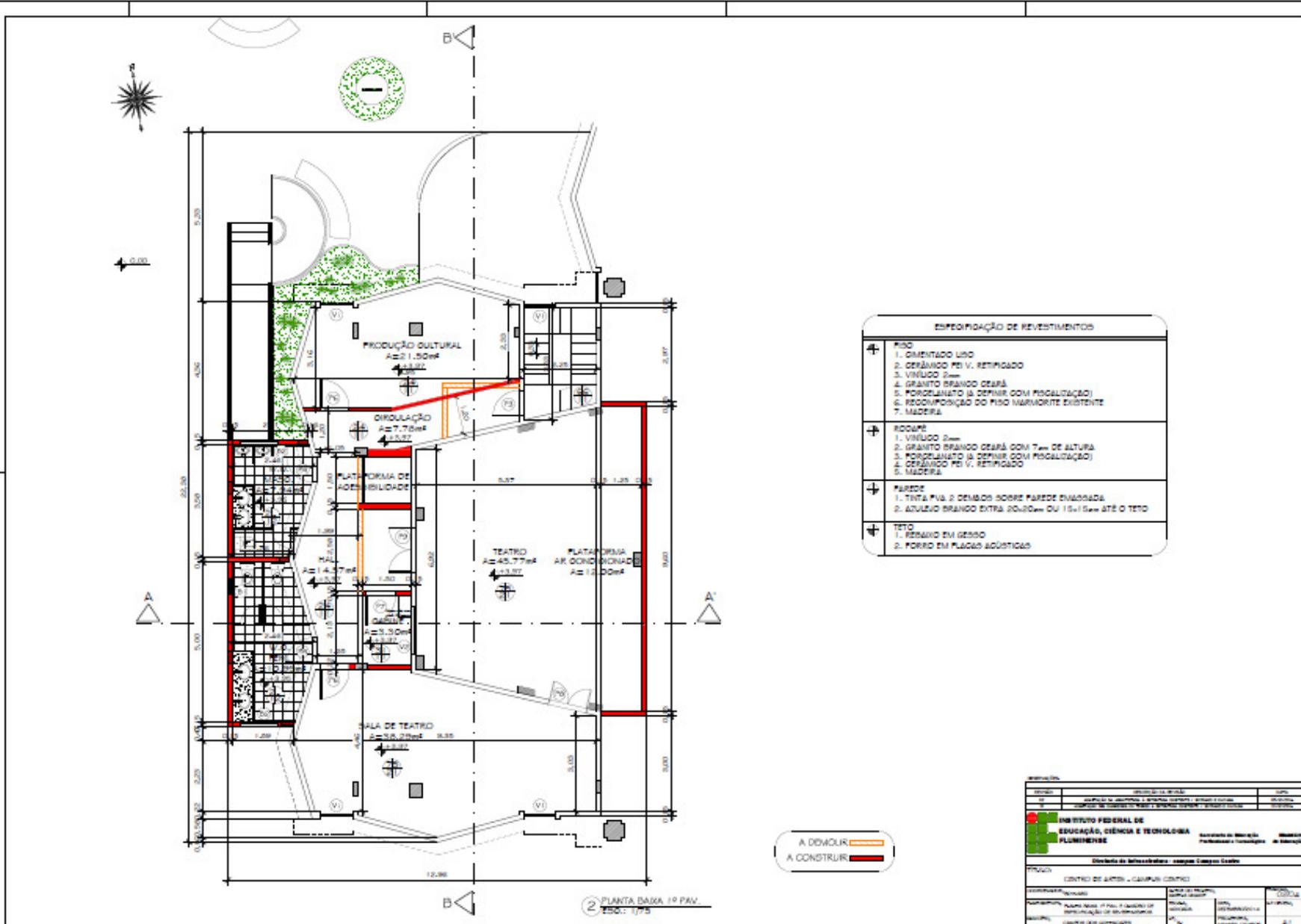
Atenciosamente,



**Profª Drª Lilian Sagio Cezar**

Coordenadora Geral do Polo Regional Arte na Escola da UENF

### **Anexo 3: Planta Baixa Do Centro De Artes**



**ESPECIFICAÇÃO DE REVESTIMENTOS**

+	<b>PISO</b> 1. ORIENTADO LISO 2. CERÂMICO PE V. RETIFICADO 3. VINÍLICO 2mm 4. GRANITO BRANCO OCEARÁ 5. PORCELANATO (A DEFINIR COM FISCALIZAÇÃO) 6. RECOMPOSIÇÃO DO PISO MÁRMORE EXISTENTE 7. MADEIRA
+	<b>RODAPÊ</b> 1. VINÍLICO 2mm 2. GRANITO BRANCO OCEARÁ COM 7mm DE ALTURA 3. PORCELANATO (A DEFINIR COM FISCALIZAÇÃO) 4. CERÂMICO PE V. RETIFICADO 5. MADEIRA
+	<b>PAREDE</b> 1. TINTA PVA 2 DEMIDOS SOBRE PAREDE ENBRANCA 2. AZULEJO BRANCO EXTRA 20x30cm OU 15x15cm ATÉ O TETO
+	<b>TETO</b> 1. REBATO EM GESSO 2. FORRO EM PLACAS ACÚSTICAS

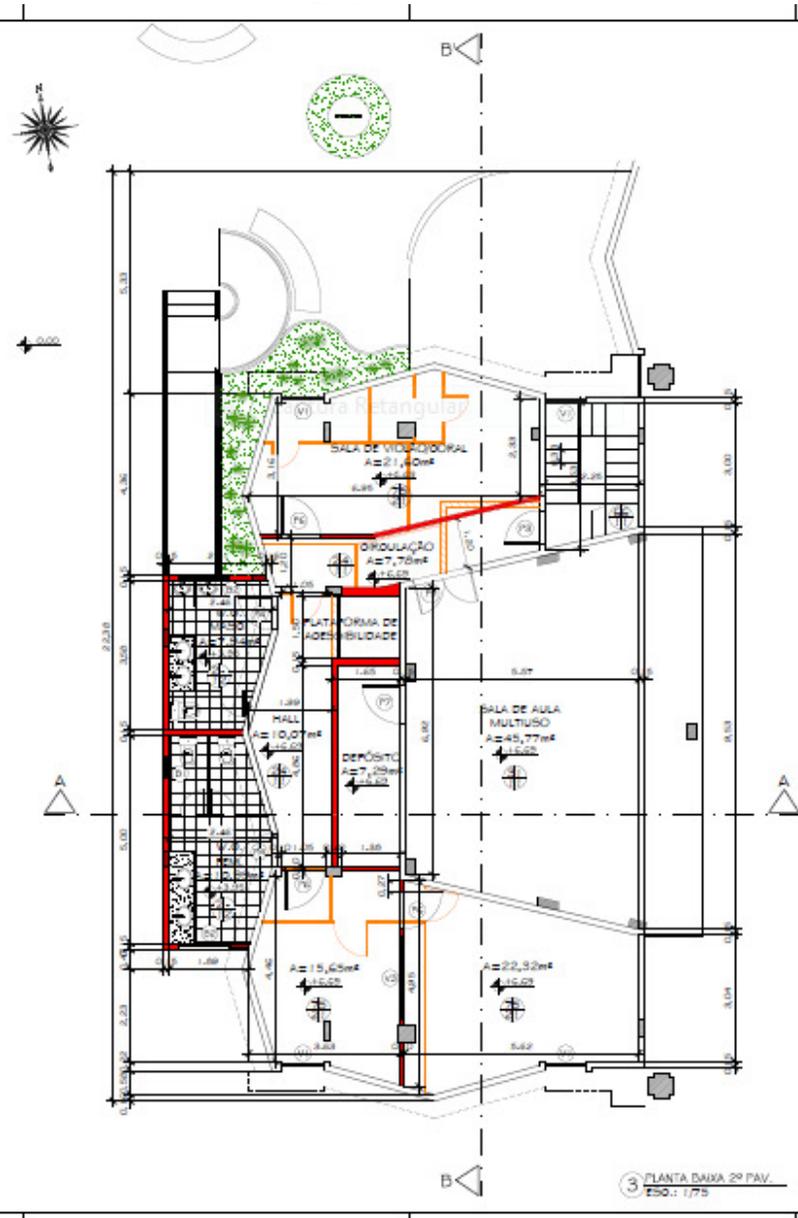


2 PLANTA BAIXA 1º PAV.  
ESQ.: 1/75

**PROJETO**

PROJETO	PROJETO DE REFORMA	DATA	02/2014
PROJETA	ARQUITETO: CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA; ENGENHEIRO: CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA; ENGENHEIRO: CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROJETO	PROJETO
<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE</b>			
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica			
Diretoria de Licenciaturas - Campus Campos-Gestor			
CENTRO DE ARTES - CAMPUS GESTOR			
PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA
PROFESSOR	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA
PROFESSOR	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA	PROF. CARLOS AUGUSTO DE MOURA FERREIRA

Click on Sign and place s PDF File.



A DEMOLIR   
 A CONSTRUIR

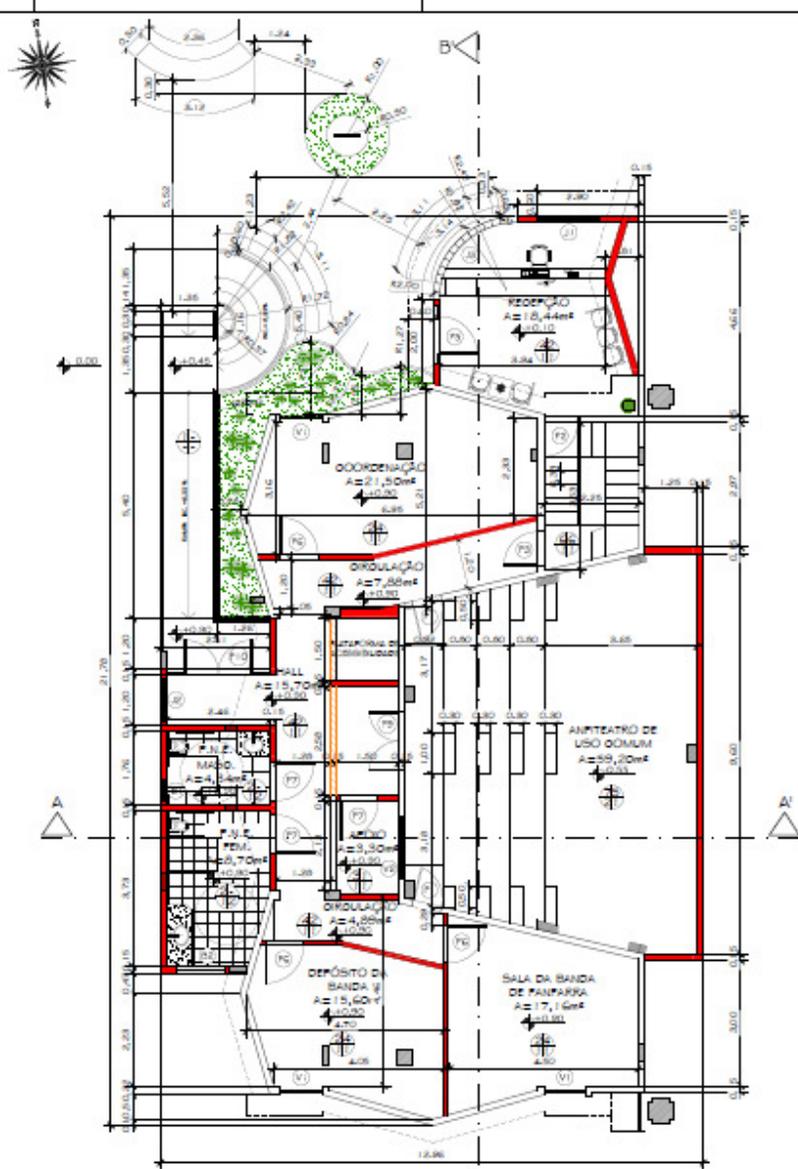
3 PLANTA DAUA 2ª FAV.  
 ESC.: 1/75

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE		Instituto de Educação Profissional e Tecnológica	
Campus de Itaboraí - Campus Centro			
CENTRO DE ARTES - CAMPUS CENTRO			
PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL
PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL
PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL	PROFESSOR RESPONSÁVEL

Click on Site and place PDF File.



1 SITUAÇÃO  
ESQ.: 1/7000



1 PLANTA BAIXA TÉRREO  
ESQ.: 1/75

QUADRO DE ESQUADRIAS

TIPO	QTD.	LARGURA	ALTURA	FEITORAL	DESCRIÇÃO
F1	2	0,70m	2,10m	---	MORTA REVESTIDA EM AMBOS OS LADOS EM LAMINADO METALÍFICO BRANCO COM VÍDEO
F2	1	0,90m	2,10m	---	MORTA DE ABREIR EM ALUMÍNIO E VÍDEO BRANCO
F3	3	0,90m	2,10m	---	MORTA EM CHAPA METÁLICA COM REDEZA DE QUADRO SOBREPOSTA
F4	4	0,90m	2,10m	---	MORTA REVESTIDA EM AMBOS OS LADOS EM LAMINADO METALÍFICO BRANCO
F5	1	0,90m	1,88m	---	PAINEL EM VÍDEO TEMPERADO VERDE 10mm COM MORTA DE ABREIR DE CORA LARANJA COM BARRILHAS LATERAIS PIAIS DE CLAREAR CADA
F6	8	0,90m	2,10m	---	MORTA EM LAMINADO METALÍFICO E PINTURA COM VÍDEO VERTICAL PAINEL 10
F7	5	0,90m	2,10m	---	MORTA COMUM ENGRANADA E PINTADA NA COR BRANCA
F8	1	1,20m	2,10m	---	MORTA DUPLA EM MADEIRA DE ABREIR COM ACABAMENTO ENGRANADO E PINTADO
F9	3	1,40m	2,10m	---	MORTA EM VÍDEO TEMPERADO NEUTRO 10mm COM MOLLA EM UMA DAS BANDEIRAS
F10	1	1,60m	2,10m	---	PAINEL EM VÍDEO TEMPERADO VERDE 10mm COM BARRILHAS LATERAIS PIAIS DE CLAREAR CADA
F11	1	1,50m	1,10m	0,88m	MANTA DE CONCRETO EM VÍDEO TEMPERADO 6mm VERDE COM METAS ANCORADAS BRANCO
F12	1	1,00m	1,60m	0,90m	MANTA DE CONCRETO EM VÍDEO TEMPERADO 6mm VERDE COM METAS ANCORADAS BRANCO
F13	1	3,14m	1,46m	0,60m	TAMPA DE VÍDEO NA COR VERDE
B1	3	0,90m	0,90m	1,60m	BARRILHA EM VÍDEO TEMPERADO VERDE 6mm PIAIS NA METADE INFERIOR E BARRILHANTE NA METADE SUPERIOR COM METAS ANCORADAS BRANCO
B2	5	1,20m	0,90m	1,60m	MANTA DE CONCRETO EM VÍDEO TEMPERADO 6mm VERDE COM METAS ANCORADAS BRANCO
V1	4	1,00m	6,00m	---	VÍDEO PISO COM VÍDEO TEMPERADO VERDE 6mm COM 17 ABREIROS PROTETORES BARRILHAS 40 ABREIROS INSTALADOS NO GRANDE DE ABREIROS
V2	3	1,50m	1,10m	1,00m	VÍDEO PISO COM VÍDEO TEMPERADO NEUTRO 6mm
V3	1	2,00m	1,10m	1,00m	VÍDEO PISO COM VÍDEO TEMPERADO NEUTRO 6mm

A DEMOLIR (linha tracejada)  
A CONSTRUIR (linha sólida)

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE

Departamento de Engenharia e Tecnologia | Biblioteca de Engenharia

Escola de Laboratórios - Campus Duque de Caxias

PROFESSOR: CENTRO DE ARTES - CAMPUS CENTRO

COORDENADOR: CENTRO DE ARTES - CAMPUS CENTRO

PROFESSOR: CENTRO DE ARTES - CAMPUS CENTRO

PROFESSOR: CENTRO DE ARTES - CAMPUS CENTRO

**Anexo 4: Ordem De Serviço N.º 22, de 04 de Junho de 2013**

## ORDEM DE SERVIÇO Nº 22 , de 04 de junho de 2013.

O DIRETOR GERAL DO CAMPUS CAMPOS – CENTRO DO IF FLUMINENSE, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E TENDO EM VISTA A PORTARIA IFF Nº 43 DE 11 DE JANEIRO DE 2012, ESTABELECIDADA PELA REITORIA, PUBLICADA NO D.O.U. DE 13/01/2012

### CONSIDERANDO:

- a Lei no 10.861 de 14 de abril de 2004 art. 6º inciso I;
- o Parecer no 4 de 17 de junho de 2004 da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (CONAES);
- a Resolução no 1 de 17 de junho de 2010.

### RESOLVE:

Regulamentar a constituição, as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *Câmpus* Campos Centro.

**Art.1º.** O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é responsável pela concepção do Projeto Pedagógico de cada Curso Superior do IF Fluminense Campus Campos-Centro e tem, por finalidade, a elaboração, a execução e a constante avaliação do mesmo.

**Art. 2º.** O Núcleo Docente Estruturante é constituído:

- I- pelo Coordenador do Curso (presidente);
- II- de, no mínimo, 4 (quatro) professores pertencentes ao corpo docente do Curso, além do Coordenador Acadêmico do Curso;
- III- de, pelo menos, 60% de seus membros com titulação acadêmica obtida em Programas de Pós-graduação *stricto sensu*;
- IV- por professores em regime de trabalho de tempo parcial ou integral, sendo pelo menos 20% em tempo integral, sem qualquer tipo de afastamento ou licença regulamentada.

**Art. 3º.** Os membros do NDE, com exceção do Coordenador Acadêmico, serão eleitos pelo Colegiado de Curso, para um mandato de 03 (três) anos, respeitando os critérios definidos no Art.2º.

§ 1º É assegurada a renovação parcial de seus membros, a fim de garantir a continuidade no processo de acompanhamento do Curso.

§ 2º A modificação da composição dos membros do NDE poderá ser efetivada mediante solicitação do Diretor de Ensino e/ou do Coordenador Acadêmico do Curso e/ou de uns dos membros e enviada ao Colegiado do Curso para apreciação.



§ 3º A nomeação dos membros do NDE deve ser oficializada pelo Diretor Geral do campus.

**Art.4º.** São atribuições do Núcleo Docente Estruturante:

- a) indicar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades dos cursos superiores, de exigências do mundo do trabalho (regionalização), afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do Curso;
- b) estabelecer o perfil profissional do egresso do curso;
- c) contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do Curso;
- d) conduzir os trabalhos de re-leitura curricular nos Projetos Pedagógicos dos Cursos, na perspectiva interdisciplinar, para apreciação no Colegiado de Curso, sempre que necessário;
- e) supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso definidas pelo Colegiado do Curso;
- f) analisar e avaliar os planos de ensino dos componentes curriculares, fornecendo indicativos para apreciação pelo Colegiado do Curso;
- g) promover a integração horizontal e vertical do curso, respeitando as Diretrizes Curriculares Nacionais para cada Curso e seus respectivos Projetos Pedagógicos;
- h) acompanhar as atividades do corpo docente, recomendando à Coordenação Acadêmica do curso a indicação ou substituição de docentes, quando necessário, bem como a redistribuição de recursos disponíveis nos laboratórios e demais ambientes de aprendizagem, ficando a cargo do Coordenador Acadêmico as providências de execução.

**Art 5º.** Compete ao Presidente do Núcleo:

- a) convocar e presidir as reuniões, com direito a voto, inclusive o de desempate;
- b) representar o NDE junto aos órgãos da Instituição;
- c) encaminhar as proposições do NDE aos setores competentes da instituição;
- d) designar um representante do corpo docente para secretariar e lavrar as atas;
- e) coordenar a integração com os demais Colegiados e setores da Instituição.

**Art 6º.** O NDE reunir-se-á, sempre que convocado pelo Presidente ou pela maioria de seus membros.

Parágrafo Único: As decisões do NDE serão tomadas por maioria simples de votos, com base no número de presentes.



**Art 7º.** Os casos omissos serão resolvidos pelo NDE ou, diante da limitação deste, pelos órgãos superiores do Instituto Federal Fluminense câmpus-Campos-Centro, de acordo com o que dispõe o seu Regimento.

**Art 8º.** O presente Regulamento entra em vigor na data de sua publicação.

Campos dos Goytacazes, 04 de junho de 2013.

  
Jefferson Manhães de Azevedo  
Diretor Geral  
câmpus Campos Centro  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE  
JEFFERSON MANHÃES DE AZEVEDO  
Diretor Geral  
câmpus Campos - Centro

## Anexo 5: Ordem De Serviço N.º 19 De Agosto De 2014

### ORDEM DE SERVIÇO Nº 19, de 29 de agosto de 2014.

O DIRETOR GERAL DO CAMPUS CAMPOS – CENTRO DO IF FLUMINENSE, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E TENDO EM VISTA A PORTARIA IFF Nº 43 DE 11 DE JANEIRO DE 2012, ESTABELECIDADA PELA REITORIA, PUBLICADA NO D.O.U. DE 13/01/2012

#### CONSIDERANDO:

A necessidade de expansão dos cursos de Licenciatura na área de Artes como um fator de urgência em nível nacional, mediante dados do censo de docentes de artes da Educação Básica por formação em cursos de Licenciatura – 2013 do MEC/Inep/DEED – elaboração de Todos Pela Educação.

A relação existente entre a demanda por professores de Artes e sua formação, especialmente a de professor de Teatro nos dados do MEC/Inep/DEED – Todos Pela Educação/2013, apresentando que para uma demanda de 535.964 docentes de arte no Brasil, apenas 3% possuíam Licenciatura em Artes e desses 0,1% em Teatro. A demanda da Região Sudeste de 145.162 docentes, 6,5% de professores licenciados em Artes e 0,1% em Teatro. No Estado do Rio de Janeiro, a demanda é 22.316 docentes licenciados, 15,5% com Licenciatura em Artes e 0,6% em Teatro.

O parecer favorável à aprovação do Projeto de Lei 7032/10, do Senado, em outubro de 2013, que altera a Lei 9394/96, incluindo como disciplinas obrigatórias da educação básica as artes visuais, a dança, a música e o teatro.

A ausência de formação de professores para atuarem em Artes Cênicas na Educação Básica em todo o interior do Estado do Rio de Janeiro.

O compromisso do Instituto Federal Fluminense em atender às demandas de formação da sociedade no âmbito de seus campi.

#### RESOLVE:

Art. 1º Constituir a Comissão para elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Teatro, com implantação para o segundo semestre do ano letivo 2015.



Secretaria de  
Educação Profissional  
e Tecnológica

Ministério da  
Educação

Art. 2º Designar os professores para integrarem a referida Comissão como Membros Efetivos, sob a presidência da primeira, a saber:

Kátia Macabu de Sousa Soares (Presidente)

Adriano de Almeida Ferratuoli

Conceição de Maria Campinho Rabello Corte Real

Marlúcia Cereja de Alencar

Mônica Cristina Mesquita de Souza

Nicaulis Costa Conserva

Victor Matos de Oliveira.

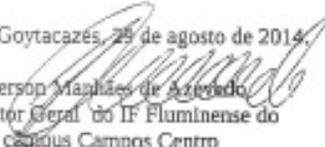
Art. 3º Atribuir à Presidente da Comissão designada competência para encaminhar o referido

Projeto, após conclusão, à Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas, respeitando os prazos

estabelecidos, objetivando providências cabíveis.

Art. 4º A presente Ordem de Serviço entra em vigor a partir da data de sua publicação.

Campos dos Goytacazes, 29 de agosto de 2014.

  
Jefferson Manhães de Azevedo  
Diretor Geral do IF Fluminense do  
campus Campos Centro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE  
JEFFERSON MANHÃES DE AZEVEDO  
Diretor Geral  
campus Campos - Centro

## Anexo 6: Regulamento da Prática Profissional

## REGULAMENTO DA PRÁTICA PROFISSIONAL DAS LICENCIATURAS

**CONSIDERANDO** o Parecer CNE/CP N.º, 28 aprovado em 02 de outubro de 2001, a Resolução CNE/CP N.º 1 de 18 de fevereiro de 2002, a Resolução CNE/CP N.º 2 de 19 de fevereiro de 2002 e a Lei N.º 11.788 de 25 de setembro de 2008, a Prática Profissional dos Cursos de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense *campus* Campos-Centro, entendida como reflexão-ação-reflexão sobre a atividade profissional do magistério, constitui parte integrante e obrigatória do Currículo e perfaz o total de 1.000 horas, a saber: (a) Prática como componente curricular (400 horas); (b) Estágio Curricular Supervisionado (400 horas); (c) Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (200 horas).

### DA PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR

Art. 1.º A Prática como componente curricular (Prática Pedagógica ou equivalente) perpassa o curso por inteiro, com início no 1.º período, estendendo-se até o último período do curso.

Art. 2.º As atividades a serem desenvolvidas no componente intitulado Prática Pedagógica ou equivalente encontram-se estabelecidas no Plano de Ensino do referido componente por período letivo.

Art. 3.º No último período, o aluno só poderá ser matriculado em Prática Pedagógica (ou equivalente) após ter cumprido, com aprovação, o referido componente dos períodos anteriores.

### DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Art. 4.º O Estágio Curricular Supervisionado tem, como objetivos:

- a) contribuir com a formação do estagiário para o exercício da docência;
- b) propiciar ao estagiário ação interativa dos conhecimentos teórico-práticos numa perspectiva dialética;
- c) oportunizar ao estagiário diálogo permanente com o campo de atuação docente numa dimensão diagnóstica e propositiva;
- d) possibilitar ao estagiário elaboração e desenvolvimento de projetos educativos construídos coletivamente com a comunidade acadêmica da escola-campo, visando ao aprimoramento da qualidade social e cognitiva do processo de ensino e de aprendizagem.

Art. 5.º O Estágio Curricular Supervisionado será realizado em escola da Rede Pública e/ou Privada de Educação Básica que ofereça o Ensino Fundamental do 6.º ao 9.º

ano de escolaridade e o Nível Médio.

§ 1.º Constituirão campo de estágio as escolas, mencionadas no *caput* deste artigo, que firmarem convênio com o IF Fluminense *campus* Campos-Centro ou as que aceitarem o termo de compromisso do bolsista emitido pelo IF Fluminense *campus* Campos-Centro.

§ 2.º O Estágio Curricular Supervisionado não caracteriza vínculo empregatício de qualquer natureza.

Art. 6.º As atividades de Estágio Curricular Supervisionado do IF Fluminense *campus* Campos-Centro, em consonância com a Resolução CNE/CP N.º 2/2002, realizam-se, a partir da segunda metade do curso, sob forma de Estágio Curricular Supervisionado, de acordo com o número de períodos letivos definidos no Projeto Pedagógico de cada Curso de Licenciatura, constituindo-se como condição básica para a conclusão do curso.

§ 1.º A carga horária do Estágio Curricular Supervisionado encontra-se estabelecida, por período letivo, no Projeto Pedagógico de cada Curso de Licenciatura.

§ 2.º O aluno só poderá realizar o Estágio Curricular Supervisionado, correspondente ao último período letivo, se tiver concluído os Estágios anteriores.

Art. 7.º A escolha da escola-campo pelo estagiário estará condicionada à existência de convênio ou termo de compromisso, de acordo com o Núcleo de Apoio à Prática Profissional das Licenciaturas.

§ 1.º O encaminhamento do estagiário à escola-campo dar-se-á via Núcleo de Apoio à Prática Profissional das Licenciaturas.

§ 2.º A orientação das atividades referentes ao Estágio na escola-campo será realizada, por período letivo, pelo docente responsável pela Prática Pedagógica ou equivalente e pelo Núcleo de Apoio à Prática Profissional das Licenciaturas.

Art. 8.º O IF Fluminense *campus* Campos-Centro assume a responsabilidade pela contratação do Seguro obrigatório para o aluno em período de estágio, de que trata a Lei N.º 11.788/2008.

§ 1.º Por exigência legal, o número da apólice do Seguro deve estar destacado no documento de encaminhamento do estagiário à instituição-campo.

§ 2.º Cabe ao Núcleo de Apoio à Prática Profissional providenciar, junto à Diretoria de Gestão Financeira e Orçamentária do IF Fluminense *campus* Campos-Centro, o seguro obrigatório dos estagiários e agilizar os procedimentos que se fizerem necessários.

Art. 9.º As atividades do Estágio Curricular Supervisionado devem ser relatadas, em

documento intitulado Relatório, ao final de cada período letivo e entregue pelo aluno ao professor da Prática Pedagógica ou equivalente para apreciação.

§ 1.º Após apreciação dos Relatórios, o professor da Prática Pedagógica ou equivalente deverá apresentar o registro do cumprimento das atividades do Estágio Curricular Supervisionado ao Núcleo de Apoio à Prática Profissional, respeitando o Calendário do IF Fluminense *campus* Campos-Centro.

§ 2.º O Núcleo de Apoio à Prática Profissional, ao final do Curso, encaminha à Coordenação de Registro Acadêmico o atestado de conclusão das atividades da Prática Profissional referente ao Estágio Curricular Supervisionado e às Atividades Acadêmico-Científico-Culturais (AACC).

§ 3.º O Núcleo de Apoio à Prática Profissional deverá arquivar, ao final de cada período letivo, relatórios de Estágio Curricular Supervisionado, após apreciação do professor, por no mínimo 3 (três) anos, como documento necessário à avaliação institucional.

Art.10 O não cumprimento de, no mínimo, 50% das atividades do Estágio Curricular Supervisionado em cada período letivo gera retenção na Prática Pedagógica ou equivalente do referido período, dada a vinculação entre as orientações e atividades desenvolvidas na escola-campo.

Art.11 É concedida a redução de 50% (cinquenta por cento) nas atividades de Estágio ao estagiário que apresentar comprovante de, no mínimo, 02 (dois) anos de exercício docente no 2.º segmento do Ensino Fundamental e/ou nos cursos de Nível Médio em escolas devidamente autorizadas pelo órgão competente, via requerimento entregue ao Núcleo de Apoio à Prática Profissional, o qual emitirá parecer.

Art.12 O aproveitamento de carga horária para o Estágio Curricular Supervisionado dar-se-á quando o licenciando desenvolve atividades de docência na área específica da sua Licenciatura (monitoria, desenvolvimento de projetos e afins), dentro do período de matrícula correspondente à mesma licenciatura.

§ 1.º O Núcleo de Apoio à Prática Profissional emitirá parecer a respeito do aproveitamento de carga horária para o Estágio Curricular Supervisionado nas atividades de docência, com base em documento comprobatório, anexado ao requerimento, apresentado pelo licenciando ao referido Núcleo.

§ 2.º O aproveitamento da carga horária será de, no máximo, 25 (vinte e cinco) horas por período letivo, não ultrapassando a 100 (cem) horas no decorrer do curso.

§ 3.º No Curso de Licenciatura em Matemática haverá aproveitamento de carga horária para as atividades vinculadas ao Laboratório de Ensino e de Aprendizagem Matemática (LEAMAT), realizadas em escola-campo, de acordo com o parecer emitido pela Coordenação Acadêmica do referido curso.

§ 4.º No Curso Superior de Ciências da Natureza, quando no reingresso em outra Licenciatura do mesmo Curso, haverá somente isenção das atividades desenvolvidas no Estágio Curricular Supervisionado do 5.º período, tendo em vista que as atividades de Estágio a partir do 6.º período são direcionadas para as especificidades da Licenciatura em que o aluno está matriculado.

### **DAS ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS**

Art.13 As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais - AACC -, de natureza obrigatória, têm por finalidade oferecer oportunidade aos alunos das Licenciaturas do IF Fluminense, de ampliação do universo cultural, por meio da pluralidade de atividades/saberes no campo de sua formação profissional e nas diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a formação docente e do cidadão.

Art.14 As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais serão desenvolvidas no âmbito do IF Fluminense ou de outras instituições autorizadas a emitir certificação.

Parágrafo Único: As AACC não conferem grau/nota aos licenciandos, mas devem estar articuladas à formação docente e concomitantes com o Curso de Licenciatura no qual estiverem matriculados.

Art.15 As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais com carga horária de, no mínimo, 200 (duzentas) horas, inseridas na matriz curricular da Licenciatura, constituem exigência para sua integralização e serão desenvolvidas ao longo do Curso.

§ 1.º As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais são definidas por grupos: (a) atividades de extensão; (b) eventos acadêmico-científico-culturais; (c) produção acadêmico-científico-culturais e pesquisa institucional vinculada a agência de fomento, desde que devidamente especificadas no Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura.

§ 2.º As Atividades Acadêmico-Científico-Culturais aceitas para o cômputo da carga horária exigida, estão listadas a seguir.

<b>ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS – AACC –</b>			
<b>Carga horária total: 200 horas</b>			
<b>GRUPOS</b>	<b>ATIVIDADES</b>	<b>LIMITE MÁXIMO COMPUTADO</b>	<b>REQUISITOS PARA COMPROVAÇÃO<sup>(*)</sup></b>
<b>GRUPO 1</b>  <b>ATIVIDADES DE EXTENSÃO</b>  <b>Carga horária:</b>  <b>80 horas</b>	Participação como ouvinte em Palestras, Seminários, Congressos, Conferências, Simpósios, Fóruns, Encontros, Mesas Redondas e similares	30h	Certificação de participação.
	Participação no desenvolvimento de projetos de extensão sob orientação de professor.	20h	Certificação de participação assinada pelo responsável do projeto.
	Visitas orientadas a exposições, museus, teatros, patrimônio artístico ou cultural	20h	Certificação de participação assinada pelo responsável da atividade.
	Representação em Órgãos Colegiados e/ou Comissões do IF Fluminense <i>campus</i> Campos-Centro	10h	Declaração de participação assinada pelo presidente.
	Participação em curso de extensão	50h	Certificação de participação
	Participação em Atividade de Monitoria no Ensino Superior	20h	Declaração de participação
<b>GRUPO 2</b>  <b>EVENTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS</b>  <b>Carga horária:</b>  <b>80 horas</b>	Participação como ouvinte na apresentação oral de monografias (Trabalho Conclusão de Curso, Dissertações, Teses) no campo da formação profissional.	30h	Declaração emitida pela Unidade que realiza a atividade.
	Participação como ouvinte em Palestras, Seminários, Congressos, Conferências, Simpósios, Fóruns, Encontros, Mesas Redondas na área de formação	50h	Certificação de participação.
	Participação como ouvinte em atividades artísticas e culturais	15h	Certificação de participação de proponente.

(\*) O documento de comprovação deverá conter a descrição da atividade e a carga horária cumprida.

GRUPOS	ATIVIDADES	LIMITE MÁXIMO COMPUTADO	REQUISITOS PARA COMPROVAÇÃO <sup>(*)</sup>
<b>GRUPO 3</b>  <b>PRODUÇÃO ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS e PESQUISA INSTITUCIONAL VINCULADA A AGÊNCIA DE FOMENTO</b>  <b>Carga horária:</b>  <b>40 horas</b>	Apresentação de trabalhos acadêmicos, científicos ou culturais em instituições promotoras de âmbito local, regional, nacional e internacional	40h (5h por trabalho apresentado)	Certificação de apresentação e resumo do trabalho apresentado.
	Publicação em periódicos	40h (10h por trabalho publicado)	Cópia do trabalho publicado no periódico.
	Publicação em Livros	40h (10h por trabalho publicado)	Cópia do trabalho publicado no livro.
	Participação na organização e coordenação de eventos acadêmico-científico-culturais internos ou externos ao IF Fluminense	30h (5h para cada dia de participação)	Declaração da Instituição responsável pelo evento.
	Participação no desenvolvimento de projetos de pesquisa por semestre letivo.	10h	Declaração do professor ou responsável pelo projeto.
	Participação em Grupo de Estudo Temático sob orientação de professor por semestre letivo	5h	Declaração do professor ou responsável pelo grupo de estudo.
	Apresentação de trabalhos de pesquisa institucional em eventos científicos internos ou externos	40h (5h por cada apresentação)	Declaração do professor ou responsável pela orientação do trabalho
<b>TOTAL</b>			<b>200 horas</b>

(\*) O documento de comprovação deverá conter a descrição da atividade e a carga horária cumprida.

§ 3.º As atividades acadêmicas, científicas e culturais cumpridas pelo licenciando comprovadas conforme especificado no parágrafo anterior, deverão ser entregues ao Núcleo de Apoio à Prática Profissional para apreciação e posterior encaminhamento ao Registro Acadêmico.

Art. 16 Em caso de reingresso, não haverá isenção de carga horária referente às atividades acadêmico-científico-culturais.

## DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E FINAIS

Art. 17 Atos complementares que se fizerem necessários para o aperfeiçoamento deste regulamento serão expedidos pela Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas.

Art. 18 Os casos aqui não especificados devem ser analisados e definidos pelo Núcleo de Apoio à Prática Profissional juntamente com a Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas e as Coordenações Acadêmicas dos Cursos de Licenciaturas.

Campos dos Goytacazes, 24 de julho de 2013.

Diretoria de Ensino Superior das Licenciaturas

**Anexo 7: Regulamento do TCC**

**DIRETORIA DO ENSINO SUPERIOR DAS LICENCIATURAS - DIRLIC**

**REGULAMENTO  
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DAS LICENCIATURAS**

**Campos dos Goytacazes/RJ  
Julho/2013**

**Art. 1º** O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito parcial para a conclusão de um Curso de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IF Fluminense) *campus* Campos-centro, consiste em um estudo de natureza científica sobre um tema específico, delimitado, de caráter formal, sistematizado, apoiado num referencial teórico e orientado por um plano/projeto, de maneira que ao término do estudo as conclusões obtidas se tornem efetivas e válidas.

**Art. 2º** O Trabalho de Conclusão de Curso é realizado individualmente sob a orientação de um servidor com Curso Superior do IF Fluminense *campus* Campos-Centro, prioritariamente um professor do Curso de Licenciatura no qual o discente está matriculado, com formação acadêmica e/ou experiência na área da pesquisa.

§ 1º O TCC poderá ser realizado em dupla, havendo falta de orientadores em número suficiente para a demanda de um dado semestre. Neste caso deverá haver a autorização do Colegiado do Curso.

§ 2º Quando o orientador demandado pelo discente não for do curso ou do *campus*, deverá haver autorização do Colegiado do Curso.

§ 3º É permitida a figura do coorientador. Neste caso, ele também deve integrar a Banca Avaliadora que passará a ser composta por, no mínimo, 4 (quatro) membros. É permitido que o coorientador seja docente vinculado a outra instituição, desde que possua formação acadêmica e/ou experiência na área da pesquisa. É, no entanto, o orientador que responde pelo acompanhamento do aluno no processo de construção do TCC.

**Art. 3º** A temática do Trabalho de Conclusão de Curso é escolhida pelos discentes dentre as abordagens teórico-práticas desenvolvidas no decorrer do Curso de Licenciatura e deve ter como foco a área do Curso que está sendo concluído.

Parágrafo Único: O Trabalho de Conclusão de Curso, por ser de Licenciatura, deve ser preferencialmente desenvolvido na área de Ensino do Curso de Licenciatura.

**Art. 4º** O Trabalho de Conclusão de Curso está previsto para ser desenvolvido de forma sistemática, nos três últimos períodos letivos do Curso de Licenciatura.

**Art. 5º** O Projeto de Pesquisa deve ser elaborado no decorrer do primeiro dos três períodos letivos destinados à elaboração do TCC.

§ 1º O Projeto de Pesquisa é elaborado a partir das orientações do professor da disciplina Monografia I (ou correspondente) sobre estrutura do trabalho, normas da ABNT, normas do Instituto Federal Fluminense e estrutura textual, com o acompanhamento do orientador que, neste momento, inicia seu trabalho de orientação.

§ 2º A aprovação do Projeto de Pesquisa é dada pelo professor da disciplina Monografia I (ou correspondente), ou em conjunto pelo professor e a banca de apresentação do Projeto de Pesquisa em que o Orientador faz parte.

§ 3º No caso de haver defesa do Projeto de Pesquisa perante Banca Avaliadora, a mesma deve receber cópias do projeto para leitura com antecedência mínima de 10 (dez) dias.

§ 4º Uma cópia impressa encadernada em espiral, capa transparente, fundo preto, deve ser encaminhada à Coordenação do Curso, após aprovação para arquivamento.

§ 5º No caso do Projeto de Pesquisa estar sendo elaborado em dupla e um dos membros do grupo ficar retido no penúltimo período, mesmo tendo o seu projeto aprovado, deverá desmembrá-lo ou elaborar novo projeto sozinho ou constituir outra dupla. Neste caso o novo Projeto deverá passar por avaliação do professor de Monografia I ou por Banca Avaliadora.

**Art. 6º** Até o término do primeiro período letivo de realização do Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, discente e orientador devem entregar assinado o Termo de Compromisso à Coordenação de Curso para arquivamento no qual declaram estar cientes deste Regulamento.

**Art. 7º** No último período letivo o discente deve apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso por escrito e oralmente, perante Banca Avaliadora.

§ 1º O orientador deve computar a frequência (mínima de 75% referente ao período letivo de orientação) do discente aos encontros de orientação, bem como registrar seu desempenho, na Ficha de Acompanhamento do Processo de Elaboração do TCC, que será arquivada na pasta.

§ 2º No caso do não comparecimento do discente aos encontros de orientação o Trabalho de Conclusão de Curso não pode ser aceito pelo orientador.

§ 3º O Trabalho de Conclusão de Curso deve estar concluído até 30 (trinta) dias antes do término do último período letivo definido pelo calendário do IF Fluminense *campus* Campos-Centro.

**Art. 8º** Após a conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso, o orientador deve enviar, à Coordenação Acadêmica do Curso de Licenciatura, memorando por meio do qual autoriza (ou não) o encaminhamento do Trabalho de Conclusão de Curso à Banca Avaliadora, para apreciação final.

§ 1º No memorando autorizando o encaminhamento à Banca Avaliadora devem constar (i) os nomes dos membros que irão compor a Banca de Avaliação, suas respectivas titulações e a Instituição de Ensino Superior à qual cada um está vinculado, bem como indicar (ii) local,

data e horário da apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso já previamente acordado com os orientandos e com os membros da Banca Avaliadora.

§ 2º Os discentes, após tomarem conhecimento do parecer favorável do orientador autorizando a apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso, devem encaminhar uma cópia do trabalho realizado a cada membro da Banca Avaliadora.

§ 3º Os membros da Banca devem ter, no mínimo, 10 (dez) dias corridos antes da data estabelecida para apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso, para leitura e apreciação do mesmo.

§ 4º Não pode ser encaminhado à Banca Avaliadora o Trabalho de Conclusão de Curso que não estiver autorizado pelo orientador, isto é, que não obtiver parecer favorável do mesmo. Neste caso, o orientador deve comunicar, por escrito, à Coordenação Acadêmica do Curso o motivo que impossibilita a apresentação do estudo, pelo aluno, no prazo previsto.

**Art. 9º** Por motivo justificado, com apreciação do orientador e mediante a aprovação do Colegiado do Curso de Licenciatura, o discente pode interromper o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso.

Parágrafo Único: Excepcionalmente, o Colegiado do Curso de Licenciatura pode conceder prorrogação de prazo ao discente que apresente motivos considerados relevantes para o não cumprimento do prazo regulamentar.

**Art. 10** Em considerando que o orientador não tem atendido às demandas de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, o discente pode solicitar à Coordenação do Curso troca de orientador.

Parágrafo Único: Cabe ao discente conseguir novo orientador.

**Art. 11** Em considerando que o orientando não tem atendido às demandas de realização do Trabalho de Conclusão de Curso, o docente pode solicitar à Coordenação do Curso o encerramento de sua atuação como orientador daquele trabalho.

**Art. 12** A troca de tema de pesquisa durante o processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso não é desejável, mas é permitida.

**Art. 13** Cabe ao orientador, em sendo favorável sua avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso, encaminhar memorando à Coordenação do Curso autorizando a apresentação oral do referido trabalho perante Banca Avaliadora, no prazo de no máximo 10 (dez) dias, a contar da data do recebimento da versão final do TCC pelo mesmo.

**Art. 14** O Trabalho de Conclusão de Curso deve ser encaminhado à Banca Avaliadora para leitura com pelo menos 10 (dez) dias de antecedência da data da apresentação.

**Art. 15** A data da apresentação perante Banca Avaliadora deve ser agendada até 30 (trinta) dias antes do término do último período letivo do Curso, para tempo de ocorrência de todos os trâmites de homologação.

**Art. 16** Excepcionalmente, pode ser concedida prorrogação de prazo ao discente que apresentar motivos considerados relevantes para o não cumprimento do prazo regulamentar. Para tanto cabe ao orientador enviar à Coordenação do Curso Memorando do orientador solicitando alteração do prazo para apresentação, justificando a razão da solicitação.

**Art. 17** A Banca Avaliadora é composta por três professores, sendo um deles o orientador do discente que fica encarregado de presidir a apresentação.

**Art. 18** A Banca Avaliadora aprecia (abordagem qualitativa) e atribui pontos de 0 a 10 (abordagem quantitativa) ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado oralmente e por escrito.

§ 1º O registro da apreciação do Trabalho de Conclusão de Curso é de *Aprovação*, *Aprovação Condicional* ou *Reprovação*, justificado em parecer e assinado pelos membros da Banca Avaliadora.

§ 2º O Trabalho de Conclusão de Curso é considerado *Aprovado* quando o número de pontos obtidos na apreciação da Banca Avaliadora for igual ou maior a nota mínima definida na Regulamentação Didático-pedagógica.

§ 3º O Trabalho de Conclusão de Curso é considerado *Aprovado Condicionalmente* quando, apesar do número de pontos obtidos na apreciação da Banca Avaliadora ser igual ou superior a nota mínima definida na Regulamentação Didático-pedagógica, há necessidade de serem efetuadas algumas alterações indicadas pela Banca Avaliadora.

§ 4º O Trabalho de Conclusão de Curso é considerado *Reprovado* quando o número de pontos obtidos na apreciação da Banca Avaliadora for inferior à nota mínima definida na Regulamentação Didático-pedagógica.

§ 5º A avaliação do TCC deve ser registrada em ata, que deve ser entregue pelo orientador à Coordenação que, por sua vez, encaminha ao Registro Acadêmico.

**Art. 19** Após a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso os alunos tem o prazo 30 (trinta) dias corridos a contar da data da *Aprovação*, para que o trabalho seja homologado.

§ 1º A homologação do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - pela Coordenação do Curso está condicionada à entrega **na Biblioteca do IF Fluminense campus Campos-Centro** (a) da versão final do trabalho com a folha de aprovação incluída e (b) de uma cópia do referido trabalho gravada em CD; **na Coordenação Acadêmica do Curso** (a) do protocolo da

entrega do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC - (Cópia escrita e CD) à Biblioteca e (b) da declaração do orientador de que foram cumpridas as exigências requeridas pela Banca Avaliadora, quando da apresentação oral.

**Art. 20** No caso de o Trabalho de Conclusão de Curso (i) ter sido considerado reprovado pela Banca Avaliadora ou (ii) de o discente, observados os trâmites legais, ter interrompido sua elaboração ou (iii) de o Trabalho de Conclusão de Curso (escrito) não ter sido autorizado pelo orientador para ser encaminhado à Banca Avaliadora, o discente deve estar matriculado no Curso sem o que não pode concluir seu trabalho.

**Art. 21** Os casos omissos neste Regulamento são resolvidos pelo Colegiado do Curso de Licenciatura e, em caso de o discente recorrer da decisão, pelos órgãos superiores do IF Fluminense *campus* Campos-Centro.

**Anexo 8 – Ordem de Serviço do Colegiado**

### ORDEM DE SERVIÇO Nº 10 , de 01 de julho de 2014.

O DIRETOR GERAL DO *CAMPUS* CAMPOS – CENTRO DO IF FLUMINENSE, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E TENDO EM VISTA A PORTARIA IFF Nº 43 DE 11 DE JANEIRO DE 2012, ESTABELECIDADA PELA REITORIA, PUBLICADA NO D.O.U. DE 13/01/2012

#### CONSIDERANDO:

- A necessidade de fortalecer o trabalho coletivo nos cursos do câmpus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense;
- a Ordem de Serviço Nº 22 de 04 de junho de 2013 do câmpus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense que regulamenta a constituição, as atribuições e o funcionamento do Núcleo Docente Estruturante de cursos de Graduação.

#### RESOLVE:

Regulamentar a constituição, as atribuições e o funcionamento do Colegiado dos Cursos do câmpus Campos Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense.

**Art.1º** O Colegiado dos Cursos do câmpus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense é órgão de coordenação e supervisão didático-científico-tecnológica com função normativa e deliberativa.

**Art.2º** São atribuições do Colegiado do Curso:

- eleger os membros do Núcleo Docente Estruturante (NDE) dos Cursos de Graduação, órgão consultivo responsável pela concepção do Projeto Pedagógico do Curso Superior, respeitando os critérios previamente definidos por Ordem de Serviço do Diretor Geral do câmpus Campos Centro;
- participar da elaboração e aprovação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC);

- acompanhar, de forma sistemática, o desenvolvimento das atividades especificadas no Projeto Pedagógico do Curso (PPC);
- definir e acompanhar os procedimentos de avaliação do Curso;
- apreciar a(s) proposta(s) de alteração(ões) do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), quando houver;
- definir e sugerir alterações na infraestrutura dos ambientes de aprendizagem do Curso, a fim de atender ao adequado desenvolvimento das atividades definidas no Projeto Pedagógico do Curso;
- apreciar os trabalhos de releitura curricular realizados pelo NDE do Curso Superior, quando houver;
- incentivar o desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades do Curso, de exigências do mundo do trabalho e da sociedade, afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do Curso;
- cumprir e fazer cumprir as normas e diretrizes referentes aos Cursos de acordo com as regulamentações vigentes do Instituto Federal Fluminense;
- apreciar o calendário anual de atividades do Curso e propor alteração, quando necessário;
- apreciar a indicação dos profissionais responsáveis pelos componentes curriculares, pelas orientações de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) e pelas coordenações/orientações de Projetos Institucionais vinculadas ao Curso, em conformidade com as normas vigentes do Instituto Federal Fluminense;
- emitir parecer sobre processos de revalidação de diplomas de Cursos expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino, quando solicitado;
- apreciar os processos de solicitação de revisão da promoção de alunos, após vencidas todas as instâncias anteriores;
- apreciar convênios e projetos de Pesquisa e de Extensão relacionados ao Curso e realizados com outras Instituições, quando solicitado;
- apreciar os processos de afastamento de capacitação de profissionais vinculados ao Curso apresentando propostas para suprimento das atividades por eles desenvolvidas no referido Curso;

- apreciar propostas de distribuição de recursos financeiros relativos a atos da Coordenação do Curso;
- sugerir e promover atividades de integração com os Colegiados dos demais cursos do câmpus Campos Centro do Instituto Federal Fluminense.

**Art.3º** O Colegiado do Curso será constituído:

- pelo Coordenador Acadêmico do Curso, que no exercício da Presidência deverá:
  - a) convocar e presidir as reuniões do Colegiado, com direito a voto, inclusive o de qualidade;
  - b) representar o Colegiado do Curso junto aos órgãos do câmpus Campos Centro;
  - c) promover a execução das deliberações do Colegiado;
  - d) indicar relator ou comissão para estudo de matéria a ser decidida pelo Colegiado do Curso;
  - e) delegar competência para execução de tarefas específicas;
  - f) decidir, ad referendum, em caso de urgência, sobre matéria de competência do Colegiado;
- pelo Coordenador Adjunto, que substituirá o Coordenador em sua ausência;
- por todos os professores que atuam no Curso;
- por 2 representantes do corpo discente regularmente matriculados, indicados por seus pares.

Parágrafo Único: Caso haja algum impedimento para que um dos representantes possa continuar suas atividades no mesmo, haverá imediata indicação para sua substituição.

**Art.4º** O Colegiado reunir-se-á bimestralmente e extraordinariamente por convocação do Presidente, ou mediante solicitação expressa de, pelo menos, um terço de seus membros.

§ 1º - A participação dos membros do Colegiado nas Reuniões é obrigatória. As ausências deverão ser justificadas junto ao Presidente com antecedência.

§ 2º - As reuniões serão convocadas com antecedência mínima de 48 (quarenta e oito) horas, mencionando-se a pauta.



§ 3º - Em caso de urgência ou excepcionalidade, o prazo de convocação previsto no parágrafo anterior poderá ser reduzido e a indicação de pauta omitida, justificando-se a medida no início da reunião.

§ 4º As decisões do Colegiado do Curso serão tomadas por maioria simples de votos, com base no número de presentes.

**Art.5º** Os casos omissos serão resolvidos pelo Colegiado do Curso e, quando for o caso, em grau de recurso ao Conselho do câmpus Campos Centro.

Campos dos Goytacazes, 01 de julho de 2014.



Jefferson Manhães de Azevedo  
Diretor Geral do IF Fluminense do  
câmpus Campos Centro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE  
JEFFERSON MANHÃES DE AZEVEDO  
Diretor Geral  
câmpus Campos - Centro

**Anexo 9 – Fotos**

Foto 1 - Centro de Artes (Em Reforma)



Foto 2. Bloco G (em construção)



Foto 3. Sala de dança



Foto 4. Núcleo de imagens



Foto 5. Sala de prática teatral



Foto 6. Sala de prática musical



Foto 7. Sala de aula climatizada



Foto 8. Espaço Raul Linhares

